

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

LEONARDO SILVA MÜLLER

TRAJETÓRIA DE RUA: TRÊS CAMINHOS PARA UM DESTINO EM COMUM

Suporte Teórico

CURITIBA

2014

LEONARDO SILVA MÜLLER

TRAJETÓRIA DE RUA: TRÊS CAMINHOS PARA UM DESTINO EM COMUM

Suporte Teórico

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Toni André S. Vieira

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à compreensão e solidariedade de uma quantidade considerável de pessoas que me ajudou, seja dando entrevistas, direções para a produção, informações sobre pessoas de interesse etc.

De forma especial, agradeço a Edson Luís de Souza, Maurício Pereira e Regiane da Silva Keppe. Essas pessoas, além de aceitarem fazer parte do presente trabalho como protagonistas de uma história sobre trajetórias de rua e concordarem em compartilhar sua intimidade, acabaram me ensinando incontáveis lições de vida e talvez nem imaginam o quão importante foi para mim conhecê-las.

Esses três ex-moradores de rua são indivíduos especiais a quem a vida não tratou com a devida delicadeza. Por isso, sinto um grande pesar, mas, ao mesmo tempo, muita alegria em vê-los caminhando esperançosamente.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo servir de suporte teórico para a produção de um livro-reportagem que aborda a situação de pessoas que estão saindo da situação de rua. O livro, chamado “Trajetória de Rua: três caminhos para um destino em comum” traz três personagens principais que contam suas experiências antes, durante e depois de passarem determinados períodos morando nas ruas de Curitiba, Paraná. A produção foi feita no estilo livro-reportagem-retrato, encontrando assim pontos comuns entre os três personagens principais para esclarecer como é a situação de quem mora na rua e, por algum motivo, resolve reaver seus laços sociais com família, amigos e demais. O trabalho foi produzido a partir de entrevistas feitas entre 2013 e 2014 com pessoas em situação de rua, assistentes sociais, voluntários em geral e militantes do Movimento Nacional da População de Rua.

Palavras-chave: situação, rua, pessoas, livro-reportagem, grande, reportagem, retrato, panorama

ABSTRACT

This paper aims to provide a theoretical support for the production of a non-fiction book about the condition of people who are coming out of living on the streets. The book, called "Street Trajectory: three paths to a destination in common" (Trajetória de Rua: três caminhos para um destino em comum) has three main characters who recount their experiences before, during and after passing certain periods living on the streets of Curitiba, Paraná. The production was done following the journalistic non-fiction style, finding common ground between the three main characters to clarify how is the condition of those who live on the street and, for some reason, decides to retrieve their social ties with family, friends and others. The paper was produced from interviews conducted between 2013 and 2014 with people living on the streets, social workers, volunteers in general and activists of the Street Population Nacional Movement (Movimento Nacional da População de Rua).

Keywords: situation, street, people, book, entry, great, reportage, portrait, panorama

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
1.1.1	NOVO LAR.....	7
1.1.2	DIFICULDADES E SOBREVIVÊNCIA.....	9
1.2	OBJETIVOS DE PRODUÇÃO	10
1.3	JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA	11
1.4	POPULAÇÃO DE RUA	13
1.5	VÍNCULOS COM O CAMPO DO SERVIÇO SOCIAL	16
1.6	MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA	17
2.	TEORIA	19
2.1	EMBASAMENTO TEÓRICO	19
2.1.1	FORMATO.....	19
2.1.2	CAPTAÇÃO.....	21
2.1.3	ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO.....	24
2.2	INSPIRAÇÃO	26
2.2.1	NEW JOURNALISM	27
2.2.2	O NOVO MÉTODO.....	28
3.	LIVRO-REPORTAGEM	31
3.1	CATEGORIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM	31
3.1.1	CLASSIFICAÇÃO DO TRABALHO	32
3.1.2	LIVRO-REPORTAGEM-RETRATO	33
3.1.3	SELEÇÃO DOS TRECHOS E O <i>QUOTE-STORY</i>	34
3.2	ESQUELETO DO LIVRO-REPORTAGEM.....	35
3.3	PRODUÇÃO	38
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5.	REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer um retrato sobre a trajetória de ex-moradores de rua da cidade de Curitiba-PR e relatar como eles conseguiram se reintegrar de forma tradicional à sociedade. O objetivo é traçar pontos discordantes e em comum entre eles, desde os eventos mais importantes que os levaram a morar nas ruas até os que culminaram no fim dessa fase de suas vidas. Parte importante deste trabalho é a apresentação de pessoas que trabalharam nos bastidores para que os personagens conseguissem se reinserir em suas famílias e antigos círculos sociais. Entre esses, estão voluntários, familiares, amigos e outros que os assistiram de alguma forma nesse processo.

A produção resultou na confecção de um livro-reportagem protagonizado por três personagens principais (Maurício Pereira, Edson L. de Souza e Regiane Keppe), antigos moradores de rua, todos ligados ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), além de seus assistentes.

Vale observar já de início que os termos “pessoa em situação de rua” e “morador de rua” serão utilizados praticamente como sinônimos a partir daqui. Isso acontece tanto neste suporte teórico quanto no livro-reportagem que o acompanha. A razão para tal é o entendimento de que, como as pessoas que se encontram na rua não vêm o termo “morador de rua” como algo agressivo ou que possa as denegrir, é possível alternar o uso das duas expressões para (1) evitar confusões de leitura com dois termos iguais muito próximos no parágrafo e (2) tornar o texto mais condizente com a realidade das pessoas retratadas.

1.1.1 NOVO LAR

O processo que leva moradores de rua para seus novos lares normalmente é conturbado. Essa condição é notável no discurso de praticamente todos os entrevistados que serão apresentados. Eles explicam sobre o sofrimento

das recaídas — uma vez que boa parte era viciada em algum tipo de droga —, do estranhamento, do período de adaptação à nova realidade, bem como uma infinidade de outras questões particulares a cada um deles. Em uma reunião do MNPR, inclusive, um dos colegas militantes dos nossos entrevistados principais explicou ser “muito difícil se acostumar com a rotina de uma casa própria novamente”. Com isso ele queria dizer que não tinha mais ideia de como lidar com um lar, no sentido de como proceder na hora da limpeza e de rotinas de organização, além não entender as expectativas de pessoas próximas quanto ao fato de ter saído das ruas recentemente.

O líder estadual do MNPR, Leonildo José Monteiro Filho, explica inclusive que, apesar dessas dificuldades iniciais, há sempre o sonho de ter novamente onde morar por parte das pessoas em situação de rua, até mesmo por parte daqueles que afirmam categoricamente que não querem sair das calçadas da capital paranaense.

Leonildo Monteiro, como é mais conhecido, ainda comenta que a resposta-padrão dada aos estranhos de que “não saio da rua por que não quero” é resultante do receio dos moradores de rua. Ou seja, preferem não falar a verdade para qualquer um, principalmente para aqueles que não moram nas ruas. Fora isso, muitas vezes o receio que provoca tal resposta é resultado do medo de enfrentar possíveis consequências de pequenos delitos cometidos. Há um ar de desconfiança entre pessoas em situação de rua que chegam a achar que qualquer estranho no grupo pode ser um policial, investigando crimes ou qualquer outra coisa sombria. Eles têm tanto medo que até eu fui confundido com um agente da polícia civil, mesmo tendo apenas 22 anos e estar fazendo uma simples pesquisa.

Esse receio pode ser percebido também por parte de pessoas que tentam auxiliar os moradores de rua, como foi possível constatar nos depoimentos de alguns entrevistados que acabaram não sendo citados no livro-reportagem, dada a abordagem escolhida.

1.1.2 DIFICULDADES E SOBREVIVÊNCIA

Segundo levantamentos feitos por agências de amparo social, como a Fundação de Ação Social de Curitiba, a FAS, a maioria das pessoas que permanece nas ruas das grandes cidades brasileiras está lá por não conseguir mais se encaixar em suas famílias, ambientes de trabalho ou qualquer outra célula do convívio social.

Depoimentos de envolvidos inferem que abandonar tudo e morar na rua, entretanto, não é uma questão que pode ser revertida apenas com um pouco de vontade. Quem sai de casa, ou perde a sua, enfrenta grandes impedimentos para retornar. Isso porque, se um morador de rua não tem amparo de alguma entidade social, ele não consegue mais ser aceito nas células de convívio que abandonou. Elas aparentam possuir algumas regras para acolher novos integrantes. Uma delas é ter um endereço comprovável.

Além desse problema que se pode classificar como fundamental, pessoas em situação de rua estão desprotegidas em alguns sentidos. O noticiário da cidade, a cada inverno, traz reportagens sobre a morte de moradores de rua. Além das dificuldades provenientes do frio que, muitas vezes, provoca casos de hipotermia, a violência também aflige quem não possui um endereço fixo e precisa se abrigar como pode pelas calçadas.

Quando já nas ruas, a pessoa acaba por viver em função de momentos cruciais para sua sobrevivência. Isso nos é explicado por Edson Luiz de Souza de uma forma que pode ser classificada até como perturbadora. Em seu caso específico, antes de ir dormir, não importando onde encontrava abrigo, era preciso se preparar para o momento do despertar. Como era viciado em álcool, ele precisava logo nos primeiros momentos do dia de alguns “dedos de cachaça”. Caso não tivesse seu “combustível”, como ele gosta de chamar, suas mãos ficavam bastante trêmulas, o impedindo de realizar qualquer atividade no restante do dia.

Depois de conseguir o álcool, era a hora de pensar em como enfrentar o dia para comprar seu almoço. Depois da refeição do meio dia, ele imediatamente

começava a imaginar quais dificuldades teria de contornar para conseguir seu jantar. Em seguida, era a hora de procurar um pouco de cachaça para guardar para o dia seguinte. Por fim, uma rotina em função da busca por comida e álcool. De acordo com ele, a grande maioria dos moradores de rua vive nessa mesma rotina.

A maneira como Edson e os demais conseguiram se tornar livres dessa busca por alimento na cidade é o pano de fundo do livro-reportagem, permitindo ao leitor conhecer um pouco sobre essa outra dimensão de Curitiba que pouca gente consegue enxergar.

1.2 OBJETIVOS DE PRODUÇÃO

Para lidar com esse tema, acredito ser uma boa escolha fazer uma narrativa em forma de grande reportagem em livro, um livro-reportagem. Dessa maneira, seria possível abarcar as mais variadas histórias e descrever diversos contextos sobre a relação dos ex-moradores de rua com as pessoas que os assistiram ao longo do caminho.

Um livro-reportagem é, além de uma grande reportagem em forma de livro, um meio de comunicação jornalístico não periódico que se debruça sobre determinados temas a fim de narrar uma ou várias histórias, reportar fatos e adentrar no mundo da contextualização que não é permitido ao jornalismo diário. Isso acontece porque o livro-reportagem normalmente não está vinculado a uma linha editorial, não tem prazos espremidos para ser concluído e, claramente, possui mais espaço para detalhes relacionados.

Vários autores no mundo inteiro, sobretudo no Brasil, têm se dedicado a encontrar uma definição abrangente e sintética para essa peça jornalística que se populariza e tem um estilismo diferenciado no país. Basicamente, o livro-reportagem obedece a definições de livro, assim como às de reportagem, tornando os dois, um. Portanto, ele é uma publicação impressa com mais de 48 páginas que apresenta

como conteúdo uma grande reportagem. Além do mais, seguindo os princípios de Otto Groth, um pensador alemão que se ocupou de delinear a essência do jornalismo, o livro-reportagem pode se diferenciar de outros formatos jornalísticos ou não por conta de suas características de não periodicidade, entendimento da atualidade de forma mais elástica e pela compreensão de um fato muito mais a partir de suas consequências que pelos detalhes do próprio acontecimento ou tema central.

Isso nos leva ainda aos conceitos de grande reportagem, o cerne do livro-reportagem. Cremilda Medina acredita que a reportagem é a forma por excelência da transmissão de informação social.

A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, do socialismo, ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica. (Medina em entrevista a Edvaldo Pereira Lima, 1993a p. 23)

1.3 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA

Para contar essa história e tentar descrever alguns detalhes que vão ajudar a compreender a dinâmica da relação entre o ex-morador de rua e as pessoas próximas a ele, escolhi utilizar a modalidade do livro-reportagem. Com isso, foi possível ter relativa liberdade no que tange à construção de uma linha temporal para a narração, estilo de escrita, organização da diagramação, além de vários outros aspectos próprios do livro-reportagem.

A escolha desse formato não é pura e simplesmente proveniente da intenção de escrever um livro-reportagem, mas sim da vontade de aproveitar características, como a liberdade editorial e a possibilidade de aprofundamento da narrativa, próprias desse suporte, para esclarecer uma situação delicada como a questão das pessoas em situação de rua, assim como a dinâmica que cerca seu

relacionamento com voluntários, amigos e desconhecidos que os assistem em determinadas ocasiões. Ou seja, quero me aproveitar das ferramentas possíveis para o suporte, a fim de expor uma dimensão de um problema social que afeta milhares de pessoas direta e indiretamente em Curitiba.

Não obstante, o livro-reportagem pode ser considerado uma forma ampliada do jornalismo periódico. Ele tem mais tempo e espaço para se debruçar sobre um assunto, descrevendo seus contextos, relações com demais fatos, além ainda de conseguir humanizar determinadas histórias. Até porque fatos reais do cotidiano são sempre produzidos pela interferência humana, o que justifica a presença de emoções e relatos opinativos de personagens que produziram ou testemunharam determinado fato em uma narrativa que tenta reportá-lo.

Acredito ainda que o livro-reportagem seja uma escolha ideal para o tratamento jornalístico do tema, que pode ser classificado como de grande complexidade.

Existem muitos motivos pelos quais pessoas acabam nas ruas, muitas motivações que tiram cidadãos comuns de seu conforto inerte para levá-los a ajudar necessitados por eles desconhecidos, além de muitas condições de injustiça social que transformam várias pessoas em excluídos de nossa sociedade e assim por diante.

Tendo isso em vista, podemos encaixar as necessidades inerentes à complexidade do tema para uma tentativa de narrar suas histórias e as possibilidades do livro-reportagem, que serve como uma âncora para o leitor que tem vontade de conhecer determinado assunto. Edvaldo Pereira Lima coloca a função do livro-reportagem como sendo a de oferecer uma boa quantidade de informações que consigam situar o leitor acerca do assunto.

O objetivo é oferecer um quadro de contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Nesse caso, o livro-reportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade. Isto é, considera tudo como parte de um conjunto interligado onde dinâmicas interações acontecem, mostrando que a realidade é múltipla, multidimensional. (LIMA, 1993b, p.29).

Com isso, podemos concluir que a capacidade do livro-reportagem de trabalhar de forma mais abrangente e detalhada um assunto como este é bem maior que a de uma reportagem comum, que se vê obrigada a relatar apenas fatos nucleares, recortados da realidade em um quadro pequeno, em que boa parte do contexto fica de fora.

1.4 POPULAÇÃO DE RUA

Para tratar de detalhes específicos sobre a população de rua, tomaremos como base o trabalho de Maria Lúcia Lopes da Silva, em especial a sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Brasília (UnB) “Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno da população em situação de rua no Brasil” (2006). Silva é graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão, mestre e doutora em Política Social pela UnB.

Sua tese é considerada de destaque por ter sido de grande influência para a produção, em 2008, da Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, assinada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva no ano seguinte por meio de decreto presidencial. Essa mesma política ainda utiliza definições e dados estatísticos do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, os quais também serão levados em conta.

Portanto, a definição para “População em situação de rua” oficialmente é a seguinte:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento. Naturalmente, existem muitas outras especificidades que perpassam a população de rua e devem ser consideradas, como gênero,

raça/cor, idade e deficiências físicas e mentais. (Política Nacional para Inclusão Social da População de Rua, 2009, p.9)

A existência de pessoas morando nas ruas de grandes cidades é um fenômeno recorrente em grande parte do mundo. Em uma análise grosseira, é possível dizer que as causas mais determinantes para que uma pessoa acabe por precisar viver nessas circunstâncias são a extrema pobreza ou quebra de laços familiares. Ainda assim, não há como afirmar que a população de rua se constitui apenas por indivíduos afetados por esses problemas. Na verdade, é tido como certo que sempre há um conjunto de fatores em cascata que acarreta no desligamento de um cidadão de seu lar para viver nas calçadas e viadutos.

Ou seja, uma pessoa pode perder toda sua família ou desligar-se dela, mas isso não deve implicar obrigatoriamente em uma mudança de cenário brusca, na qual o indivíduo começa a morar na rua. Por isso, é necessário que diversos fatores se acumulem para o fenômeno acontecer.

Pode-se dizer que o fenômeno da população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam preconceito como marca de grau de dignidade e valor moral pela sociedade. (SILVA, 2006, p.95).

Dessa forma, podemos dizer que o fenômeno da população de rua que ocorre da forma que conhecemos é uma decorrência do sistema capitalista de produção, em que a renda tende a se concentrar desigualmente nas mãos de um grupo em detrimento de outros. Ainda assim, essa também não pode ser considerada a única causa para a existência dessa situação nas grandes cidades.

Além dessa característica que liga a população de rua ao sistema capitalista, Silva (2006) comenta também que o ambiente onde o fenômeno ocorre é outro condicionante. Assim, a situação de pessoas que moram na rua em Curitiba pode ser diferente da de outras que vivem nas calçadas de Brasília, por exemplo. Para deixar isso mais claro, podemos imaginar ainda essa diferença entre Curitiba e Nova York, nos EUA, ou Londres, no Reino Unido, dois dos centros urbanos capitalistas mais antigos que remetem ao formato atual de cidade ocidental. Ambas

sofrem dos mesmos problemas que a capital paranaense quanto a pessoas em situação de rua, mas as três localidades têm histórias completamente diferentes, magnitudes e culturas também diferenciadas. Ou seja, as causas condicionantes para a existência de pessoas morando nas ruas são inúmeras, mas podem ser identificadas em recortes mais limitados.

É um fenômeno (pessoas em situação de rua) que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo. (SILVA, 2006, p.95).

Adiante, Silva (2006) comenta que o fenômeno é pouco estudado no Brasil e, por vezes é praticamente ignorado pelas autoridades de determinadas cidades brasileiras. De acordo com a legislação atual (Arts. 203 e 204, CRFB/88), a interferência do Estado nessas questões deve partir do poder municipal e nunca ter caráter permanente. Quer dizer, as prefeituras têm a responsabilidade de ajudar essas pessoas em situação de rua, mas nunca devem simplesmente dar abrigos definitivos, e sim encorajá-las a se inserir novamente na sociedade através das próprias conquistas.

Contudo, avaliando que a ação dos governos municipais para resolver o problema social era muito fragmentada e, muitas vezes, sem qualquer método profissional, foi criada em Brasília, em maio de 2008, a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. O documento dá linhas gerais para atuação dos municípios e de instituições não governamentais e tenta padronizar a atividade da assistência e serviço social para com pessoas que moram nas ruas dos centros urbanos brasileiros.

A presente política nacional faz parte de um esforço para estabelecer diretrizes e rumos que possibilitem a (re)integração destas pessoas às suas redes familiares e comunitárias, o acesso pleno aos direitos garantidos aos cidadãos brasileiros, o acesso a oportunidades de desenvolvimento social pleno, considerando as relações e significados próprios produzidos pela vivência do espaço público da rua. (Política Nacional Para Inclusão Social da População em Situação de Rua, 2008, p.04).

1.5 VÍNCULOS COM O CAMPO DO SERVIÇO SOCIAL

Além das diretrizes definidas pela Política Nacional, é importante levar em conta também trabalhos teóricos feitos na área específica que lida com pessoas em situação de rua. Para tal, foi feita uma consulta em trabalhos de teóricos do serviço social, com destaque para Walquíria Alves Gomes, professora da Universidade Católica de Goiás que tem publicado artigos sobre o tema, tratando sobre as dinâmicas dos excluídos da sociedade. Um exemplo é o “População adulta de rua: a perversa exclusão social”, publicado em 2000, em um congresso em Goiânia-GO. No texto, ela comenta sobre a forma como as autoridades daquela cidade lidam com a situação dos moradores de rua alcoolistas, além de explicar demais tópicos mais gerais das populações de rua.

Outra obra, proveniente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que também serviu como uma base para a construção desse trabalho é “As múltiplas formas de exclusão social”, organizado por Leonia Capaverde Bulla, Jussara Maria Rosa Mendes e Jane Cruz Prate em 2004. O trabalho desses estudiosos é feito com base em novos e antigos conceitos que o serviço social vem utilizando para analisar não apenas as populações de rua, como os excluídos em geral, colocando nesse grupo, desde pessoas extremamente pobres até aqueles que não conseguem gozar plenamente de seus direitos como cidadãos.

Além desse trabalho organizado na PUCRS, também foi necessário lidar com conceitos mais clássicos sobre o assunto. Michel Foucault (2007), quando fala sobre os excluídos, consegue dar uma boa ideia de como essa dinâmica acontece, mas de uma forma pouco localizada. Com isso, foi possível excluir o fator da interferência do ambiente, do qual fala Silva (2006), e observar essa realidade de forma mais desconectada. Ainda assim, é fundamental levar em conta que as particularidades da cidade de Curitiba, exemplificar como a situação é tratada por

aqui, além de mostrar qualquer desafio extra para os moradores de rua que vivem nesse ambiente.

1.6 MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA

O Movimento Nacional da População de Rua foi originalmente iniciado em uma conferência de catadores de lixo em Belo Horizonte, 2005, quando o MNPR foi oficialmente lançado como um movimento. Antes disso, entretanto, já havia começado a articulação para iniciar o movimento propriamente dito. Um dos fatos desencadeadores para isso acontecer foi a Chacina da Praça da Sé, episódio que vitimou sete moradores de rua em uma única noite nessa praça da cidade de São Paulo, que foi seguida ainda por várias outras atividades do tipo pela capital paulista. Edson L. de Souza conta que, a partir disso, a população de rua sentiu a urgência de se organizar e lutar pelos seus direitos.

Ainda assim, o próprio MNPR, através de uma cartilha educacional que divulga entre seus militantes, remete sua origem às primeiras organizações de moradores de rua já na década de 1960. Essas organizações não caracterizaram um movimento propriamente dito, mas conseguiram organizar algumas manifestações em grandes cidades brasileiras. Isso aconteceu novamente na década de 1990.

Desde 2005, quando o movimento passou a existir, vários militantes iniciaram as articulações do MNPR em grandes cidades de todas as regiões do Brasil. No Paraná, por exemplo, há dois grandes núcleos com importância nacional, o de Curitiba e o de Londrina, no norte do estado.

Na mesma cartilha, o MNPR esclarece ainda alguns princípios e diretrizes que desejam seguir e coloca a democracia e a valorização do coletivo como seus pontos principais. É possível conferir todo o material em <http://1drv.ms/1kLRihG>.

2. TEORIA

Neste capítulo, serão apresentados elementos teóricos que foram utilizados para basear a produção do livro-reportagem. Foram levadas em conta mais especificamente algumas linhas de pensamento teórico; tópicos técnicos sobre formato e captação; e detalhes para exemplificar o New Journalism, corrente inspiradora deste trabalho. Tudo isso ficou dividido em duas seções principais para explicar o embasamento teórico e a inspiração.

2.1 EMBASAMENTO TEÓRICO

Esta seção em específico vai apresentar os elementos mais técnicos da teoria utilizada para a construção do livro-reportagem e deste suporte teórico. Assim, será tratado sobre o formato escolhido, sobre a captação de material e, por fim, sobre a entrevista em profundidade e observação participante, os principais métodos para a produção de um livro-reportagem.

2.1.1 FORMATO

Produzir um livro-reportagem é uma tarefa parecida com a produção de uma reportagem tradicional se levarmos em conta apenas os aspectos mais simples e triviais. É necessário ter uma pauta, fontes das mais variadas para informar detalhes, um tempo para recolher demais informações e, por fim, produzir o conteúdo em si; um texto, um vídeo ou relato gravado qualquer, no caso de outros produtos que não o livro. De fato, um livro-reportagem pode ser considerado uma reportagem em forma de livro, mas esse suporte é o que muda e potencializa todas essas etapas da produção de uma reportagem.

Até hoje, o trabalho de Edvaldo Pereira Lima (1993) acerca do livro-reportagem é considerado um dos mais completos e bem elaborados. Ele comenta que o livro-reportagem pode ser definido simplesmente como uma peça jornalística

sem periodicidade. Isso numa forma bastante reducionista, mas que consegue dar cabo de diferenciar esse tipo de trabalho dos demais. Outros detalhes típicos podem ser explicados com mais precisão.

O livro-reportagem é – além de uma peça jornalística – um produto cultural que comunica fatos concretos. Ele é também a reportagem por excelência, considerando assim que o trabalho feito na imprensa diária é uma versão reduzida, mais enxuta e adequada à periodicidade frenética do cotidiano. Ou seja, um livro-reportagem é a reportagem como deveria ser feita por padrão, não apenas uma variante do jornalismo. (LIMA, 1993bb).

O valor essencial do livro-reportagem na sociedade moderna reside em sua capacidade de estender a função informativa e orientativa do jornalismo cotidiano. A imprensa regular deixa muitos vazios encobertos, que podem ser e são desvendados pela reportagem em forma de livro. Mais do que isso, o livro-reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade, na medida em que não fica, muitas vezes, limitado aos fatos isolados do cotidiano que geram as notícias dos outros veículos jornalísticos. (LIMA, 1993b, p.17).

Com isso, podemos entender que Lima vê a grande reportagem como uma forma de praticar o jornalismo em sua definição completa, sem deixar vazios encobertos ou ficar limitado ao imediatismo do cotidiano.

Outro ponto importante que influenciou na escolha da reportagem em forma de livro para executar este trabalho é o alto grau de liberdade que se pode ter com o suporte, além de ser ainda conveniente. O livro-reportagem requer um trabalho de produção bastante esmerado, mas não depende de tantos fatores técnicos para conseguir uma boa apresentação. Isso comparando com um documentário em vídeo ou áudio, para os quais é necessário trabalhar mais a questão estética do produto para que ele conte com uma boa apresentação.

O livro, por sua vez, por ser uma tecnologia dominada pelo homem há milênios, mas “profissionalizado” mais tarde por Gutenberg e sua prensa, requer elementos mais simples para tal. Dessa maneira, é possível economizar tempo e esforço para melhorar o conteúdo e, ainda assim, contar com uma reportagem bem feita e agradável aos olhos do leitor.

Tratando sobre o grau de liberdade, refere-se ao potencial de experimentação da grande reportagem. Esse trabalho sendo feito em livro abre inúmeras possibilidades para pensar e programar a produção. É possível utilizar as mais diversas linhas estilísticas de diagramação, assim como elementos na página que podem complementar determinado conteúdo sem quebrar a fluidez do texto, sem falar de várias outras possibilidades.

Além disso, a questão da experimentação na linguagem, na abordagem de temas, na tomada de decisões para construir uma linearidade única e possibilidades nesse sentido são próprias de produções como um livro-reportagem. Ou seja, “É a mídia mais rica em possibilidades de experimentação” (BELO, 2006, p.41).

Eduardo Belo é bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tem uma extensa experiência profissional no ramo. Ele fez parte da equipe de jornais como O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã e Gazeta Mercantil. Atualmente é editor da Bala letra Editora e colaborador do jornal Valor Econômico.

O texto acima que se refere a ele é proveniente do seu livro “Livro-reportagem”, publicando em 2006 pela Contexto. Junto ao trabalho de Edvaldo Pereira Lima, essa produção específica de Belo é importante para o entendimento inicial dos mecanismos do livro-reportagem e, por conta disso, também foi utilizado como base teórica.

2.1.2 CAPTAÇÃO

O jornalismo tem como ferramenta fundamental a entrevista. Ela serve não apenas para receber informações dos mais variados tipos de fontes, como também auxilia o jornalista a perceber inúmeras circunstâncias que condicionam o fato ao qual deve descrever.

Durante uma entrevista, é possível captar dados objetivos e subjetivos. Obviamente, na imprensa diária, a subjetividade não tem espaço, por isso somente a frieza do discurso transcrito da fonte é o que vale. No livro-reportagem, essa história pode ser outra. A observação do comportamento da fonte, do seu vestuário, de gestos, de uma possível hesitação ou prazer em comentar algum assunto pode fazer toda a diferença na hora de comunicar o fato para o leitor.

Para sistematizar a forma como um repórter pode receber informações de uma fonte, Nilson Lage (2006) faz uma tipificação da entrevista. Ele identifica a existência de quatro formas básicas, cada uma servindo para finalidades diferentes. São elas:

1. **Ritualística:** é de breve duração, mais centrada na exposição do entrevistado do que no que ele tem a dizer. As declarações ou são irrelevantes ou já são esperadas. Muito usada em casos nos quais o entrevistado é uma pessoa famosa que está em turnê por uma cidade, por exemplo. Assim, o conteúdo que ele apresenta no local já sendo conhecido, sobra a sua presença para ser comunicada.
2. **Temática:** aborda um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado possua conhecimento e autoridade para responder. Pode ajudar na compreensão de um problema ou apenas expor um ponto de vista. É mais usada quando um repórter fala com um especialista sobre um tema técnico que requer legitimação. Um repórter fala com um engenheiro de trânsito, por exemplo, para que ele explique a situação do tráfego.
3. **Testemunhal:** definida pelo relato do entrevistado a respeito de algo que ele participou ou testemunhou. Reconstitui-se o fato a partir do ponto de vista particular do entrevistado. Podemos exemplificar esse tipo com uma situação em que um crime foi cometido, mas o infrator ou a vítima não podem ser consultados. O jornalista se volta para os presentes e tenta extrair de uma testemunha os detalhes do acontecido.

4. **Em profundidade:** nesse caso, o foco não está em nenhum tema ou acontecimento específico, e sim na figura do entrevistado. Procura-se construir um ensaio sobre o personagem a partir de seus depoimentos. É mais usada para a produção de perfis de personalidades de interesse público. Pode ser feita em mais de uma sessão. Dependendo do caso, é longa e tenta captar muita informação, normalmente organizada da forma como a fonte pretende contar.

Avaliando esses formatos identificados por Lage (2006), podemos considerar que uma grande reportagem em forma de livro vai ser construída basicamente a partir dos três últimos tipos. Isso porque a entrevista ritual é típica do jornalismo diário, em que a linha editorial e a fabricação de pautas sem muita relevância forçam a realização desse tipo de encontro entre jornalista e fonte. Na grande reportagem, a intenção é exatamente evitar conteúdos rasos e tentar identificar diversos níveis de contextualização.

Pensando assim, podemos fazer um paralelo entre a tipificação da entrevista com as “esferas concêntricas”: níveis de contextualização necessários para a construção da narrativa de um livro-reportagem. Esse conceito é explicado por Lima (1993b) exemplificando como uma grande reportagem deve ser mais abrangente que peças jornalísticas cotidianas encontradas na grande imprensa.

Para cumprir bem seu papel, o livro-reportagem trabalha de maneira bastante elástica as dimensões de tempo e espaço que delimitam a narrativa jornalística. Cada uma dessas dimensões pode ser vista como conjunto de esferas de tamanhos variados, sobrepostas umas às outras, mas que têm um mesmo centro.

Em termos espaciais, no centro de tudo encontra-se o fato nuclear que desperta o interesse da cobertura jornalística. Em torno, na primeira esfera, está o espaço geográfico imediato dessa ocorrência. Numa segunda esfera, maior, encontra-se um fato secundário e um espaço geográfico adicional relacionado ao acontecimento central. Numa terceira, mais afastada da primeira, estão os efeitos, as repercussões mais importantes. Na quarta, está o espaço psicológico extra, mais sutil, onde o acontecimento da primeira esfera também provoca ressonância. (LIMA, 1993b, p.30).

Com isso, podemos comparar o nível de abrangência de cada uma das esferas concêntricas do fato noticioso apresentados por Lima (1993b) com os quatro tipos de entrevistas identificados por Lage (2006). É possível notar que cada tipo de entrevista deixa transparecer o seu grau de profundidade ou a sua capacidade de

obter conteúdos mais ricos. Nas esferas concêntricas, ficam claros os graus abrangência que um repórter pode identificar a partir da cobertura de um fato nuclear.

Assim, indo do primeiro tipo de entrevista até o último é possível dizer que, para o livro-reportagem, o que mais interessa são os três últimos tipos apresentados por Lage (2006), assim como as três últimas esferas concêntricas de Lima (1993b). Ou seja, a contextualização deve ser privilegiada, mas as informações nucleares ainda precisam estar presentes, para que o todo tenha um sentido. Com isso, a grande reportagem em forma de livro deve conseguir cumprir seu papel de suprir os vazios encobertos deixados pela imprensa diária, com sua pressa, dando mais detalhes para que o leitor possa compreender melhor determinada situação.

2.1.3 ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO

Existem duas formas de captação que estão entre as principais para realização desse trabalho. Elas se referem ao modo de abordagem com pessoas com trajetória de rua, além de servirem ainda para entrar em contato com os voluntários, amigos, familiares e outros indivíduos importantes para a recuperação de uma pessoa em situação de rua. A primeira é a observação participante, na qual o pesquisador se põe a fazer parte do grupo que deseja observar. Essa técnica, portanto, permite ao observador partilhar, na medida em que as circunstâncias permitam, as atividades, conversas, interesses dos grupos, além de encontros etc. sem que sua presença caracterize a observação intrusa.

Essa forma de observação, apesar de ser bastante características das ciências sociais, é, não tão metodicamente, também uma fonte do New Journalism, sendo que o “fazer parte” para os contemporâneos dessa corrente era de extrema importância. A partir disso, eles tiravam suas impressões e conseguiam fazer relatos mais humanos sobre as situações as quais estavam focados em descrever.

Fora do âmbito jornalístico, o livro-reportagem tem procurado se reciclar com métodos mais eficazes de captação, como as histórias de vida e a observação participante, nas suas diversas variantes, recursos próprios das ciências sociais. São métodos que permitem um relato do real minimamente viciado pela interferência do autor, na medida em que se busca respeitar ao máximo a cultura e a linguagem dos personagens sobre os quais se quer trabalhar. Além disso, servem para que se cruzem diferentes informações, de modo que apareçam, evidenciados, padrões e tendências dos grupos sociais. (LIMA, 1993b, p.38).

Como Lima (1993b) explica, a vontade de se buscar formas mais precisas, mais profundas, para captar dados para a execução de um livro-reportagem, podemos perceber que a incorporação de métodos que não são próprios da área do jornalismo não é vista como algo sem validade ou que possa trazer algum dano à observação do repórter. Pelo contrário, a entrevista comum que o jornalista costuma realizar com suas fontes no cotidiano, hora ou outra, se mostra insuficiente para atingir graus de profundidade maiores no recolhimento de informações. Isso fica mais evidente quando se quer chegar a elementos intangíveis, como sentimentos, opiniões mais pessoais e outros que não podem ser mesurados com facilidade.

O outro ponto que acredito ser fundamental para a elaboração do livro é a entrevista em profundidade, acima tipificada por Nilson Lage (2006). Esse tipo de entrevista é um recurso que permite a busca, baseada em pressupostos anteriormente definidos, de respostas provenientes das experiências subjetivas e objetivas de uma fonte escolhida por concentrar informações que se pretende obter. Esse tipo de metodologia se faz presente em vários campos, inclusive em investigações jornalísticas.

Dessa maneira, a coleta dos dados para o trabalho não pode ser uma atividade separada da observação participante, já que a chance de falar com muitas fontes pode não se repetir em muitos casos, principalmente as secundárias que ajudaram a descrever os personagens principais. Com isso, foi preciso conciliar o tempo de observação/participação com entrevistas nos locais de atuação de Regiane, Maurício e Edson, mas de forma regrada para preservar a naturalidade dos entrevistados.

Essa preservação da naturalidade parece ser um ponto importante para Liliane Kandel, estudiosa das formas de entrevista, principalmente aquelas focadas para a realização de pesquisas de opinião. Esse tipo de entrevista, entretanto, não se aplica nesse trabalho, uma vez que se pretende coletar informações subjetivas, objetivas e contextuais. Ainda assim, as preocupações com a relação entre entrevistado e entrevistador permanecem as mesmas até certo ponto.

Entrevista em pesquisa não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as informações dadas pelo sujeito (o material que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador. (KANDEL, 1981, p.178).

Como ferramenta fundamental para se obter informações sobre tudo o que é relacionado à condição humana, a entrevista, de maneira geral e sem restrições às formas de uso de cada área do conhecimento, é tida pela dupla de sociólogos ingleses Andrea Fontana e James Frey, que fazem um retrato da entrevista de forma histórica, como a ferramenta fundamental para a produção de conhecimento nas ciências humanas.

A entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana. (FONTANA & FREY, 1994, p.316).

2.2 INSPIRAÇÃO

Todo trabalho de conclusão de curso possui uma linha de pensamento ou corrente que inspira a sua criação. Isso não quer dizer obrigatoriamente que o trabalho em questão deve seguir estritamente todos os detalhes, ensinamentos e peculiaridades desse elemento inspirador. Apesar disso, é importante apresentar de onde vem a vontade de prosseguir como uma produção complexa e, para um livro-reportagem, o New Journalism é sempre inspirador. Dessa forma, nesse tópico ele será detalhado num primeiro momento e, em seguida, o texto discorre sobre as novidades relacionadas à metodologia que essa corrente trouxe para o jornalismo e para este trabalho.

2.2.1 NEW JOURNALISM

O New Journalism pode ser considerado a corrente que representou um grande salto de qualidade para o jornalismo. Ele colocou a humanização da narrativa dos fatos em evidência para um mundo no qual praticamente imperavam o jornalismo periódico — o da grande imprensa, que pretendia ser neutro e o mais exato possível — e o jornalismo literário — que já vinha sendo praticado por alguns escritores e jornalistas antes mesmo do surgimento da corrente nos EUA dos anos 1960-70. Ainda assim, os bons trabalhos desse segundo tipo raramente chamavam muita atenção, talvez até por certo preconceito ou complexo de inferioridade do qual sofria o gênero frente a literatura tradicional, como relata Lima (1993b) e vários outros estudiosos do tema, como Eduardo Belo (2006).

Mesmo com essa conjuntura, um dos melhores exemplos que se pode citar desse período é o trabalho de John Hersey com “Hiroshima”, livro produzido antes desse período de “ebulição” do jornalismo norte-americano, mas que já previa algumas das mais marcantes características do mesmo.

Essa obra é tida até hoje por muitos como a melhor grande reportagem já produzida e seu formato é dissecado e estudado a fundo nas faculdades de jornalismo do Brasil e do mundo. Inicialmente, “Hiroshima” foi publicado como uma série de artigos e, posteriormente, foi editado em livro.

Apesar do intercâmbio de influências entre o jornalismo e a literatura, o primeiro sempre foi considerado inferior em termos de domínio da arte de narrar. Mas a exuberância e a sofisticação estilística alcançadas pelo New Journalism americano, tendência que reviveu a tradição do jornalismo praticado com requintes literários, revigorou sobremaneira a grande reportagem, em especial na forma de livro, fazendo muita gente rever suas críticas. Porque o salto de qualidade foi considerável. (LIMA, 1993b, p.44).

O New Journalism, ao contrário do que se pode pensar, não surgiu do nada. Era uma corrente do jornalismo que pegou carona nas transformações sociais

que aconteciam na América do Norte naquelas décadas. Havia todo um desenvolvimento industrial acelerado, com o modo de vida do cidadão estadunidense se tornando mais e mais desenvolvido em seus “objetivos”, sem contar os movimentos contraculturais, que desprezavam toda a pasteurização da sociedade daquele país e tentavam chocar os conservadores. Além dos Híppies, um desses movimentos foi o New Journalism, um resultado da inquietação produzida pelo desenvolvimento daquela sociedade, naquele período de tempo, que acabou se tornando referência para a prática em todo o mundo.

Com isso, é possível dizer que o New Journalism, apesar de não ser a única corrente que guiou este trabalho, é uma grande inspiração para forma da narrativa e de coleta de dados, que presa sobretudo os detalhes que aparentam ser insignificantes, mas que, no fim das contas, acarretam em uma beleza singular para o livro-reportagem.

2.2.2 O NOVO MÉTODO

Com a propagação do New Journalism ou Novo Jornalismo, foi se percebendo que o interessante daquela corrente era o seu ar “libertador”, para colocar em termos mais simples. Na verdade, o que acontecia era a tomada de consciência de que as antigas regras não eram tão intransponíveis quanto se imaginava para a prática do jornalismo e, em decorrência disso, muitos trabalhos extremamente experimentais foram produzidos, a fim de testar os limites da novidade como um todo.

Obviamente, não havia a intenção subversiva de, de repente, abandonar todos os conceitos de noticiabilidade e veracidade. Afinal de contas, mesmo que com teor literário, o que se deseja fazer era jornalismo e não ficção.

Tom Wolfe, autor de “O Radical Chique e o Novo Jornalismo” de 1973, fez dessa obra em específico uma espécie de cartilha do Novo Jornalismo e tratou de

detalhar o que significava essa novidade que começava a se desenhar com traços mais robustos. Ele consegue explicar melhor qual era a ideia central por trás da busca pelo novo.

Neste Novo Jornalismo, não há regras sacerdotais; em nenhum caso... Se o jornalista quer mudar o ponto de vista da terceira pessoa para o ponto de vista da primeira pessoa na mesma cena, ou entrar e sair dos pontos de vista de diferentes personagens, ou até da voz onisciente do narrador para o fluxo de consciência de alguma outra pessoa [...] ele simplesmente faz isso. Para os glutões godos ainda existe apenas a norma do fora da lei quanto à técnica: pegue, use, improvise. (WOLFE, 1973, p.57).

Simplificando, o que Wolfe quer dizer com isso é que o Novo Jornalismo era baseado na produção autoral e, por ser algo autoral, pertencente e feito a gosto do seu autor, não haveria problemas se o jornalista colocasse um pé ou até mesmo dois fora da faixa das regras tradicionais do jornalismo dos anos 1960-70.

Evitava-se o engessamento e tentava-se dar algo interessante para o leitor, não apenas pelo conteúdo pouco usual, mas também pela forma como esse conteúdo era entregue. Havia a necessidade de transformar o que se tinha construído como jornalismo até então.

Pode parecer, com isso, que esse novo método no qual se fala não era na verdade um método. Da forma mais literal, não poderia mesmo ser considerado como método, uma vez que ele era testado apenas uma vez, não era utilizado sempre da mesma forma por quem tinha interesse em testá-lo e, com isso, não caberia no conceito tradicional de método.

Entretanto, o que cada autor do Novo Jornalismo tinha em mente era criar o próprio método, o próprio estilo para aquela obra, o que a tornaria única. Esse estilo único também é entendido por Lima (1993a) como uma das mais importantes características do Novo Jornalismo.

É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão a vida aos acontecimentos. Espera-se do narrador uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto. (LIMA, 1993a, p.10).

Apesar de não haver uma metodologia universal para o Novo Jornalismo, há sim algumas diretrizes centrais que o caracterizam como tal. Tom Wolfe (1973)

acredita que essas diretrizes eram quatro pontos-chave: (1) o fato de reconstruir a história cena a cena na narrativa; (2) registrar os diálogos completos; (3) apresentar cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e; (4) registrar hábitos, acontecimentos ou elementos subjetivos captados durante o trabalho com as fontes, como vestimentas, gostos e desgostos, estado de humor etc. Tudo isso operaria como uma forma de simbolismo para deixar a narrativa e os personagens mais concretos no imaginário do leitor.

3. LIVRO-REPORTAGEM

Neste capítulo, será tratado sobre o livro-reportagem propriamente produzido. As diretrizes que ele seguiu, como categorização, seção de conteúdo e assim por diante. O esqueleto do livro também é apresentado com cada tópico resumido e, para finalizar, os detalhes do processo de produção são explicados.

3.1 CATEGORIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

A produção de um livro-reportagem é um processo lento e exige programação para que cada capítulo leve sua história da maneira como era desejado de início pelo autor. Ainda assim, no meio do caminho, é possível que algumas adequações sejam necessárias, o que não deve desmerecer a programação anterior, mas sim dar corda para a confecção de uma nova programação. No caso do livro-reportagem a que este trabalho serve de base teórica, foram necessárias várias “reprogramações”, se assim podemos dizer, para que se chegasse ao estilo e conteúdo final.

De início, a ideia era criar um livro-reportagem com perfis de pessoas que assistiam moradores de rua de alguma maneira: pessoas que faziam parte de instituições de caridade, de comunidades de religiosos e de grupos independentes que preparavam o “Sopão da Solidariedade” na Praça Tiradentes para alimentar os moradores de rua que se viam necessitados. Paralelamente a isso, haveria alguns perfis de pessoas em situação de rua que participavam bastante desses sopões e que tinham alguma relação próxima com os que os ajudavam.

A ideia foi descartada por não ter rendido conteúdo necessário para contar histórias com detalhes, uma vez que as pessoas em situação de rua não mostravam abertura para contar suas histórias nos primeiros encontros e, como era muito difícil encontrá-las mais de uma vez de forma seguida, as entrevistas não avançavam como era necessário. Os assistentes e voluntários também tinham muito

receio de falar sobre os moradores de rua para não afastá-los da ação e suas histórias acabaram muito genéricas e referentes a muitas pessoas diferentes.

Em face a esse problema, foi resolvido, por fim, acompanhar pessoas que estavam saindo ou que tinham saído de situação de rua recentemente. A decisão se mostrou acertada e, depois de algum tempo, com a filtragem de algumas pessoas, chegou-se ao número de três personagens principais que protagonizam a história do livro-reportagem que segue em anexo.

Para complementar e comprovar os depoimentos desses personagens, algumas pessoas que estiveram próximas a eles no processo de saída das ruas foram entrevistadas e as consideradas mais importantes também entraram com seus depoimentos no livro.

Portanto, o que aconteceu foi uma inversão de protagonistas. Anteriormente, os assistentes e voluntários seriam os personagens que contariam suas histórias e os moradores de rua relacionados a elas contariam sobre sua relação com os primeiros através de seus depoimentos. No fim, com o problema resolvido a partir de uma inversão, o resultado, o livro propriamente dito, precisou ser reestilizado. Passou de livro de perfis para um livro de depoimentos sobre uma seção da sociedade brasileira, o povo em situação de rua.

3.1.1 CLASSIFICAÇÃO DO TRABALHO

Edvaldo Pereira Lima propõe uma classificação do livro-reportagem a partir de dois pontos principais: o objetivo da produção e a natureza do tema. Com isso, é possível observar que variedade de livro reportagem se tem nas mãos, podendo inclusive avaliá-lo de forma mais precisa e entender sua razão de ser.

Ao todo, Lima consegue identificar 13 tipos de livro-reportagem de acordo com a forma de categorização proposta, mas somente uma delas se mostra precisa para abarcar as características de “Trajetória de Rua: três caminhos para um destino em comum”.

O livro-reportagem-retrato exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, uma atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, sobre tudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado. Em decorrência, seu estilo o caracteriza, por vezes, em *quote-story*. Ilustra essa linha, *Airport International*, de Brian Moynahan, que escolhe retratar o aeroporto londrino de Heathrow para mostrar os bastidores de um grande aeroporto internacional. (LIMA, 1993a, p.53)

Sendo que essa categoria específica apontada por Lima, a do livro-reportagem-retrato, se encaixa tão bem nas características do livro produzido para este trabalho, vamos analisar alguns pontos da produção seguindo essa forma de identificação.

3.1.2 LIVRO-REPORTAGEM-RETRATO

Como Lima ressalta já de início, o livro-reportagem-retrato se assemelha ao livro de perfis, em que um ou mais personagens centrais são foco da produção e da história. Nesse tipo, o objetivo da produção e o foco da história são inteiramente relacionados à personalidade escolhida. Já na categoria que este trabalho se encaixa, o objetivo e o foco são um pouco mais distantes.

O objetivo aqui foi confeccionar uma grande reportagem que pudesse esclarecer a situação das pessoas que estão em vias de sair das ruas ou com esse processo já concluído. Eles não são mais moradores de rua, mas ainda não se sentem parte da população tradicional, que sempre contou com um lar para se abrigar. Assim, partindo do princípio de que esse conhecimento deve chegar a todos, o livro-reportagem foi escolhido como suporte para veicular isso.

Outro ponto de encontro é foco deste trabalho. O livro-reportagem-retrato, de acordo com Lima, normalmente tem como foco elucidar temas relacionados a um setor, seja ele da sociedade, de uma atividade econômica ou uma ou uma região geográfica. Assim, tendo as pessoas em situação de rua e seus processos para

abandonar essa condição como foco, a produção deste livro também reflete a ideia de setorização.

Apesar do presente trabalho relatar os acontecimentos de vida de Regiane Keppe, Edson L. de Souza e Maurício Pereira, ele não é propriamente um agregado de perfis dessas pessoas, sendo que o que elas têm em comum é o que realmente importa. Dessa forma, esta produção se assemelha, mas também se distancia dos livros de perfis ao mesmo tempo.

O caráter educativo deste trabalho está implícito pela forma como o tema é tratado e, para esclarecer os jargões desse setor da sociedade, foi trocado em miúdos alguns temas, expressões e gírias próprias que o grande público que desconhece essa parte da sociedade dificilmente conheceria sem tais explicações.

3.1.3 SELEÇÃO DOS TRECHOS E O *QUOTE-STORY*

Como Lima (1993a) também comenta em sua classificação do livro-reportagem-retrato a produção “Trajetória de Rua: três caminhos para um destino em comum” tem um pouco do estilo *quote-story* ou reportagem documental, em que determinados fatos são narrados a partir da seleção de trechos do discurso direto das fontes ou documentos, ou seja as citações dos próprios personagens, o que caracteriza o “*quote*” (citação, em inglês).

Isso acontece neste trabalho porque o acredito ser mais condizente com a verdade em seus pequenos detalhes, deixar a própria fonte tocar nos assuntos mais sensíveis. Isso, além de evitar possíveis equívocos de interpretação, deixa a história mais humana, pois o discurso direto, da fonte, consegue transmitir mais emoção e credibilidade que um discurso indireto, resultado da interpretação do autor.

Sendo assim, os trechos em que as fontes do presente trabalho são citadas de forma direta foram escolhidos para que o leitor possa interpretar por si só a emoção e as condições nas quais a fonte relatou os acontecimentos. Para que isso fosse possível, entretanto, foi necessário editar as frases para que elas se

tornassem inteligíveis na linguagem escrita e não confundissem o leitor. Dessa maneira, todas as citações, quando passaram por esse processo de conversão, perderam alguns elementos e vícios de linguagem das pessoas que as originalmente produziram. Mesmo assim, de maneira alguma, isso resultou na perda de sentido ou deslocamento arbitrário de qualquer frase dessas pessoas.

Essa conversão é um processo natural do jornalismo e extremamente necessária para manter o leitor focado no assunto sem se perder em rodeios. Em alguns dos capítulos do livro, inclusive, foram preservados grandes trechos de citações dos entrevistados para garantir justamente a transparência do discurso e seu real sentido e significado.

Alguns trechos acabaram de fora da história por pedido dos personagens, uma vez que foram classificados como desnecessários para o entendimento da situação da população de rua e sua luta para voltar ao lar, tendo muito teor particular e sem qualquer envolvimento com a história principal.

Mesmo assim, alguns elementos bastante pessoais desses personagens acabaram sendo necessários para que o leitor conseguisse imaginar como essas pessoas são, como se sentiram e quais condições às levaram para as ruas. Prova disso, podemos adiantar, são: a briga de Maurício com seu irmão Vinícius, o fato de Regiane ter dado os filhos do primeiro casamento para o ex-marido devido pressão da mãe e os relatos de Nadir sobre as recaídas de Edson.

3.2 ESQUELETO DO LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem que segue juntamente com este trabalho teórico foi construído da seguinte forma: são cinco capítulos, sendo o primeiro introdutório e os três seguintes dedicados a cada um dos personagens (Maurício, Edson e Regiane, nesta ordem). O quinto e último capítulo é o de encerramento, que apresenta algumas informações gerais sobre a população em situação de rua e como cada um dos personagens retratados anteriormente se encaixava no cenário apresentado.

A seguir, todos os tópicos do livro de forma detalhada:

1. **Apresentação:** Comenta um pouco sobre a situação dos moradores de rua ou pessoas em situação de rua e apresenta os personagens com um resumo de suas histórias.
2. **Maurício, o eloquente:** detalha melhor as características de Maurício Pereira, um ex-morador de rua que ainda frequenta os equipamentos de apoio da prefeitura.
 - 2.1 **Tensão familiar:** explica alguns detalhes pertinentes à família de Maurício, principalmente no que toca a relação com sua mãe e com Vinícius, seu irmão.
 - 2.2 **Prisão:** Maurício esteve preso em decorrência da briga que teve com seu irmão. Esse tópico relata as experiências e detalhes percebidos por ele naquele ambiente.
 - 2.3 **Um ano de luto:** explica a relação de Maurício com seu namorado, Mauro. Ele faleceu e isso significou uma grande mudança na vida de nosso personagem.
 - 2.4 **Liberdade e solidão:** comenta sobre o período pós-prisão de Maurício até quando ele finalmente acabou por morar nas ruas.
 - 2.5 **Parte da rua:** aqui Maurício conta algumas experiências que adquiriu no seu período de rua e como foi sua adaptação à sua nova condição.
 - 2.6 **Desencadeante:** este tópico explica a relação entre Maurício e Cynthia, a coordenadora do Centro POP que ele frequentava. Para ele, ela foi de grande importância na sua recuperação.
 - 2.7 **Comunidade:** aqui a história de Maurício e seu bairro, o Parolin, é esclarecida, tendo em vista que o local teve grande influência positiva e negativa em sua vida.
 - 2.8 **Resolver a vida:** finaliza a história de rua de Maurício e conta alguns dos planos que ele tem para o futuro.
3. **Edson, o trecheiro:** inicia apresentando detalhadamente o personagem Edson Luiz de Souza. Algumas curiosidades sobre ele também são comentadas.
 - 3.1 **Alcoolismo ou família:** explica como Edson era dividido entre o alcoolismo e sua família.
 - 3.2 **Mulheres:** detalha a relação de Edson com sua ex-esposa, a mãe de seus filhos, e com sua namorada de Curitiba, a “garota da boate”.
 - 3.3 **Nadir:** relata a percepção de Nadir C. de França Silva quanto a Edson e um pouco do recente relacionamento entre os dois.

- 3.4 **Trecho:** explica o que é um “trecheio” e por onde Edson andou enquanto ele podia ser designado por esse termo.
- 3.5 **Dinheiro não é solução, é problema:** aqui Edson comenta sobre a dificuldade de se manter sóbrio e se levantar, uma vez que lidar com o dinheiro de um novo emprego era uma tentação para as recaídas.
- 3.6 **Direito a ter direitos:** para finalizar, Edson explica um pouco sobre sua atividade no MNPR.
4. **Regiane, a mãe:** apresenta Regiane da Silva Keppe e quais os principais detalhes de sua trajetória de rua.
- 4.1 **Na rua por amor:** Regiane comenta neste tópico por quais motivos resolveu morar na rua por vontade própria.
- 4.2 **Frank:** Regiane comenta sobre o seu grande amor, Frank. Por este homem, Ela saiu de sua casa e ficou dois anos morando nas ruas.
- 4.3 **Mãe de Francisco:** neste tópico, explica-se como foram as turbulências de sua última gravidez.
- 4.4 **Mãe do povo da rua:** Aqui é detalhado como ela conseguiu o apelido de “Mãe” pelo qual é conhecida entre as pessoas em situação de rua.
- 4.5 **Filha de duas mães:** explicita as relações familiares de Regiane antes do seu período de rua.
- 4.6 **Na rua, a gente é livre:** comenta sobre as experiências de Regiane nas ruas e fala dos motivos pelos quais ela sente saudade disso.
- 4.7 **O morador de rua:** mostra a definição de pessoa em situação de rua elaborada por Regiane, inclusive em detalhes de vestimentas e costumes.
- 4.8 **Causa das mulheres:** esclarece a atividade de Regiane no MNPR e como ela usa isso para defender as mulheres que passam pelo que ela já passou.
- 4.9 **Mudar de vida:** encerra o capítulo de Regiane e comenta sobre seus poucos desejos para o futuro.
5. **Enquadrados:** é o encerramento da narrativa que apresenta alguns dados revelados na época do decreto da política nacional para a população de rua e enquadra os personagens nas estatísticas das quais fizeram parte.

3.3 PRODUÇÃO

Para produzir um livro reportagem, é necessário passar por uma série de etapas e praticamente todos os autores que se ocupam do assunto sugerem algumas formas de organização do trabalho, tópicos consecutivos de tarefas que precisam ser realizadas em ordem, entre outras informações do tipo. Acontece que, como cada livro-reportagem tem suas peculiaridades, principalmente no que tange o conteúdo e as possibilidades de captação, raramente é possível seguir à risca cada orientação dos especialistas, até porque muitas acabam se mostrando irrelevantes em determinadas situações, o que o próprio Lima (1993a) explica.

Dessa maneira, é necessário que cada autor desenvolva uma forma de produção dedicada a cada livro-reportagem que ele produz, o que não impede este de utilizar alguns sistemas, pelo menos parcialmente, propostos por outras pessoas com mais experiência na área. Pensado assim, para a produção deste trabalho, o esquema de captação, análise e escrita foi uma mescla de orientações de diversos autores, sobretudo de Lima (1993a) e Belo (2006). Por fim, chegamos ao seguinte esquema.

Antes de tudo, havia a pesquisa já realizada sobre o tema. Foi necessário entender a população em situação de rua através do noticiário, de levantamentos feitos pelas prefeituras de várias cidades brasileiras, do MNPR e, principalmente, através da Política Nacional para a Inclusão Social da População de Rua. Esse documento elaborado para guiar a iniciativa pública a respeito da pessoa em situação de rua não faz apenas isso, mas também apresenta informações valiosas e inéditas até então. Há uma série de dados estatísticos compilados a partir de respostas de pessoas do Brasil inteiro, além de orientações sobre como lidar com esse setor da sociedade sem parecer agressivo.

Portanto, é um documento muito importante, principalmente para pessoas que nunca leram acerca do assunto ou que nunca tiveram contato com a população em situação de rua.

Depois de entender sobre o assunto central, foi necessário decidir que tipo de livro-reportagem seria produzido. Livros biográficos, investigativos e retratos foram considerados, dada a riqueza que cada um desses modelos poderia trazer, mas o que realmente pareceu adequado foi o livro-reportagem-retrato. Isso porque havia a necessidade de explicar a dinâmica da pessoa em situação de rua e, com uma biografia, isso se tornaria muito unilateral; em uma investigação, essa dimensão poderia se tornar pouco importante e; em um retrato, a dinâmica seria parte dos conteúdos centrais.

Escolhido o formato do livro-reportagem, foi necessário preparar pautas e passar para a captação de informações com as fontes. Para começar essa etapa, entretanto, foi preciso uma entrevista prévia com 15 pessoas para que houvesse detalhes o suficiente para uma escolha ser feita.

Entre os 15 entrevistados inicialmente, apenas três foram selecionados para aprofundar e continuar a captação e, por fim, torná-los personagens do livro. Alguns dos critérios para essa seleção foram:

1. **Perfil:** foi necessário entender quem eram os personagens, descobrir algumas condições que os definiam e entender seus níveis de complexidade. Maurício, por exemplo, era uma pessoa pobre, morador de área carente, negro, homossexual, muito educado, inteligente e tinha uma relação com as drogas bastante conturbada. Edson era uma pessoa de classe média alta, razoavelmente bem educado, tinha sua própria família nuclear e era bastante influente no campo político de sua cidade, era praticamente “o homem de família tradicional”, porém tinha um problema sério com álcool. Regiane por sua vez, diferenciava-se dos dois já por ser mulher, não estudou muito, tinha família desestruturada desde muito cedo, mas, ao contrário dos dois anteriores, não tinha problemas com drogas ou álcool. Fora isso, foi morar na rua por amor a uma pessoa. Ou seja, eram três personagens muito extremos, totalmente diferentes uns dos outros.
2. **Status de vida:** isso quer dizer que houve uma filtragem inicial. Dentre todos os sondados, foram escolhidos apenas os que já estavam num processo de saída das ruas bem avançado. Edson já estava morando com sua nova

esposa, Regiane em uma pensão com seu filho e Maurício no condomínio social da prefeitura de Curitiba, o último passo para conseguir um novo lar.

3. **Receptividade:** este terceiro ponto chegou a se mostrar praticamente uma consequência do segundo. Uma vez que as pessoas entrevistadas já estavam bem estabelecidas socialmente, sem o perigo ou sensação de perigo de voltar às ruas, se mostravam muito mais abertas a estranhos e concordavam mais facilmente em conceder entrevistas. Fora isso, contavam suas histórias sem muito receio e relatavam muitos detalhes. Exatamente o oposto acontecia com os sondados que estavam em situações mais sensíveis.

Seguindo esse tipo de seleção, Edson, Regiane e Maurício foram escolhidos para serem parte do livro e contaram suas histórias. Para servir de apoio, os próprios entrevistados indicaram pessoas que os ajudaram no momento de saída das ruas para que essas também relatassem suas experiências. Como houve dificuldade em falar com mais de uma pessoa relacionada a cada personagem, sendo que Regiane conseguiu contato apenas com um frei para essa finalidade, foi convencido então que os demais personagens principais teriam apenas uma pessoa relacionada também.

Depois de selecionados, foram feitas algumas sessões de entrevistas com os personagens principais, o que acabou resultando em pouco mais de quatro horas de gravação para cada um deles, além de trinta minutos para cada uma das pessoas relacionadas. Ao todo, foram mais de 15 horas de áudio.

Feito isso, foi necessário realizar a degravação dessas entrevistas, transformando em texto os trechos mais importantes e criando alguns tópicos para identificação de assuntos nos arquivos de áudio posteriormente.

Com todo o áudio degravado, começou a fase de programação dos capítulos. Isso quer dizer que, a partir dos assuntos tratados nas entrevistas, tópicos importantes foram selecionados e trechos relatados de forma desordenada foram agrupados para trazer sentido à narrativa. Com isso, foi possível evitar as repetições e deixar as histórias nucleares mais completas e detalhadas. Cada capítulo do livro

passou por essa programação e cada tópico remetia a pontos da gravação que poderiam ser consultados nas degravações. Assim, a escrita poderia ser feita de forma mais rápida e muito precisa, uma vez que a conferência de detalhes já tinha sido, em boa parte, feita.

Por último, os entrevistados principais tiveram a oportunidade de revisar seus respectivos capítulos a fim de encontrar possíveis erros, como datas equivocadas, nomes mal escritos e problemas de continuidade em geral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os pontos teóricos e a descrição do modo de produção deste trabalho, é possível dizer que escrever um livro-reportagem é algo bastante trabalhoso e complexo, mas, ao mesmo tempo, muito gratificante. O autor tem a oportunidade de conhecer a fundo o seu objeto de trabalho e obter detalhes que, de outra forma, ninguém conseguiria. Prova disso é um trecho de uma entrevista realizada com Regiane Keppe. Ela explicou que nunca tinha contado sua história de vida ou sobre sua trajetória de rua daquela forma para ninguém, mais do que isso, ela nunca tinha admitido ou falado em voz alta que sentia falta da rua, de voltar a morar nas ruas. Ela própria sabia que aquilo era um grande contrassenso, mas não se importou em verbalizar sobre o assunto durante uma entrevista que já durava praticamente uma hora, dada a vontade de conversar sobre si que ela tinha.

Além de descobrir coisas inéditas e praticamente impensáveis como essa, conhecer os entrevistados foi uma experiência que me trouxe muitas surpresas. Como Regiane, Edson e Maurício disseram, é praticamente impossível saber pelo que passa uma pessoa em situação de rua até conhecê-la de verdade. Há muitas condições que acabam levando um ser humano a se sujeitar a passar por esse tipo de dificuldade e, por isso, é possível dizer que ninguém está na rua a passeio, parafraseando Edson nesse ponto. Apesar de Regiane ter morado nas ruas por amor, ela já não tinha uma vida completamente estável e, com isso, a promessa de proteção e amor que seu companheiro lhe fez soou interessante.

O processo de produção deste trabalho foi intenso, principalmente por ter representado uma experiência nova em praticamente todos os sentidos. Foi a primeira grande reportagem que produzi, foi a primeira vez que tive a oportunidade de conhecer pessoas em situação de rua com determinada profundidade, assim como foi também a primeira vez que me engajei em uma empreitada dessa magnitude. Foram meses de coleta de dados, análise e escrita que resultaram na maior peça jornalística que escrevi até aqui e que tem a chance de continuar sendo a maior por um bom tempo.

Além disso, tenho o sentimento de que realizar este trabalho neste formato foi uma escolha acertada. Não imagino uma forma mais interessante de tratar o panorama das pessoas em situação de rua do que a partir da história de vida de quem está lutando para sair dessa situação. Isso porque acredito que essas pessoas são as que realmente foram marcadas pela experiência de viver nas ruas e que, mesmo dadas as adversidades, não perderam a esperança de um dia se recuperarem. Essa recuperação é exatamente o que tentei mostrar no livro-reportagem que acompanha este trabalho.

Posso admitir também que a minha experiência com esse tema transformou certos conceitos que me acompanhavam a vida inteira, conceitos que acabei por descobrir que não eram os mais precisos e muito menos respeitosos com as pessoas em situação de rua. Como Dona Nadir mesmo disse, a atual esposa de Edson Luiz de Souza, cada morador de rua tem sua história e não podemos julgar nenhum deles sob o mesmo argumento, de que são bêbados, drogados ou vagabundos que não querem trabalhar.

A existência da população de rua, a meu ver, não é culpa de ninguém, muito menos do governo ou dos representantes que escolhemos para governar. Isso é um produto da sociedade atual que acaba por rejeitar aqueles que não se adequam mais às nossas regras, mas não chegaram a cometer crimes para serem trancados em uma cela de cadeia. A existência da população de rua parece apenas um sintoma de uma doença que nós mesmo criamos e que, a cada dia, dói um pouco mais.

Assim como não é culpa de pessoas específicas ou do governo, é inegável que há avanços no Brasil para amparar essa população. Analisando o cenário como um todo, é possível perceber que há um interesse geral em resolver o problema da população em situação de rua e, com o decreto da Política Nacional a que me refiro desde o início, podemos dizer que esses avanços então finalmente levando para a direção certa. Obviamente, isso aconteceu bastante tarde, tendo em vista a quantidade de pessoas em situação de rua que o Brasil registra atualmente. Ainda assim, o início de uma movimentação para uma resolução acende uma ponta

de esperança que, em grande parte, é sustentada pelo MNPR, que lutou por anos para conseguir ações do governo voltadas para os que ele representa.

Essa imagem de início de mudança se reflete, em certo grau, também no livro-reportagem que produzi. Os três grandes personagens experimentaram grandes adversidades, lutaram para transpô-las e finalmente estão conseguindo deixá-las para trás. Quando a população de rua como um todo conseguir deixar para trás suas dificuldades e adversidades relacionadas ao viver na rua, talvez poderemos adjetivar finalmente esta pátria como “justa”.

5. REFERÊNCIAS

- ANGUERA, M. T, *Metodología de la observación em las ciências humanas*. Madrid: Cátedra, 1985.
- BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. 1. ed. SP: Editora Contexto, 2006.
- BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Senado da República, 1988.
- BRASIL. *Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua*. Brasília, Presidência da República, 2008.
- BULLA, Leonia Capaverde, *As Múltiplas formas de exclusão social*. 1. ed. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. 36. Ed. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 2007.
- FONTANA, A. & Frey, J.H. Interviewing the art of Science. Em N. Denzin & Y.S. Lincoln (orgs.), *Handbook of qualitative research*. Londres/Reino Unido: Sage Publications Inc. 1994.
- GOMES, Walquíria Alves, *População adulta de rua: a perversa exclusão social*. 1. ed. Goiânia. Universidade Católica de Goiás. 2000.
- HERSEY, Jonh. Hiroshima. 1. Ed. São Paulo (trad. Hildegard Feist). Companhia das Letras. 2002.
- KANDEL, Liliane. *Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião*. In: THIOLENT, Michel J. M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 2. ed. São Paulo: Polis, 1981.
- LAGE, Nilson Lemos. *A estrutura da Notícia*. 1. ed. São Paulo. Editora Ática, 2006.
- LAGE, Nilson Lemos. *A reportagem: Teoria técnica da entrevista*. 1. Ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 3. ed. Barueri/SP: Editora Manole, 2004 (1. Ed. 1993a) _____ . *O que é livro-reportagem*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993b
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano*. 1. Ed. São Paulo: Editora Sumus, 2003.

_____. *Jornalismo e Literatura: Fronteiras e intersecções (Cadernos de Jornalismo e Editoração)*. 1. Ed. São Paulo. Editora Com-Arte, 1990.

MELO, José Marques de. *Transformações do jornalismo brasileiro: Ética e estética*. 1. Ed. São Paulo. INTERCOM, 1994.

MNPR, Movimento Nacional da População de Rua. *Conhecer para lutar*. 2010.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno da população em situação de rua no Brasil*. 2006. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília.

WOLFE, Tom. *The New Journalism*. 1 Ed. Nova York/EUA. Editora Harper & Row, 1973.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

LEONARDO SILVA MÜLLER

TRAJETÓRIA DE RUA: TRÊS CAMINHOS PARA UM DESTINO EM COMUM

Livro-reportagem

CURITIBA

2014

Trajetória de rua: três caminhos para um destino em comum

SUMÁRIO

1 Apresentação	4
2 Maurício, o eloquente	10
Tensão familiar	11
Prisão.....	14
Um ano de luto.....	15
Liberdade e solidão.....	17
Parte da rua	18
Desencadeante.....	23
Comunidade.....	26
Resolver a vida	29
3 Edson, o trecheiro	31
Alcoolismo ou família	32
Mulheres	34
Nadir	35
Trecho.....	37
Dinheiro não é solução, é problema	39
Direito a ter direitos.....	41
4 Regiane, a mãe	44
Na rua por amor.....	45
Frank.....	47
Mãe de Francisco	50
Mãe do povo da rua	52

Filha de duas mães.....	54
Na rua, a gente é livre.....	56
O morador de rua.....	58
Causa das mulheres	59
Mudar de vida	60
5 Enquadrados	62

1 Apresentação

Quem morou na rua sabe como a rotina nesse ambiente hostil pode ser. A pessoa precisa se manter viva e com o mínimo de saúde — isso quando esse elemento é importante, tendo em vista que boa parte da população em situação de rua na cidade de Curitiba, e até no Brasil como um todo, tem algum problema com o abuso de drogas. Essa pode parecer a pior angústia para quem vive na rua, a de depender de uma substância qualquer para se manter "funcionando". Quando se vai a fundo, entretanto, nota-se que essa é apenas a camada que se mostra mais facilmente à luz do dia, ofuscando o olhar de quem observa passageiramente.

Apesar disso, há muitas pessoas comuns — que não têm problemas com drogas, que não perderam o teto ou se desgarraram da família — que possuem um olhar menos suscetível a esses brilhos ofuscantes iniciais. Elas estão por toda parte, apesar de não serem facilmente identificadas e, em maior ou menor grau, interferem de alguma forma na vida das pessoas em situação de rua.

Há quem ajude da forma mais simples possível, contribuindo com um trocado, que muitas vezes não toma o rumo adequado. Há quem se importe um pouco mais a ponto de dedicar uma noite semanalmente para distribuir comida para os desabrigados. Há ainda aqueles que realmente não conseguem conviver com a ideia de que existam pessoas em situações tão mais frágeis que as suas e põem-se a lutar por elas.

No fim das contas, há uma infinidade de pessoas que realmente ajudam quem mora na rua, assim como há também quem não suporte a ideia de permanecer perto de alguém nessa situação. Crimes contra moradores de rua são noticiados vez ou outra e acabam provando que nem todo mundo se solidariza com essa parcela da população. De acordo com o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), a partir de seu núcleo paranaense, nem mesmo os governos se solidarizam tanto, já que não se sabe exatamente sequer o tamanho da população de rua de Curitiba, por exemplo. Há apenas estimativas desatualizadas. Isso pode parecer irrelevante, mas qualquer ação do Estado

para esse grupo acaba por morrer na praia ou se mostra ineficiente quando não se tem dados estatísticos sobre ele.

O que se sabe sobre a população de rua dessa cidade em particular é que quem está nessa situação vive em função da próxima refeição, algo que teoricamente estaria reservado para animais de caça que precisam realizar grandes empreitadas para conseguir se alimentar. Pessoas em situação de rua, apesar de serem humanos, acabam por experimentar a mesma angústia desses animais. Essa constatação, na verdade, não é uma inferência de quem lhe escreve, mas sim um relato de Edson Luiz de Souza, um homem do interior do Paraná com trajetória de rua, ou ex-morador de rua, como preferir.

Edson conseguiu construir uma nova família, reatou laços com a antiga, e hoje não vive mais nas ruas da capital paranaense. Ao todo foram quase 14 anos vivendo sem um lar, passados em várias cidades no centro-sul do Brasil, mas principalmente em Curitiba. Na época da qual não fala com muito orgulho, ele se preparava para dormir pensando em seu café da manhã do dia seguinte. Além disso, também guardava um pouco de pinga para o consumo matinal, já que essa era sua droga, na qual estava viciado há algum tempo. A partir desse ponto, o dia de Edson naquele tempo era pautado pelo cálculo de várias ações que acabariam resultando na sua próxima refeição e nos meios de continuar consumindo o álcool. Ele comenta que, enquanto todo mundo acorda de manhã no “automático”, indo ao banheiro, escovando os dentes e colocando a roupa do dia, ele tinha que estar lúcido o suficiente para começar a pensar em uma forma de sobreviver a mais um dia.

Outra pessoa que também experimentou essa realidade, mas de outra forma, foi Maurício Pereira. Diferente de Edson, Maurício tinha um lugar mais fixo para viver quando estava morando nas ruas. Enquanto um era praticamente a definição de “trecheiro” — como o próprio Edson explica, aquele que vive viajando de cidade em cidade —, o outro ficava basicamente o dia todo pelas calçadas do bairro Hauer, na parte sul de Curitiba.

Maurício diz que, como já conhecia boa parte da região, se sentia de certa forma mais seguro naquele bairro. Fora isso, ele tinha formado uma espécie de rede de

contatos por ali, onde conseguiu a confiança de alguns residentes e comerciantes que, em determinado horário, davam comida para ele e para seu grupo. Para formar essa rede de contatos, entretanto, ele precisava “bater perna” pelo Hauer e, para tal, não era possível carregar muita coisa consigo. Ele comenta que a mochila que “continha sua vida” guardava, na verdade, poucos itens. “Aprendemos a nos desapegar das coisas” é como ele começa falar sobre seus pertences que iam no “galo”, como os moradores de rua costumam designar suas mochilas e sacolas. Nenhum deles, entretanto, sabe a origem do apelido, simplesmente o usam para se enturmar, para mostrar que, até em seu vocabulário, fazem parte do grupo.

Esse quesito, em particular, o de fazer parte de um grupo, foi especialmente difícil para Maurício. Ele, por ser um homem extremamente educado e eloquente, falando sem vícios de linguagem e tendo ainda uma pronúncia exemplar, por vezes espantava demais moradores de rua. “Eles achavam que eu era um policial civil disfarçado”. Quando ele entendeu o motivo da resistência por parte dos colegas, começou a chamar mochila de “galo”, falar sem preocupações estéticas e assim por diante. Em poucos dias já tinha um grupo.

Maurício, apesar de apresentar alguns pontos de encontro com a história de Edson, antes de morar nas ruas enfrentou ainda outros problemas que, de certa forma, foram determinantes para seus desentendimentos familiares. Lidar com um de seus irmãos não era uma tarefa fácil, segundo seu relato. Tanto que, depois de algumas discussões anteriores, os dois chegaram a brigar de forma violenta em casa. Houve até troca de facadas. Quando a polícia chegou para resolver o desentendimento, Maurício foi pego com a arma branca na mão. Foi então para a cadeia, onde, apesar das dificuldades, teve alguns privilégios.

As histórias de permanência na rua de Maurício e Edson podem ser diferentes no que se pôde notar até agora nesta breve apresentação. Entretanto, ambos tinham problemas com drogas antes de perderem seu teto e, em decorrência de dificuldades familiares geradas pelo abuso dessas substâncias, acabaram por morar na rua. Maurício ainda saiu da casa da mãe, ficou um tempo alugando quartos de pensão até um dia não

poder mais pagar por eles. Edson abandonou o trabalho como corretor de imóveis e a família no interior do Paraná e, quando veio para Curitiba, envolveu-se com uma garota de programa. Acabaram os dois morando juntos por um tempo, ele tentando ajudá-la e ela o arrastando para o seu submundo. Quando se separaram, Edson acabou nas ruas de vez.

Paralelamente a essas duas histórias, havia uma mulher chamada Regiane da Silva Keppe que resolveu morar na rua por amor, como ela mesma diz. Apaixonou-se por um rapaz que tinha a Praça João Cândido como lar e, depois de alguns dias de resistência, resolveu abandonar tudo para viver com o futuro marido, com quem mais tarde teria um filho. Ou seja, ela abandonou seu lar por vontade própria, sem necessariamente ter uma dificuldade familiar, como Edson e Maurício.

Para diferenciar-se ainda mais do perfil tradicional dos moradores de rua, Regiane não tinha nenhum vício em drogas. Nunca teve nem mesmo vontade de experimentar qualquer substância que lhe era oferecida em seu período na rua. “Para não mentir para você, eu vou te dizer que eu cheguei a experimentar maconha uma vez, mas eu tinha 16 anos nessa época”, orgulha-se Regiane ao explicar as circunstâncias, uma vez que começou a morar na rua mais de 20 anos depois disso.

Apesar de nunca ter se envolvido com drogas, Regiane teve que lidar com o problema de perto. Seu companheiro, o homem pelo qual se apaixonou e por quem resolveu morar na rua, era viciado em crack, ou “pedra”, como ela prefere designar. Seu nome era Wald Frank Pereira da Silva Dias, ou simplesmente Frank para ela e para os amigos. Frank e Regiane tiveram uma “vida boa” enquanto estiveram juntos; isso na medida do possível, dadas as circunstâncias. Hoje ela fala do companheiro com saudosismo e tristeza, já que ele faleceu há menos de um ano, antes mesmo de ver o filho do casal nascer.

Antes de conhecer Frank, Regiane tinha acabado de começar a trabalhar em seu novo emprego, atendente de uma loja dos supermercados Condor. Ela deixa transparecer que tudo parecia promissor na época, mas não chegou a ficar por lá um mês inteiro, embora sua carteira de trabalho estampe “dois meses de contrato”, com

carimbos e outras pompas. Ela abandonou o trabalho sem dar maiores explicações, saiu da casa em que morava com mais duas amigas e partiu para uma vida com poucas certezas com Frank. “Quando cheguei na frente da Galeria Minerva, vi aquela renca de gente. Uns treze homens, mais ou menos. Ele disse então: ‘Aqui que eu moro’. Eu fiquei assim... ‘Nossa!’ Esse foi o primeiro impacto. Não consegui dormir na primeira noite na calçada, tinha gente e carros passando o tempo todo. Eu pensava que, assim que clareasse o dia, iria embora. E ele me deixou? Fiquei mais uns dias. Cheguei a voltar para casa, tomei um banho, dormi, acordei pensando nele, tomei mais um banho, catei umas duas peças de roupa e falei para minhas amigas: ‘Tô indo embora’.”

Regiane engravidou três vezes enquanto esteve com Frank. Isso entre julho de 2011, quando o conheceu, até meados de 2013. Essa data aproximada marcou o início da sua terceira gravidez. As anteriores acabaram em abortos. Na primeira vez, ela descobriu estar grávida apenas quando abortou. Na segunda vez, até tentou iniciar um acompanhamento pré-natal. Não adiantou também. Por fim, na última gestação, Regiane foi amparada em uma casa de acolhimento a dependentes químicos, mesmo não sendo uma. Com isso, o casal se separou. Ela ficou em repouso praticamente absoluto para não perder a terceira criança, e ele, que já dava sinais de desenvolvimento de alguma doença grave, acabou por definhar sem tratamento. Quando começou a tomar os devidos remédios, já não havia volta.

Essas trajetórias de Regiane, Maurício e Edson, apesar de terem sido trilhadas de forma bastante diferente, com maior ou menor grau de dificuldade, com experiências diversas, lados bons e ruins, ocorreram em um espaço e tempo praticamente comuns. O trio saiu da rua para viver nos abrigos da prefeitura ou em casas de acolhimento mais ou menos no mesmo período e, de alguma forma, eles acabaram escolhendo o Movimento Nacional da População de Rua para cumprir a mesma missão: tornar a vida da pessoa em situação de rua menos perigosa, menos doente, menos sofrida e menos permanente. Em seguida, você poderá conhecer as trajetórias de rua de Maurício, Edson e Regiane, nessa ordem, de forma mais detalhada e com o conteúdo que cada um deles achou necessário revelar, incluindo os porquês de terem passado pela rua e as experiências acumuladas nesse período.

No decorrer desta reportagem, os termos “pessoas em situação de rua” e “moradores de rua” serão tratados como sinônimos. A primeira forma é tida como mais formal e politicamente correta, mas o tratamento utilizado por essas pessoas para elas mesmas é normalmente o segundo modo citado. Por conta disso, não se vê nenhuma forma de desrespeito ou de denegrir quem se encontra em situação de rua ao dizer “morador de rua”.

2 Maurício, o eloquente

Quando se pensa em um morador de rua, um bocado de ideias cultivadas por tempos sobre essa parte da sociedade já começa a formar um perfil básico dessa pessoa em nossa cabeça. Além da sua condição mais evidente, o fato de morar na rua, imagina-se uma pessoa sem muitas expectativas de vida, sem dinheiro, sem preocupações com a higiene ou qualquer apreço pela educação. Essa imagem é formada pelos estereótipos que se tem sobre a população em situação de rua. Ainda assim, boa parte dessa gente não pode ser definida dessa forma, principalmente Maurício Pereira, um ex-morador de rua que chegou inclusive a fazer um curso de Etiqueta Social e Profissional. Quantos cidadãos de classe média ou até alta podem sustentar em sua parede um diploma que certifica tais conhecimentos? Essa é apenas uma das peculiaridades de Maurício, um homem extremamente educado que acabou por morar nas ruas de Curitiba por conta de uma sequência de fatores desencadeados pelo uso de drogas — o crack, mais especificamente.

Além do curso de etiqueta, Maurício tem vários outros conhecimentos nas mais diversas áreas. Ele é uma daquelas pessoas viciadas em conhecer algo novo. Ainda assim, ao que parece, o Curso Técnico em Enfermagem que completou no começo da década de 2000 foi o que mais lhe rendeu frutos profissionais, tendo ele trabalhado como agente de saúde e auxiliar de enfermagem na Prefeitura Municipal de Curitiba. Fora isso, ele estudou assuntos técnicos de limpeza, portaria, neurolinguística, cuidados com idosos, além de alguns outros. Ou seja, uma pessoa bastante instruída, apesar de nunca ter feito uma graduação em uma universidade.

Atualmente, Maurício tem 43 anos. Ele nasceu em Curitiba em 1970, ano que marcou o início das grandes transformações de sua cidade natal, como a implantação de um grande plano urbanístico e o “boom” populacional. Maurício entraria, portanto, para a estatística oficial de que, a partir de 1970, a população da capital cresceu 74% na década seguinte, ante 40% do período anterior. Ele residiu em diversos bairros dessa cidade, tanto na época em que morava com a família, com seu antigo parceiro, sozinho

em pensões e, por fim, nas ruas. Ainda assim, sua família permanece até hoje no Parolin, bairro que abriga uma das favelas mais antigas de Curitiba. O tráfico de drogas é bastante presente naquela região, e a facilidade para se conseguir narcóticos no lugar onde morava foi um dos catalizadores do vício de Maurício em crack.

Mesmo assim, por muitos anos, sua situação quanto às drogas permaneceu sob controle. Ele conseguiu ficar muito tempo sem sofrer recaídas, mas algumas situações que provocaram grandes emoções ao longo de sua vida marcaram também grandes retornos ao vício. Atualmente, Maurício toma uma série de remédios controlados para manter sua ansiedade nos eixos a fim de evitar a vontade de usar drogas. De tempos em tempos, as doses são aumentadas ou os medicamentos alterados para continuar fazendo algum efeito. Mesmo assim, ele conta que se sente um tanto agitado o dia inteiro e, para conseguir fechar os olhos à noite, é necessário recorrer a outros remédios, esses para anular os efeitos dos anteriores e permitir que o sono chegue.

Maurício carrega o sobrenome Pereira graças ao pai que o criou desde o dia do nascimento, apesar de não ser o responsável biológico por ele. A mãe de Maurício, Dona Aparecida do Rocio Laurindo, teve uma grande discussão com seu marido enquanto estava grávida de seu segundo filho. Separou-se e, quando Maurício nasceu, Laudelino Pereira já era o pai da nova família. Depois dele, mais três filhos do casal ainda chegariam alguns anos mais tarde.

Tensão familiar

A trajetória de rua de Maurício tem uma forte ligação com problemas familiares que ele enfrentou já depois de adulto. Sua mãe separou-se do seu pai quando todos os filhos já estavam grandes e, atualmente, boa parte deles mora com ela no Parolin, naquele tradicional sistema familiar que conta com várias casas no mesmo terreno. Assim, alguns dos irmãos de Maurício têm uma casa nos fundos do terreno da mãe, mas

nosso personagem morava com ela na mesma residência, uma vez que era capacitado e ainda o responsável por cuidar da senhora idosa.

Na época em que morava com sua mãe, Maurício começou a utilizar o crack, mas já não era nenhum estranho das drogas. Ele comenta que já usava maconha desde a adolescência, porém isso acontecia muito esporadicamente. O vício de verdade veio com a nova droga.

Como a situação foi ficando cada vez pior, os demais familiares perceberam que ele realmente tinha se tornado um dependente, mas ainda assim ele precisava cuidar de sua mãe em casa, que sofria de uma série de doenças e já não tinha mais forças para boa parte das atividades diárias. Por conta disso, Maurício resolveu continuar ali, com uma rotina que no futuro lhe cobraria com juros.

Essa rotina consistia, de uma forma bem básica, em usar drogas durante a noite e a madrugada e, ao amanhecer, voltar para casa a fim de preparar o café da manhã para Dona Aparecida. Em seguida, Maurício seguia para sua cama para finalmente descansar até quando sua mãe precisasse novamente de seu auxílio. Entretanto, seu irmão mais novo, chamado Vinícius, não gostava nem um pouco dessa situação que ele considerava insustentável. Maurício conta que houve diversas discussões por conta disso.

Assim como o irmão, Vinícius também era dependente químico, mas não admitia que Maurício, por morar junto e cuidar de sua mãe, tivesse vícios desse tipo. A confusão foi instaurada a partir daí e acabou por culminar em uma grande briga. “Toda ação tem uma reação. Eu reagi”, Maurício explica antes mesmo de chegar aos detalhes da discussão.

Meu irmão mais novo tem um vício forte em cocaína. Ele estava em um estágio muito agressivo mesmo. Não queria parar e não admitia que era viciado. Ele achava que, por eu estar morando com minha mãe e cuidando dela, eu não poderia usar droga. Eu saía de casa, usava droga, voltava para casa e continuava cuidando da minha mãe. Eu não largava minhas responsabilidades, mas eu também não deixava das drogas.

Em determinado dia, eu estava fazendo café para minha mãe bem cedo e ele veio brigar comigo porque eu não fiquei em casa à noite para cuidar dela. Ele veio com um tijolo. Acertou minha cabeça, tem uma marca aqui ainda, que jorrou sangue. Eu na cozinha, conversando com minha mãe, tinha uma faca e avancei nele. Me agrediu, o que tinha por perto eu catei. Eu dei oito facadas no meu irmão. Ele ficou um mês internado, não morreu, graças a Deus. Não foi só sangue que jorrou na

minha cara que me deixou cego. A raiva que aparece em alguns momentos. Eu fiquei transtornado, até porque eu ainda estava sob o efeito da droga que tinha usado durante a noite e ele da mesma forma. A gente foi brigar lá fora. Ele invadiu a casa onde eu e a minha mãe morávamos e me atingiu com o tijolo. Acabamos indo para a rua durante a briga. Ele tentou fugir indo para fora e, na parte da frente, os vizinhos viram e chamaram a polícia. Nesse meio tempo, dei oito facadas nele em várias partes do corpo, mas foi com uma faquinha de cozinha, então não chegou a ser profundo. Por isso ele ficou debilitado, mas depois já ficou tudo certo.

A briga que tinha sido fruto de várias discussões anteriores começou de fato por conta de um acontecimento do dia anterior. Quando Maurício dormia depois de uma noite na “biqueira”, seu irmão, de alguma forma, tentava provocá-lo.

“Biqueira” é o termo utilizado pelos usuários de droga para designar o local onde o dependente químico compra e consome as substâncias. De acordo com Maurício, o local é normalmente um barraco do qual o dono cede o espaço em troca do compartilhamento do crack, cocaína e outros. É como se fosse uma espécie de aluguel. Quando o lugar para o consumo é separado do local onde se vende a droga, o termo utilizado é “mocó”. Portanto, um mocó onde se vende droga é uma biqueira. A principal finalidade desses lugares é a de oferecer abrigo para o usuário para que ele não precise consumir os narcóticos na rua ou em sua própria casa.

Me lembro que, um dia antes da briga, eu tinha passado a noite de volta na droga e fui para casa fazer o café da manhã da minha mãe. Eu não sei o que ele queria fazer. Na pira da cocaína dele, ele abriu a janela do meu quarto enquanto eu estava dormindo, acendeu um isqueiro na cortina e quase que houve um incêndio dentro do quarto. Quase morri asfixiado. Apesar de estar bem cansado por ter passado a noite inteira fervendo, se não tivesse acordado eu poderia ter morrido e minha mãe também. Quando eu acordei, ele estava tentando apagar pela janela o que ele tinha feito. Quando ele viu que eu acordei, fugiu. Ele viu que eu vi que aquilo foi ele. Como é que aquilo iria pegar fogo sozinho? Não tem como. Eu acusei ele mesmo. Disse para minha mãe no dia seguinte: “Quem fez aquilo foi o abençoado do Vinícius”. E como eu não falo baixo, ele ouviu, se achou de alguma forma ofendido e teve toda a história da briga.

Maurício conta que essa briga “homérica”, como ele mesmo classifica, com seu irmão foi um dos catalizadores para o processo que acabou por colocá-lo nas ruas. Ele já tinha saído de casa uma vez e não pretendia voltar a morar ali. Contudo, como seu namorado, com quem viveu por quase sete anos, tinha falecido, ele resolveu voltar para a casa da mãe até se recuperar. Como resultado da discussão com o irmão, isso não pôde acontecer. Maurício acabou preso em flagrante depois da briga com Vinícius.

Quando tudo terminou, eu botei a faca na cintura e, quando a polícia chegou, eu ainda transtornado, meu irmão disse: “Ele está armado”. A polícia já veio com todo o procedimento normal, que é apontar arma, mandando abaixar, ajoelhar etc. Viram que eu estava com a faca mesmo e me deram flagrante. Fui preso. Passei então três meses recluso.

Prisão

O tempo em que estive na Penitenciária Estadual de Piraquara (PEP), na região metropolitana de Curitiba, não parece ter sido um completo desperdício para Maurício. Ele conta que o “clima” por lá era muito diferente do que imaginara antes de conhecer um presídio. Ele se baseava no que a sociedade de forma geral pensa sobre o que acontece no sistema prisional, como a frequência de brigas, barbáries, bullying e tudo o que se pode imaginar de ruim. Pelo menos na PEP, a experiência foi um tanto diferente. “É muito contrassenso falar o que eu vou falar, mas esses três meses — cada minuto lá são muitos dias — foram o período em que eu mais fui bem tratado em toda minha vida. Não pelo sistema prisional, mas pelas pessoas que estavam lá dentro comigo.” Pode ser um tanto difícil acreditar nessa declaração de Maurício, mas ele garante que todo mundo por lá, sem exceções, era extremamente gentil com ele. Boa parte dessa gentileza toda tinha muito interesse por trás, como ele próprio esclarece, mas ainda assim era mais do que ele tinha esperado.

Como Maurício é homossexual e não esconde essa dimensão de sua vida de ninguém, ele tinha um tratamento diferenciado, tanto pelo sistema prisional quanto pelos colegas de cela. Isso garantia a ele algumas possibilidades que os demais presos não tinham, como a preferência dos carcereiros na hora de realizar tarefas de limpeza, organização e cozinha. Portanto, ele saía mais da cela que qualquer outro e, com essa “liberdade”, tinha a possibilidade de se comunicar mais com pessoas no exterior e ainda conseguia alguns benefícios para os companheiros de cela com relação à comida.

Quando eles da cela descobriram que eu era homossexual, eles me trataram muito bem. Arrumaram uma cama para eu dormir mais embaixo, para não sofrer subindo até lá em cima. Às vezes vinha docinho de sobremesa e todos eles me davam isso porque sabiam que eu gostava de doce. As misturas que vinham, como frango empanado e vina, o bom da marmitta, eles davam para mim. Mas em contrapartida, eu acordava muito cedo, porque o café é por volta da 6h. Eu, mãezona, acordava cedo, recebia o pessoal que distribuía a comida junto com os carcereiros. Eu servia a todos eles, eu passava a comida na hora do almoço da mesma forma. Foi um momento que eu nunca fui tão bem tratado em toda a minha vida. Muito diferente da rua, do equipamento, da minha família, amigos, muito diferente. Era um contrassenso tudo aquilo.

Maurício ainda comenta sobre a religiosidade na prisão. Como a Bíblia era a única leitura a que se tinha acesso, todos os presos se engajavam com isso para passar o tempo.

Dessa maneira, havia conversas discutindo passagens e referências classificadas por Maurício como “incríveis”.

Até aquela época, eu nunca tinha lido a Bíblia integralmente, do começo ao fim, interpretado, relido ou conversado a respeito. O nosso passatempo era esse. Eu vi assassinos e estupradores sabendo conversar e ter na memória referências bíblicas incríveis. Eu aprendi muito com eles. Pelo fato de eu ser homossexual, eu não cheguei a entender muito bem isso, porque fiquei muito superprotegido dentro do local.

Nos três meses em que estive preso, Maurício relata ter sido muito bem tratado pelos 11 colegas de cela. Ao todo, portanto, havia 12 presos em cada, todos eles dormindo em uma espécie de beliche embutido na parede. Havia vários níveis desses beliches e, quanto mais altos, mas difíceis eram de ser alcançados. Por conta disso, os demais tentaram agradar a Maurício com um lugar mais acessível.

Depois desse período de reclusão, Maurício foi liberado do presídio por conta da remoção das acusações feitas pelo irmão. Acredita-se que Vinícius foi pressionado pelos pais e acabou por encerrar a peleja na Justiça. Em seguida, dadas as proporções do desentendimento familiar, Maurício decidiu que não voltaria mais a morar com a mãe. “Realmente, não combina morar no mesmo lugar que meu irmão mora, não combina eu estar no bairro do Parolin por causa do uso da droga, não combina eu lá.” A partir disso, ele começou a morar em quartos de pensão pagando aluguéis baratos até que, um dia, uma grande recaída quando ele não tinha mais emprego acabou por colocá-lo na rua de vez.

Um ano de luto

Em 2008, Maurício saiu de casa para morar com seu namorado, Mauro. Os dois já tinham um relacionamento estável há um bom tempo e decidiram então que era hora de tocar uma vida juntos. Isso durou cerca de cinco anos, quando Mauro faleceu em decorrência de meningite bacteriana, enfermidade que ele contraiu em alguma de suas ações em locais carentes. Mauro era assistente social e conheceu Maurício em uma empreitada que ajudava moradores de rua no Hauer. Como em sua época de agente de saúde e

técnico de enfermagem na prefeitura Maurício já participava desse tipo de ação, o casal se conheceu fazendo o que gostava. “A gente conversava muito sobre fazer o bem para as pessoas sem olhar a quem. Mas foi bacana, porque houve uma cumplicidade. Eu, enquanto usuário de drogas, consegui permanecer limpo por um bom tempo por causa dele.”

A meningite bacteriana é mais comum em crianças e adolescentes e costuma afetar pessoas em áreas com pouca higiene no inverno e na primavera. A bactéria responsável pela doença é a *Neisseria meningitidis*, que causa inflamação nas membranas que envolvem o cérebro e medula espinhal dos seres humanos. A enfermidade pode ser tratada em seus estágios iniciais, mas é letal depois que se desenvolve no organismo. No caso de Mauro, só se suspeitou que se trata de meningite quando ele já estava praticamente em um estágio irreversível. Esse tipo de meningite é especialmente contagiosa e pode criar epidemias em locais onde se compartilham espaços fechados, como escolas, dormitórios coletivos e outros.

Quando os sintomas começaram a ficar bem claros, Maurício e Mauro procuraram atendimento no Sistema Único de Saúde e acabaram sendo encaminhados para o Hospital Cajuru, na parte leste de Curitiba. Como o caso já era grave, ele entrou em coma pouco tempo depois do internamento. Em 08 de março de 2012, por fim, ele faleceu. Com isso, Maurício se viu sozinho novamente e voltou para a casa da mãe, de onde saíria por conta da grande discussão com seu irmão.

Depois da morte dele, depois do dia 08 de março, todo dia 08 de cada mês eu ia a pé de onde eu estivesse de manhã muito cedo, 5h ou 5h30, até o cemitério do Santa Cândida, onde ele está enterrado, e passava lá o dia inteiro. Durante um ano eu fiz isso todos os dias 08. No final, eu já não quis mais. Na última vez que fui lá, foi uma conversa bem séria. Disse que eu não voltaria mais naquele cemitério, que aquilo estava me fazendo mal. A minha parte de luto, por ali, já estava encerrada, que eu iria carregar ele no meu coração para o resto da vida, mas não mais indo até lá. Ainda têm muitas questões dessas que me afetam muito, por isso eu continuo todos os tratamentos para lidar com esses problemas.

Esse luto intenso pelo qual Maurício passou é explicado por ele como um resultado da culpa que sentia pela morte do companheiro. Maurício era um profissional da área de saúde e perfeitamente capacitado para reconhecer sintomas como os de Mauro, mas não chegou a ligar os pontos, como ele mesmo diz, uma vez que tudo acontecia de forma espaçada. Ainda hoje, a morte de Mauro o incomoda, mas Maurício afirma ter aceitado tudo o que aconteceu e tenta se livrar do sentimento de culpa.

Liberdade e solidão

Quando se viu livre depois dos três meses recluso na PEP, Maurício não queria mais voltar para a casa da mãe. Ele não queria mais conviver com o irmão nem com o bairro do Parolin como um todo, uma vez que aquele lugar, para ele, era como um grande chamariz para suas próximas recaídas com o crack.

Dessa maneira, o que lhe restou foi encontrar alguns empregos que não requeressem tanta responsabilidade quanto seus anteriores demandavam. Nesse meio tempo, trabalhou em empresas que produziam comida em grandes quantidades, em uma que fabricava persianas, em outra em que ele fazia parte da equipe de limpeza e, pouco tempo depois, conseguiu ser transferido para a chefia do almoxarifado dessa última. Maurício viu isso como uma ascensão na cadeia hierárquica da companhia.

Com o que ganhava nesses empregos, ele conseguia pagar um quarto de pensão e comprou uma série de móveis e eletrodomésticos para se manter ali naquele lugar. Nesse período, entretanto, a falta de Mauro era compensada por Maurício com as drogas. Isso fazia com que ele não honrasse seus compromissos de trabalho e, um após o outro, ele foi perdendo os empregos. Em poucos meses, passou por pelo menos três empresas e teve várias recaídas. Se sentia solitário por não ter coragem de visitar a mãe sozinho e por não ter mais o parceiro com quem morou por anos. Quando saiu da empresa em que era almoxarife, não tinha mais dinheiro para nada, nem para seu aluguel.

Para você ter uma ideia, em uma dessas empresas em que trabalhei, comecei na área de limpeza e, em dois meses, eu fui pro almoxarifado deles e me dei super bem. Mas não consegui ficar, não consegui segurar a onda. Faltava muito por causa do uso da droga e perdi o emprego. Foi aí que eu realmente fui para a rua.

Depois de perder esse último emprego em questão, Maurício ficou em uma situação delicada. Precisava resolver como continuaria pagando seu aluguel. Contudo, a saída que encontrou foi o crack, o que ele admite não ter sido a decisão correta a ser tomada naquele momento. Ele teve a maior de suas recaídas então.

Este episódio da vida da Maurício aconteceu imediatamente antes de ele começar a morar de fato na rua. Ele vendeu todos os seus móveis por um preço apenas simbólico e, em vez de tentar conseguir mais um mês na pensão com aquilo, resolveu voltar à biqueira para passar mais uma noite se esquecendo da situação com o crack. O dia seguinte a esse acontecimento seria o último de Maurício em sua casa onde morou por apenas alguns meses.

Desde que eu conheci o crack, já foi complicado para mim. O pouco que eu tinha, eu fui perdendo aos poucos. Dinheiro, bens materiais... Quando eu precisava sair da pensão em que eu morava, eu não tinha mais dinheiro, mas tinha tudo novo dentro de casa. TV, geladeira, cama de casal, colchão, talheres, pratos... tudo. Quando eu vi que eu não tinha mais dinheiro para morar, já usando droga, eu fui para a biqueira uma noite antes, usei droga a noite inteira.

Ainda fervido, querendo mais, eu entrei no quarto, olhei para minhas coisas e falei assim: "Eu quero mais." Saí de casa, fui em um lugar em que se compram móveis usados e falei com o dono da loja: "Tenho umas coisas para vender, só que eu preciso viajar ainda hoje." A mentira que a gente sempre conta, porque a gente acaba perdendo a vergonha na cara, infelizmente. Ele foi lá e olhou para as coisas. Eles sabem, né? Quando você está naquela fissura, você quer qualquer dinheiro. Olhou tudo o que eu tinha e disse: "Eu só tenho R\$ 300 no bolso." Eu falei: "Tá bom."

Eu ainda ajudei a colocar tudo no carro, fui com ele até a loja para receber o dinheiro e voltei para a biqueira. Aí passei mais um período, o dia todo usando droga. Lembro que, no dia seguinte, eu acordei dentro do meu quarto, dormindo com uma coberta no chão. Naquele dia, eu iria embora. Eu tive uma crise de choro. Eu não sabia o que fazer, eu não sabia por que eu tinha feito aquilo. Por que eu não me segurei para não fazer aquilo. Quando eu saí de lá, eu já não tinha para onde ir (em lágrimas).

Eu lembro que fui nessa praça da Igreja Santa Rita de Cássia, entrei na igreja e não conseguia nem rezar. Eu olhava para a imagem de Jesus ali crucificado e chorava copiosamente. Tinha uma senhora que estava limpando o lugar e viu que eu estava há horas lá dentro. Ela perguntou se eu estava precisando de ajuda. Eu disse que queria muito me confessar. Ela falou então que, durante o dia, os padres não ficavam lá, mas tinha o seminário ao lado onde eu poderia encontrar algum deles.

Me lembro que eu fui lá, conversei com um padre, mas nem lembro o nome dele. Conversei muito. Falei tudo o que tinha acontecido. Acho que foi uma das primeiras vezes que eu consegui falar do meu problema, que eu consegui falar o que estava acontecendo comigo. Recebi um monte de conselho. Mas do que eu tinha feito, não mais tinha volta. E saí de lá mais ou menos apaziguado com Deus, mas eu sabia que daquilo não tinha volta. Enfim, ali foi que eu comecei mesmo a morar na rua.

Parte da rua

Viver na rua, mesmo parecendo uma coisa simples na medida do possível, requer algum conhecimento e adequação. Um indivíduo que acaba de chegar à rua precisa realmente aprender a lidar com as limitações que o ambiente lhe impõe, assim como deve também ficar atento a algumas particularidades da cultura da rua. É necessário fazer parte para

ser aceito. É necessário provar seus motivos de alguma forma para participar de um grupo. É necessário ganhar a confiança da parte mais desconfiada da sociedade. Uma tarefa que exige um mínimo de flexibilidade. Maurício conta que lutou um pouco para perceber e se adequar a essas novas circunstâncias.

Por experiência empírica e também confirmando com depoimentos dos entrevistados, a maior desconfiança do povo de rua ao aceitar novatos parece ser a possibilidade de estar abrigando um policial civil disfarçado em seu grupo. Não há muita explicação para isso por parte das pessoas em situação de rua, mas o medo está ali. Ainda assim, como muitos deles usam drogas e acabam se envolvendo em maior ou menor grau com traficantes ou ainda deixam seus documentos “penhorados” com os criminosos para conseguir mais narcóticos, é possível entender um pouco do medo com pendências criminais. Afinal, quando não se recuperam os documentos da mão de um traficante, o nome de uma pessoa pode acabar servindo para encobrir uma infinidade de novos crimes.

Ademais, há ainda o temor de policiais infiltrados quando esses moradores de rua praticam algum tipo de furto, os “pequenos furtos”, para ser mais técnico. Ser colocado no “sistema” por uma coisa assim parece assustar bastante aqueles que estão em situação de rua. Dessa forma, uma pessoa que acaba tentando fazer parte de um grupo de moradores de rua, mas tem uma aparência ativa, se comunica de forma bastante formal e se preocupa com muitos detalhes na educação, enfrenta algumas dificuldades até conseguir a confiança dos demais. Isso aconteceu com Maurício, quando começou a morar na rua, e também comigo, que precisei explicar dezenas de vezes que um jovem universitário dificilmente faria parte de uma força policial.

Como já foi adiantado sobre as características de Maurício, ele é um homem bastante educado e eloquente ao se comunicar e trata de forma educada qualquer pessoa. Isso foi o suficiente para que um estranhamento inicial entre ele e outros moradores de rua acontecesse. Com o tempo, entretanto, ele conseguiu se enturmar com algumas pessoas que enfrentavam as mesmas dificuldades, mas fazia questão de permanecer com seu jeito, apesar de fazer uma ou outra adequação em seu comportamento. Ele

começou a chamar mochila de “galo” e usar outras gírias como “laje”, “correra” e muitas outras.

Uma coisa que era muito cobrada na minha galera, na turma que eu me entrosava, é que eu nunca parecia ser morador de rua. O jeito que eu falava, as expressões que eu tinha, o comportamento, a higiene, o meu jeito cuidador, o tempo todo sempre fui muito assim. Eu estava naquela situação, mas eu não me sentia naquela situação. Sempre fui o mesmo, mas a minha galera sempre dizia: “Para que falar tão difícil?” Mas para mim é uma coisa tão natural, falar do jeito que eu falo é uma coisa natural. Para eles, tem quase um dialeto diferente. Eu ainda hoje tenho essa dificuldade. Eu não registro dialetos, o modo de falar, a gíria. Às vezes eu mesmo faço essas perguntas, o que é “biqueira”, o que é “mocó”? Tem coisas que eu ainda não registro. Não sei se é porque eu não quero, não sei se é porque eu não queria esquecer dos meus conhecimentos passados. Mas o problema era que, até provar que eu não era, por exemplo, um policial civil disfarçado de morador de rua, eu era expulso de lugares por causa desse jeito de falar. Educado, simpático, tinha palavras difíceis... Mas eu nunca mudei meu jeito de ser por estar na rua, não. Eu fiz questão de manter isso, até para garantir minha identidade mesmo.

Boa parte do seu tempo de rua, Maurício passou no bairro Hauer. Ele conta que se sentia de certa forma mais seguro por aquela ser uma região familiar e razoavelmente afastada do Parolin, bairro em que sua família morava. Quando vivia em quartos de pensão, seus endereços sempre foram localizados naquela região, e ficar naquelas ruas parecia natural. Havia ainda os benefícios, como a facilidade para conseguir alimento, abrigo e outros. O tempo que Maurício permaneceu nas ruas, entretanto, não foi tão longo. Ele conta que foi um período que durou de três a seis meses. Em seguida, já seguiu para os abrigos da prefeitura, nos quais permanece até hoje. Ele espera, porém, o sorteio de casas da COHAB (Companhia de Habitação Popular de Curitiba) para conseguir uma residência própria e, com isso, sair do condomínio social no qual se encontra.

Outro aspecto interessante que Maurício levanta sobre as condições de se viver nas ruas é o fato de as pessoas nessa situação não passarem fome. Ele comenta que sempre há alguém que ajuda com algum alimento, abrigo ou qualquer outro tipo de recurso. Restaurantes, em especial, costumam doar a comida que sobra do almoço em seus buffets para os moradores de rua. Fora isso, à noite, há grupos de voluntários que passam por algumas das principais vias da cidade distribuindo alimentos e roupas.

No Hauer, Maurício explica ainda que havia os seus “anjos da guarda”, que traziam alguns alimentos de manhã bem cedo enquanto eles estavam dormindo.

A gente nunca passou fome na rua. Aqui em Curitiba pelo menos o morador de rua não passa fome em nenhum momento. Nem na hora do almoço, nem na hora do jantar. Eu lembro também que, quando eu estava no Hauer, na hora da chuva, a gente acabava molhando a nossa coberta e, quando acordávamos, já havia uma coberta nova em cima da gente. Então tem muitos “anjos da

guarda” que trabalham à noite, de igrejas, da sociedade civil organizada em geral, que fazem essas coisas. Sempre que eu acordava, havia uma marmitinha ou uma garrafinha pet com café, leite, pão. A gente nunca via, mas essas coisas apareciam para a gente.

Apesar não sofrer com a fome enquanto morava na rua, Maurício enfrentou uma série de dificuldades quando a necessidade era encontrar um local minimamente seguro e abrigado para dormir. Os locais preferidos pela população em situação de rua para passar a noite, normalmente, são partes cobertas na entrada de prédios e alguns estabelecimentos comerciais. Esses abrigos são chamados de “laje” e, em algumas situações, servem de ponto para dormir por mais de um dia. Ainda assim, esse tipo de lugar raramente é mantido por muito tempo, uma vez que seguranças particulares não costumam tolerar a presença de moradores de rua por muito tempo em locais com estabelecimentos comerciais ou quaisquer outros que atendam pessoas.

Os seguranças particulares não eram os únicos problemas que acabavam em violência nas ruas. Havia disputa por locais para dormir entre grupos e indivíduos. Nesses casos, quem conseguisse intimidar de forma mais eficiente o seu “oponente”, ficava com o melhor local para dormir, por exemplo.

Maurício conta que acredita que ainda haja muita agressão a moradores de rua por parte de seguranças particulares, mesmo ele não convivendo mais com essa situação. Ainda, para se defender de outras pessoas em situação de rua, ele e seu grupo sempre tinham facas em suas mochilas — além de intimidar possíveis oponentes, os objetos serviam para cortar coisas e cascas de frutas quando necessário. A formação de grupos também era vista como uma forma de se manter seguro.

A gente sempre se junta. As pessoas que são mais amigas se juntam para não sofrer esse tipo de ameaça. Quando a gente vê que um ponto é legal, a gente fica ali. Por isso também que, mesmo eu não tendo visto as pessoas que me faziam aquelas doações, eu garanto que alguém do meu grupo viu esse movimento. Então sempre tem um ou outro que tem um sono mais leve ou que não dorme mesmo e fica lá de olho em tudo.

Quando se conseguia certa estabilidade em um grupo ou local seguro para permanecer por um tempo, Maurício diz que a preocupação mudava de alvo. O que era direcionado antes para conseguir alguma forma de se assentar, de não ficar completamente à deriva pela cidade, depois ficava concentrado nas primeiras necessidades que todo ser humano

tem. Aquela rotina diária que uma pessoa comum executa praticamente de forma automática, para um morador de rua funciona de uma maneira bem diferente.

Quando a gente tem casa, o nosso porto seguro mesmo, a gente acorda no automático, não é? A gente levanta, toma banho, escova os dentes, vai no banheiro, põe uma roupa, faz xixi, faz cocô, né? Está tudo certo. Quando a gente está na rua, a gente acorda e tem que primeiro pensar: "Onde é que eu vou colocar as minhas coisas, o meu galo?" Depois disso, onde é que eu vou achar um banheiro? Porque a gente também tem que fazer xixi, também tem que fazer cocô. "Onde é que eu vou tomar banho? Onde é que eu vou comer?" É uma luta constante e contínua em que o tempo todo você tem que buscar as coisas. Não é como quando a gente está em casa, que você vai buscar uma roupa limpa, está no guarda-roupa; vai querer uma comida, está na geladeira da sua cozinha. Se você quer guardar as coisas, tem lugar para guardar as coisas; quer ir ao banheiro, tem um banheiro só seu. Então a gente acordava assim, não era no automático. Tinha que pensar para fazer as coisas, onde procurar as coisas, como fazer as coisas. Depois de tudo isso, tem que pensar onde arranjar dinheiro para minha droga, para minha bebida, cigarro... A gente passava o dia todo assim. E como é que vamos fazer para dormir? Onde é que vou dormir? Vou lá buscar todas as coisas que eu guardei não-sei-aonde, pego meu galo, meu cobertor, meu papelão. Nem sempre é o mesmo lugar onde eu dormi ontem, que era muito bom. Pode ser que, quando eu chegar lá, já esteja ocupado por outros.

Algum tempo depois de já ter se estabilizado em seu grupo pelas ruas do Hauer, Maurício conheceu um rapaz chamado Wellington. Ele era um guardador de carros que fazia seu trabalho nas ruas mais movimentadas do Hauer e, quando chegava o fim do dia, seguia para o centro de Curitiba. Assim, ele podia dormir no abrigo da FAS, comer, tomar banho e cuidar de outras necessidades. Depois de formarem uma breve amizade, Wellington perguntou a Maurício por que ele dormia na rua, sendo que no centro havia os equipamentos da prefeitura.

Maurício não sabia como o abrigo da FAS (Fundação de Ação Social de Curitiba) funcionava e, por isso, nunca se arriscou a andar pelo Centro sem necessidade, muito menos dormir por lá. Depois de conhecer o abrigo por meio de Wellington, ele seguiu para a região central no mesmo dia com o amigo e dormiu no abrigo pela primeira vez. Isso ocorreu em dezembro de 2012 e, depois disso, Maurício não voltou mais para o Hauer; permaneceu dormindo no abrigo durante a noite e passeando pelas praças durante o dia. "Ninguém gosta de lá, mas era muito mais seguro no abrigo, apesar de tudo o que acontece por lá, mas isso é outra história."

O abrigo social da FAS, a Fundação de Ação Social de Curitiba, é uma espécie de albergue que atende a população em situação de rua durante a noite. Quem usa o equipamento pode dormir, tomar banho e ter uma ou duas refeições. Ao todo, o local tem capacidade para 380 internos e, quando esse número é alcançado, o restante das pessoas precisa encontrar outro lugar para dormir. Como esse abrigo não é destinado a atender permanentemente os moradores de rua, não há um local específico para cada um guardar seus pertences. Assim, quem carrega seu “galo” precisa dormir vigiando seus pertences, uma vez que há relatos de roubos desse tipo de coisa por lá. Alguns atendidos ainda reclamam da forma como os funcionários do abrigo lidam com a população de rua, muitas vezes de maneira pouco educada.

Desencadeante

É comum que pessoas atribuam determinados acontecimentos de suas vidas a alguns fatos que podem ser considerados causadores. Muita gente simplesmente atribui tudo a alguma instituição divina, mas alguns casos mostram que nem sempre essa regra se cumpre, até mesmo com pessoas bastante religiosas. No caso de Maurício, o processo que recolocou sua vida nos eixos foi desencadeado, segundo ele mesmo, por uma conferência da qual participou quando ainda frequentava o centro POP (Centro de Referência Especializada para a População em Situação de Rua) João Dorvalino Borba.

Ele explica que percebeu que tudo começou a mudar de verdade naquela oportunidade, na Conferência Municipal da Assistência Social que aconteceu em Curitiba em 2013. Contatos foram obtidos, Maurício começou a participar de grupos de discussão sobre saúde e, em certa ocasião, se interessou pelo MNPR, o Movimento Nacional da População de Rua.

Essa conferência do serviço social da prefeitura estava sendo preparada pelo poder municipal, e todos os departamentos que trabalham nesse campo na cidade poderiam mandar alguns representantes, uns com direito a voto na tomada de decisões e outros apenas para assistir e discutir os assuntos que eram pertinentes no momento. No centro POP que Maurício frequentava, a direção tinha decidido enviar os usuários para representá-los, em vez dos próprios funcionários. Isso acabou por resultar na primeira participação da população em situação de rua em uma conferência da assistência social em Curitiba.

O Centro POP ou Centro de Referência Especializada para a População em Situação de Rua é um equipamento instituído pela Política Nacional para a População em Situação de Rua que serve basicamente como um local em que pessoas dessa seção da sociedade conseguem atendimento em diversas frentes. São feitos encaminhamentos para atendimentos especializados, como soluções médicas ou clínicas, expedição de documentos, avaliação da situação familiar e muitos outros. Fora isso, no Centro João Dorvalino Borba, especialmente, são feitas algumas atividades educativas e recreativas para ocupar o tempo da pessoa em situação de rua com alguma ação construtiva. Com isso, espera-se que haja menos tempo para que essa população fique sozinha nas praças e acabe mais vulnerável às drogas. Os usuários desses centros podem ainda tomar banho, se alimentar e lavar as próprias roupas.

A responsável por essa participação foi Cynthia E. Takahashi de Lima, a diretora do centro João Dorvalino. Ela conta que a ideia da participação foi divulgada entre os usuários do local, e Maurício acabou demonstrando interesse.

Achei importante que tivéssemos representantes que eram usuários para que eles pudessem dizer “está acontecendo determinada coisa” ou “não está acontecendo determinada coisa”. Não foi só uma coisa combinada. Se eles quisessem participar, eles poderiam participar. O discurso que o Maurício levou para a conferência foi o discurso dele, as observações dele, as ideias dele. Eu expliquei para eles um pouco sobre a proposta da conferência, o que seria discutido, que alguns grupos iriam se reunir por temas, mas que seria necessário escolher um desses temas e, quando eles foram no centro de defesa dos direitos humanos, provavelmente eles indicaram algumas possibilidades para cada um participar de um tema diferente. Mas a gente deixou muito aberto. Poderíamos correr o risco de o nosso trabalho não ser devidamente apresentado, mas nós confiamos muito no nosso trabalho feito aqui. Foi uma coisa nova.

Para Cynthia, a ideia era mesmo de novidade, quase uma experiência que ela estava preparando para ver como se saíam as pessoas que ela atendia em seu centro de apoio à população de rua. Para Maurício, entretanto, a conferência foi algo completamente diferente. Ele acabou por fazer diversas conexões naquela oportunidade que resultaram em algumas consequências interessantes, como sua transferência para o Acolhimento Rebouças e sua participação no MNPR como braço da Saúde no núcleo regional.

Eu decidi participar até porque, quando era funcionário da Saúde, eu participava muito de conferências, era um habitat que eu já conhecia. Achei bacana ir. Não estava fazendo nada mesmo, não tinha compromisso nenhum.

O que me ajudou a sair de fato das ruas foi essa conexão. A Cinthya me fez o convite; dentro da conferência eu entrei numa sala de discussão temática e lá tinha o Leonildo (coordenador do MNPR em Curitiba). Ele me ouviu falando e meio que notou minha coerência na fala. Passou umas duas ou três semanas, eu saí do centro POP a convite da Cinthya e fui para o Acolhimento Rebouças.

Algumas semanas depois, Maurício foi chamado para participar do MNPR como militante. Ele passou a realizar algumas atividades de apoio geral até que assumiu um cargo de coordenação dentro do movimento. Com isso, ele acabou com mais responsabilidades, algo que parece ter sido bastante benéfico. “Depois de um tempo eu parei de usar droga”, Maurício ressalta.

No fim das contas, por desencadear uma série de acontecimentos na vida de Maurício, a coordenadora do centro POP João Dorvalino Borba é tida praticamente como uma espécie de salvadora. Cynthia mexeu os pauzinhos certos na hora certa para que Maurício conseguisse por si só resolver sua situação de rua e de usuário de drogas.

O que me firmou mesmo foi o fato de ter alguma coisa para fazer, alguma responsabilidade. Isso me ajudou a sair das drogas. Mas o fator desencadeante foi a Cinthya mesmo. Falo para minha psicóloga que, se a Cinthya não tivesse aparecido na minha vida, eu ainda estaria nas drogas, caído por algum canto do país aí...

Essa pessoa a quem Maurício deve o início da sua recuperação trabalha na Fundação de Ação Social da cidade há oito anos e, ao todo, já passou 22 anos a serviço da Prefeitura de Curitiba como assistente social e em outras funções. Hoje ela é coordenadora do Centro POP João Dorvalino Borba e fala com muito profissionalismo sobre algumas das próximas conquistas que estão por vir em sua área. Novos centros no mesmo estilo que o seu serão inaugurados na região central da capital antes do inverno, e ela acredita que manter os usuários do centro integrados efetivamente ao trabalho que é feito por lá é praticamente uma missão a ser cumprida. Para isso, levar usuários para representar o centro e um outro acolhimento da FAS em uma conferência municipal pareceu uma boa ideia.

Cynthia conta que, além de Maurício, poucos moradores de rua que são atendidos no centro apresentam as mesmas características que ele. Ainda assim, esses normalmente se destacam e, no caso de Maurício, de forma positiva, uma vez que ela faz questão de deixar bem claro que todas as sugestões que ele fazia — que não eram poucas — eram

sempre para melhorar o ambiente e o que era feito ali, coisas positivas, em resumo. Nas palavras de Cynthia, Maurício simplesmente destoava em diversos aspectos. “Destoava pela forma de se expressar, inclusive a postura. Ele tem muito conhecimento, é inteligente e até a vestimenta dele destoava. São raras as exceções, mas a gente consegue perceber alguns deles. Ele procurou me conhecer e já era uma pessoa que destoava. Era diferente do restante da população que procura nosso serviço”, ela explica.

Comunidade

Quando indagado sobre como era sentir na pele as dificuldades de não possuir praticamente nada e ter que a cada dia sair à procura do básico, Maurício afirmou que foi bastante difícil, mas nada lhe foi completamente estranho. Em grau muito menor, algumas das dificuldades pelas quais passou na rua ele chegou a enfrentar ainda quando morava com sua família. Até mesmo em sua infância. Maurício explica que sua mãe era muito verdadeira a respeito dessas dificuldades e deixava bem claro a ele e a seus irmãos quando não poderia prover determinado recurso aos filhos, inclusive comida.

Dona Aparecida precisou até racionar alimentos em casa, liberando menos comida na hora do almoço para que sobresse algo para o jantar. Quando precisava sair com algum filho para o centro da cidade, por exemplo, pedia para que eles enchessem bem a barriga para que não pedissem nada na rua, já que ela não teria dinheiro para comprar qualquer coisa. Maurício diz que cresceu acostumado com isso, mas a rua conseguiu ser ainda mais dura que sua mãe em todos esses aspectos.

Mesmo sendo proveniente de uma família pobre, com suas próprias necessidades e dificuldades, Maurício diz que a coisa que mais gosta é “fazer o bem sem olhar a quem”. Essa frase é praticamente uma filosofia de vida para ele, que ele tenta transformar em prática desde muito antes de seus problemas com o crack.

Ele já havia trabalhado como agente de saúde e como técnico de enfermagem na Prefeitura de Curitiba. Nessas funções, esteve sempre baseado na unidade de saúde do seu próprio bairro, o Parolin. Assim, ele ajudava a cuidar de pessoas da comunidade na qual cresceu e, por conta disso, havia um apego maior dele em relação ao seu trabalho. Esse apego foi um dos elementos que causou algumas dificuldades para Maurício e o colocou em situações pouco confortáveis frente a colegas de trabalho que não se importavam tanto quanto ele. Com isso e com pressão por outros acontecimentos, acabou por pedir exoneração do cargo.

Eu saí de lá porque sofria demais. A gente recebia capacitações sobre serviços de saúde que a população poderia acessar. Eu comunicava isso a eles, mas quando iam no posto atrás desses serviços, eles não estavam disponíveis por falta de comprometimento de toda a equipe de saúde. Fora isso, eu ouvia nos intervalos, na hora do café, companheiros de trabalho que se referiam à comunidade assim: "Ah, aquele negro tal, aquela fedida tal, aquele bêbado tal." Como eu trabalhava e morava naquela comunidade, chegou um momento em que eu comecei a questionar isso no conselho regional de saúde. Depois pedi exoneração por pressão.

Outro acontecimento que contribuiu para acumular fatos e resultar na exoneração foi um episódio envolvendo a Polícia Militar. Quando era agente de saúde, Maurício foi flagrado pela PM junto com uma colega de trabalho fumando maconha em um dos becos do Parolin. Como ambos estavam em horário de trabalho e devidamente identificados, os policiais acharam que poderiam usar os dois como informantes e assim obter pistas sobre quem eram os traficantes que lhes forneciam drogas. Eles recusaram a oferta dos policiais e, depois de fazerem uma reclamação pública sobre a abordagem, Maurício e sua colega foram delatados à autoridade de saúde do bairro. Isso rendeu uma infinidade de problemas para os agentes de saúde, além de ainda acabar com a reputação da dupla. "Nossos questionamentos ficaram sem qualquer validade", lamentou Maurício.

Depois de sair do serviço público em 2008, ele continuou trabalhando para sua comunidade. Agora, entretanto, sua frente de atuação era a associação de moradores do bairro. Com isso, ele pôde atuar em áreas que já lhe eram conhecidas, inclusive ocupando a cadeira da associação no conselho local de saúde. Com isso, ele voltou a participar das reuniões que discutiam as ações da unidade de saúde e outros equipamentos relacionados, mas dessa vez como um representante da população e não do poder municipal. Maurício conta que, com isso, ele conseguiu ver alguns avanços na área.

Ainda na associação, ele também prestava uma espécie de assistência funerária a famílias que perdiam alguém. Normalmente, as mortes no Parolin eram decorrentes da violência e, no tempo que passou na associação, ele ajudou com o velório e enterro de uma média de 3,5 pessoas por mês.

Durante um ano que fiquei na associação de moradores, eu ajudei a enterrar 43 pessoas. Se sete ou oito morreram naturalmente, foi muito. Se oferecia toda a tramitação: atestado de óbito, IML, hospitais, funerária municipal... Dava também dicas para as pessoas não caírem na lãbia das funerárias particulares, que eram a estrutura terceirizada pela prefeitura. Eu só me desvinculava da família quando estava no cemitério durante o enterro. Ai eu me afastava. Isso me aproximou muito mais da comunidade. Tanto que, quando essas pessoas que eu ajudava me encontravam usando drogas, elas me cobravam: Por que saiu da associação? Por que não está ajudando mais?"

Por conta dessa cobrança e da dificuldade de ficar longe do crack naquela região, Maurício resolveu sair da casa da mãe para viver com seu namorado, distante do Parolin. Com isso, ele conseguiu ficar muito tempo sem qualquer recaída e, com o passar dos anos, as visitas à casa de Dona Aparecida foram se tornando um grande suplício para Maurício. Ele conta que, só de ver as pessoas conhecidas da época do crack, suas pernas já estremecem e ele fica na iminência de uma recaída.

Para resolver o problema, ele desenvolveu um sistema seguro para conseguir chegar lá são e salvo. Antes de sair do condomínio social, ele liga para a irmã que mora em São José dos Pinhais. Ela vai de ônibus até a casa da mãe e fica esperando Maurício no ponto onde ele deve desembarcar. Quando ela está lá, ele embarca e segue até o Parolin. Sua irmã serve como um escudo entre ele e suas inseguranças até a casa da mãe. Lá, ele também não consegue ficar muito tempo, indo embora alguns minutos depois. Maurício lamenta isso em lágrimas.

A única coisa que me incomoda mesmo é não poder estar com ela, e ela sabe que isso é porque eu preciso me proteger. Eu não me sinto preparado para isso. Se eu for, eu posso ter uma recaída a qualquer momento, isso pode prejudicar ainda mais ela.

Essa dinâmica em que a irmã de Maurício precisa buscá-lo no ponto de ônibus para que ele consiga visitar sua mãe começou depois que Mauro morreu e Maurício saiu das ruas para viver nos equipamentos da prefeitura. Isso continua até hoje, mas ele pretende resolver o problema quando conseguir uma casa da COHAB para morar com a mãe.

Resolver a vida

Para permanecer no condomínio social da FAS, Maurício precisa ter uma atividade que se caracterize como um trabalho minimamente estável. Sendo militante do MNPR, ele não recebe qualquer pagamento, mas, realizando trabalho voluntário, a fundação consegue mantê-lo por lá. Ainda assim, a vontade de Maurício é conseguir dar um rumo diferente para sua vida. Ele pretende se profissionalizar em uma nova área e, quando puder, deixar o movimento e o condomínio para seguir com sua vida em uma nova casa com sua mãe.

A militância tem um prazo determinado para mim. Eu só vou ser útil aqui por algum tempo. Depois, outras pessoas farão meu trabalho, ocuparão meu lugar, e eu tenho que encontrar meu caminho.

Ao que tudo indica, Maurício será um intérprete que deve trabalhar em eventos traduzindo os diálogos para Libras. Ele comenta que a profissão é promissora e parece bastante empolgado com as possíveis oportunidades. Para isso, entretanto, ele precisa arranjar uma forma de financiar um curso profissionalizante de comunicação no idioma de sinais.

A minha vontade hoje para o futuro é ser aquele cara que fica lá em cima no palco dos eventos fazendo linguagem de sinais, a Libras, que chamam de intérprete, que é uma profissão regulamentada por lei e eu me apaixono por isso. Acho linda a linguagem de sinais, mas não sei absolutamente nada até o momento, a não ser aquilo que a Xuxa nos ensinou, A de amor e B de baixinho, mas eu adoro aquilo. Estou buscando por intermédio de uma fundação que ministra cursos de capacitação para intérprete, que dura uns dois anos, para eu me profissionalizar e trabalhar em eventos. Ganha-se muito bem, viaja-se bastante. Então une-se o útil ao agradável. Você está sempre envolvido com um monte de gente, o que eu adoro também. Então, parece que esse é meu ideal para um futuro próximo.

Maurício deixa bem claro que, para conseguir chegar aonde se encontra no momento, sem recaídas, com saúde estável e trabalhando em algo que ele considera gratificante, foi necessário dar vários passos conscientes e, nesse caminho, algumas lições foram aprendidas, principalmente em seu período como morador de rua. Ele explica que ainda precisa melhorar em alguns pontos, mas parece gostar do destino para qual segue.

Quando eu vi o que eu fiz para o meu irmão, que foi uma reação de defesa — mas antes disso teve todo um contexto de ofensa, de humilhação, de eu abrir mão do local onde morava para não ter tido aquele confronto —, eu percebi que eu sou capaz de muitas coisas. Para o bem ou para o mal. Depende muito de como eu uso isso. Eu sempre fui muito pacífico e apaziguador também, eu sempre tento fazer com que as pessoas estejam em paz, mas a gente é capaz de muitas coisas, a gente é capaz de reagir de formas inacreditáveis.

Aprendi a ter medo de mim mesmo, a saber controlar essa coisa. Todo mundo tem um lado muito bom e todo mundo tem um lado muito ruim. Aprendi a controlar isso e sei que eu preciso controlar melhor. Eu pensei comigo mesmo: "Eu nunca mais quero chegar ao ponto que eu cheguei, de fazer aquilo com o próprio irmão." Me arrependo até hoje de ter feito aquilo. Mas eu vi a necessidade naquele momento, a de reação. Senão aquilo continuaria, aquilo iria continuar. Eu sinto hoje que eu não levo desaforo para casa. Só consigo articular melhor todas essas formas de não levar para casa esse desaforo hoje em dia. Uso mais a lei para meu benefício, uso mais a parte legal para fazer com que as coisas sejam executadas de tal forma.

3 Edson, o trecheiro

Cornélio Procópio é uma pequena cidade paranaense localizada no extremo norte do estado, quase na fronteira com São Paulo. A cidade, como muitas outras no Paraná, foi praticamente levantada do nada por uma ferrovia e uma estação de trem. Tanto é que o nome do município é uma homenagem a um coronel que foi patrono da primeira estação ferroviária da região. Cornélio Procópio tinha pouco mais que 46 mil moradores de acordo com o censo de 2000, tendo Edson Luiz de Souza como um deles mais ou menos na época da contagem. Ele é natural desta pequena cidade e construiu uma família por lá, assim como um nome relevante para a política local. Edson chegou a ser candidato a vereador quando tinha apenas 18 anos, mas não venceu a disputa com por uma margem de votos que não passou de uma dezena.

Anos depois, Edson ainda estava interessado pela política local, apenas não concorreu mais a nenhum cargo nas eleições. Ele se tornou assessor de vereadores e deputados estaduais, função que o trouxe para Curitiba algumas vezes por conta da Assembleia Legislativa do Paraná.

Apesar disso, ele continuava morando em Cornélio Procópio, onde se casou e teve dois filhos. Seu alcoolismo ficou mais intenso a partir daí. “Para você ter uma ideia de quão inconsequente eu era, chegava a levar meus dois meninos para o boteco, bebia todas, caía em uma mesa de sinuca qualquer e, na hora de ir embora, os dois me seguravam, um embaixo de cada braço. Eles não me carregavam de fato, mas serviam de escora.” Apesar de não se importar com isso na época, Edson comenta sobre esse acontecimento com um bocado de vergonha, sentimento que ele mesmo faz questão de especificar.

Atualmente, Edson tem 52 anos. Há pouco mais de um ano, ele conseguiu sair das ruas, começando a utilizar com frequência os equipamentos da Fundação de Ação Social de Curitiba (FAS). Seu primeiro atendimento na fundação, entretanto, foi em 2006.

Hoje, Edson parou de beber, apesar ter sofrido algumas poucas recaídas no último ano, e já tem uma outra família. Sua nova esposa se chama Nadir, dez anos mais velha que

ele; ela o acolheu em sua casa e o tirou do acolhimento social da FAS. Estão juntos há poucos meses e se conheceram através do Movimento Nacional da População de Rua, o MNPR, do qual Edson participa desde que começou a utilizar os equipamentos do município para se recuperar.

Nadir trabalha para a Secretaria de Justiça do Paraná por meio de uma empresa de limpeza terceirizada e, como estava lotada no setor que a secretaria reserva para o movimento, acabou por conhecer Edson por lá.

Quando eu estava na casa de acolhimento, fiquei sabendo das atividades do movimento e vim para cá para não recair. Já tinha participado disso antes, então conversei com o Leonildo Monteiro (coordenado no MNPR em Curitiba) e comecei a frequentar o lugar. Comecei a ter responsabilidade. Tinha comida, ganhava cesta básica... Comecei aqui quase uma terapia para ocupar meu tempo livre. Se ficasse na casa de acolhimento o tempo todo, ficava entediado. Depois de ter mostrado responsabilidade, tomei posse como integrante do conselho municipal de assistência social através do movimento. Também conheci minha mulher aqui.

Do grupo de três ex-moradores de rua que acompanhamos aqui, ele foi o que permaneceu mais tempo sem um lar. Entre 1998 e 2012, Edson permaneceu nas ruas abusando do álcool praticamente o tempo todo, com exceção das vezes em que esteve internado em clínicas de reabilitação, as quais, segundo ele, não surtiram qualquer efeito. Ele chegou a se internar mais de dez vezes num período de quase 14 anos nas ruas, tendo completado apenas um desses tratamentos. Saindo da clínica, não tinha para onde ir e voltava a beber.

Quando eu estava na rua, acabado, debilitado, aí eu pensava “vou me internar”. Pedia socorro, me internava, ficava uns 15 dias, já dava uma engordadinha e “ah! vou sair”.

As clínicas ou comunidades terapêuticas que Edson frequentou eram filantrópicas, mas sempre recebiam algum auxílio do poder público. Além de, para Edson, não terem um método que surtisse efeito nos internos para longo prazo, esses estabelecimentos impunham uma prática religiosa a quem estivesse internado. “O Estado é laico, mas, geralmente, a gente é internado nesses lugares que nos obrigam a praticar uma religião.”

Alcoolismo ou família

Edson considera a pior consequência de ter morado nas ruas o fato de ter “perdido sua família” durante os últimos anos. Atualmente, já tem contato novamente com praticamente todos, tendo recebido inclusive a visita de um filho que veio do interior para Curitiba recentemente. Ainda assim, não voltou a ver sua mãe, e isso desde 1998, quando começou a morar nas ruas. Nesse período todo, Edson não quis também falar com seus familiares em Cornélio Procópio.

Não telefonava para minha família, para meus filhos... Não era orgulho, não. Era vergonha. Como eu iria falar como eles? Iam dizer “oi, pai, como está?”, e eu diria o quê? “Estou bem filho, morando aqui embaixo do viaduto tal...” Não dá, né?

Edson explicou ainda que, durante seu período de rua, além de seus familiares, não gostava de ver ninguém que o conhecia da época em que morava no interior. Ele tinha uma reputação na cidadezinha que, com sua situação de rua, o deixava envergonhado.

Edson indica que isso não se dava pelo fato de não ostentar mais os carros novos ou a influência política, mas sim por ter “decaído” tanto por causa do álcool.

Muitas vezes, eu sentava na praça, encontrava essas pessoas e elas diziam: “Oh, Edson, você não foi candidato a vereador lá em Cornélio? O que está acontecendo?” Eu não tinha coragem de pedir dinheiro para esse pessoal. Para mim era muito mais fácil “manguear” com um desconhecido do que com alguém que eu conhecia no passado. A essas pessoas, que poderiam me ajudar muito mais financeiramente, eu tinha vergonha de pedir.

“Manguear” é o termo utilizado pelos moradores de rua para dizer que estão pedindo alguma coisa para outras pessoas, seja dinheiro, comida, roupas ou qualquer outro item. Vender doces e coisas do tipo em semáforos também é considerado “manguear”. Isso porque a pessoa estaria praticamente pedindo para outras que a ajudem em troca do que está sendo comercializado. “Manguear” inclusive é um verbo que realmente existe na língua portuguesa, não sendo proveniente portanto de gírias neologistas. O significado da palavra, além disso, é praticamente o mesmo utilizado atualmente pelas pessoas em situação de rua. Oficialmente, “manguear” é “enganar com artifícios”, segundo o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa.

Já quando se oferece um serviço para alguém, o termo muda de “mangueio” para “correra”, uma espécie de abreviação do “correria”, que muita gente utiliza para dizer que esteve fazendo diversas atividades pela cidade. A “correra” pode ser trabalhar em qualquer tipo de função, mas normalmente designa algo que não é fixo. Ou seja, feito em poucas horas e que acaba em seguida. Guardar carros, limpar terrenos e jardins, ajudar em construções temporárias e coisas do tipo fazem parte da “correra”.

Hoje em dia, Edson tem se aproximado da sua primeira família aos poucos. O filho que o visitou recentemente se chama Everton, tem 24 anos e uma filha, a primeira neta de Edson. Quando estiveram em Curitiba, ficaram na casa de Dona Nadir como hóspedes. O filho mais novo se chama Antônio Neves e tem apenas 20 anos. Edson fala com orgulho de ambos, deixando bem claro que o mais velho está cursando Direito e que o

mais novo, mesmo morando sozinho atualmente na casa de sua mãe, não “apronta nada”. “Não se tem notícia de ele fazendo festa ou qualquer baderna em casa”, explica.

Sobre a ex-mulher, ele fala ainda com certa admiração. “Eu vejo ela como uma grande guerreira. Eu saí de casa quando as crianças eram pequenas e ela criou bem meus filhos... Nunca fui um pai presente, na verdade.” Apesar de admitir não ter participado como gostaria da educação dos filhos, Edson acredita que sua trajetória de rua é uma espécie de exemplo para eles, que não são alcoolistas, cigarro ou qualquer outra droga. A história do pai seria mais ou menos uma prova viva de que o álcool é destrutivo para eles.

Edson espera ainda que a neta possa aprender da mesma forma que os filhos com sua trajetória de rua.

Nunca vou poder renegar meu passado. Se houver necessidade de que ela saiba, acho que vai ser normal. Acho que, como para meus filhos isso foi como uma baliza para que eles não bebesses, pode ser uma baliza para que ela consiga ver também o que o álcool e a droga fazem.

Mulheres

Apesar de deixar bem claro que não se envolvia com mulher alguma durante o seu período de rua, Edson abandonou de vez sua casa e família em Cornélio Procópio por conta de uma mulher. Ela era uma garota de programa de Curitiba e usava diversos tipos de droga. A intenção de Edson era tirar a moça do submundo da prostituição e de seus vícios. O problema é que ela resolveu lhe apresentar alguns de seus “venenos”, e ele, que já tinha problemas com álcool, acabou por gostar do crack, da cocaína e de outros similares. “Pensando em tirar ela, me envolvi completamente. Em vez de ajudar ela, eu caí junto.”

Enquanto estavam envolvidos, Edson e a “garota da boate”, como ele diz, moravam em São José dos Pinhais. Ela possuía um terreno na cidade da região metropolitana da capital e ele resolveu construir uma casa para os dois no local. Moraram por lá por um

bom tempo. Nesse período, ele trabalhou em alguns empregos, mas ficou a maior parte do tempo na função de garçom no Hotel Paraná Golf, que acabou se transformando no centro de treinamento do Banco HSBC, também em São José dos Pinhais. Edson perdeu esse emprego por causa do álcool, tendo sido encontrado bêbado no trabalho em uma oportunidade.

Depois disso, ele ainda terminou com a mulher que tinha sido sua aventura. A garota da boate e ele desmancharam o relacionamento, e Edson resolveu abandonar Curitiba e arredores de uma vez por todas e seguir para Cornélio Procópio novamente. Contudo, como o problema do álcool ainda se fazia presente em sua vida, sua ex-mulher não quis aceitá-lo de volta em casa. Suas expectativas estavam então destruídas naquele momento. Por fim, resolveu morar com os pais novamente. Essa nova investida também não deu muito certo, uma vez que o pai e a mãe de Edson não gostavam nem um pouco do estilo de vida do filho. “Eles queriam que eu arranjasse trabalho, mas, sinceramente, não era disso que eu precisava”.

Pouco tempo depois de ter saído da capital para voltar à sua cidade natal, Edson novamente seguiu à Curitiba esperando arranjar um novo emprego. Como não conseguiu, acabou por morar na rua de vez. “Cheguei na rua sem saber nada de rua, mas você acaba aprendendo, senão você não sobrevive”.

Nadir

Dona Nadir Cordeiro de França Silva é o principal motivo pelo qual Edson saiu dos equipamentos públicos para pessoas em situação de rua. Isso aconteceu há poucos meses, entre novembro e dezembro de 2013. Nadir conta que o conheceu quando ele começou a frequentar a sede do MNPR, no centro de Defesa dos Direitos Humanos do Ministério Público. Ela trabalha no local por meio de uma empresa de limpeza prestadora de serviços terceirizados.

A gente foi se conhecendo. Antes éramos amigos, né? Mas acabamos ficando juntos. Ele está aqui desde agosto de 2013 e, em novembro ou dezembro, a gente começou a ficar juntos — Nadir comenta enquanto sorri.

Coisa que eu nunca pensava era ficar com um ex-morador de rua. Nunca passou pela minha cabeça ficar com uma pessoa assim. Às vezes eu passava na rua, olhava assim para eles... Ficava com dó de ver eles dormindo na rua, mas nunca passou pela cabeça. No começo, minha filha ficou contra o nosso relacionamento. São três filhos, e a caçula ficou contra. Mas agora não. Voltou tudo ao normal. No início, ela ficou “mãe, onde é que já se viu morar com um morador de rua! Ficou louca? Imagina se ele rouba tudo o que a mãe tem e vai embora?” Você sabe como é que é, né? Falei que não era bem assim, mas ela ficou brava comigo.

Dona Nadir morava sozinha em Colombo, região metropolitana de Curitiba, desde 2007. Edson vive com ela desde o fim de 2013 e ela o ajuda enquanto ele faz trabalho voluntário no MNPR. “Ele quer se levantar e eu estou dando uma força para ele, sabe? Porque aqui eles não recebem nada, é trabalho voluntário. As passagens, eu que dou para ele vir trabalhar. Ele quer arrumar um emprego. Já trabalhou de garçom, na cozinha e vários outros serviços.”

Desde que começou seu relacionamento com Dona Nadir, Edson teve apenas uma recaída, mas ele considera essa uma das grandes. Houve um desentendimento com colegas de movimento e, para tentar esquecer a situação, ele resolveu beber. “Na última recaída, aconteceu uma discussão dele com o Leonildo (coordenador do MNPR) aqui. Ele ficou bravo, saiu, ficou revoltado e foi beber. Isso por questões do movimento. Coisa deles, né? Eu não briguei com ele, não fiz nada. Só falei para ele que não era mais para fazer aquilo.” Nadir ainda explica que as recaídas de Edson não acontecem por longos períodos e ele volta ao normal em pouco tempo.

Às vezes a gente passa pela Praça Tiradentes e os moradores de rua estão ali. O Edson para, se comunica, conversa com eles. Eles tratam o Edson normal, mesmo ele não estando mais na rua. Todos os moradores de rua gostam dele. Esses dias, três ou quatro nos viram juntos e falaram: “Tá vendo aí? Ele falou que iria casar e casou mesmo...” Eu só olhei e dei risada.

Agora eu vejo os moradores de rua de uma forma diferente. Antigamente, eu tinha medo de passar até por perto. Achava que eles assaltavam. Tem muita gente que não entende, né? Agora, não ligo mais. Trato eles normal. Agora eu sei que não é aquilo que eu pensava. Depois que eu comecei a trabalhar aqui, eu aprendi a conviver com eles. Cada morador de rua tem uma história de vida. Ou a família dele abandonou ou, às vezes, eles não se dão com uma madrasta, alguns abandonam a família porque estão desgostosos da vida, saem para a rua. Eu penso nisso agora. Eu converso com muitos e eles me contam. Às vezes se fala assim: “Ah! Tá morando na rua porque é vagabundo, isso e aquilo...”, mas não é, não. Cada um tem sua história.

Ajudar o Edson, para mim, foi uma gratificação, ter ajudado ele a sair da rua. Eu não quero que ele volte mais. Já falei para ele: “Vamos fazer de tudo para a gente se dar bem porque eu não quero te ver na rua.” Ele disse que, se a gente chegar a se separar, ele volta para a rua. Isso ele falou para mim. Disse para ele: “Então pode ficar sossegado” (risos).

Trecho

Depois de ficar morando um tempo nas ruas de Curitiba, Edson se transformou no que ele designa como “trecheiro” ou “homem do trecho”. Isso quer dizer que ele saiu viajando pelo Paraná, ficando um pouquinho em cada cidade, se locomovendo com a ajuda das prefeituras dos lugares que visitava ou até de carona mesmo.

Se você se envolver com mulher na rua, você tem que manguear para dois. Vai pegar uma marmiteira, tem que ser duas; vai fumar um cigarro, tem que rachar com a mulher; vai tomar uma pinga, tem que rachar com a mulher. Então é sempre assim. Fora isso, no trecho, se você está em um grupo de três, você não vai conseguir carona nunca. Dois já é difícil.

De início, as fronteiras do estado do Paraná o mantiveram razoavelmente perto. O mais longe que chegou a ir foi até Foz do Iguaçu. Quando finalmente pegou o jeito da coisa, o jeito de ser trecheiro, Edson começou a viajar para mais longe. Ele saía a pé mesmo ou com qualquer veículo que pudesse leva-lo, tanto de carona com caminhoneiros quanto em ônibus comuns com passagens doadas.

Suas maiores viagens começaram a partir de 2010. Ele seguiu para Minas Gerais passando por São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Ficou algum tempo em grandes cidades de cada um desses estados, inclusive na capital paulista. “São Paulo é uma cidade perigosa. Esse perigo são os grupos organizados e não os outros moradores de rua. Tem milícias organizadas, skinheads, punks, esse pessoal aí.” Nesses casos, Edson se refere a gangues de jovens e até de policiais fora de serviço que atacam diversas pessoas nas ruas apenas por intolerância. Segundo ele, as vítimas preferidas desses grupos são os moradores de rua por serem mais indefesos que a média

O maior sofrimento dos moradores de rua não são os grupos organizados, é a indiferença da sociedade mesmo. Você tem que se sujeitar muitas vezes e sair dando risada. Você é chamado de vagabundo, de bêbado... Não se procura saber o porquê de aquela pessoa estar na rua. Se avalia aquele momento apenas.

Em São Paulo, Edson ficou alguns meses. Os locais mais frequentados por ele eram justamente aqueles nacionalmente conhecidos por abrigar diversas pessoas com problemas relacionados às drogas: Cracolândia, Praça da Sé e afins. O período em que esteve na capital paulista foi o que marcou o pico da sua dependência química. O crack era fácil de conseguir e, por isso, se mantinha muitos dias alterado em função dessa

droga em específico. Ele relata ainda que, mesmo no auge do crack, o álcool não perdia seu posto.

Quando terminou sua passagem por São Paulo e sua breve visita ao Rio de Janeiro e ao Espírito Santo, Edson chegou a Belo Horizonte. Nessa cidade, ele ficou cerca de seis meses. Gostou do lugar, mas poucas vezes utilizava os equipamentos públicos para a população de rua da capital mineira. Ele ficava o tempo todo na rua magueando e consumindo suas drogas.

Uma de suas principais atividades de magueio em Minas Gerais era a venda de balas nos semáforos. Ele comprava caixas de *drops* e comercializava unidade por unidade. A mercadoria preferida de Edson, e de um amigo que conheceu em Belo Horizonte, era o Freegells. A bala que vinha em embalagens de 12 unidades, semelhantes à do Halls, custava R\$ 3,40 na distribuidora de doces. “No sinalero, a gente vendia cada uma por R\$ 1,00. Dava para comprar a cachaça”.

Comercializar esse tipo de mercadoria barata era uma forma de conseguir dinheiro para sua bebida com mais facilidade, uma vez que as esmolas não pareciam ser tão fáceis de conseguir. Edson explica que “era uma maneira de chegar até a pessoa”.

O melhor estado que eu passei nas caminhadas foi Minas Gerais. Lá não tem dificuldade. Tem posto de gasolina um atrás do outro e, quando você chega e eles percebem que você é trecheiro, antes de abrir a boca, já vem um mineirinho lá com um copo de café desse tamanho e dois pedaços de bolo... Tem um posto de gasolina lá que eu fiquei 15 dias. O cara dava marmitex no almoço, de manhã era café e, à noite, outro marmitex. O pátio do posto era para 150 caminhões, e caminhoneiro é gente boa pra caramba. Então eu levantava R\$ 50, R\$ 100 até R\$ 300 em uma noite pedindo a eles, mas acabava tudo na cachaça. Esse posto ficava em Ravena-MG.

Em sua vida de trecheio, Edson chegou a ir a pé até Santa Catarina. Ficou em Joinville catando papelão. “Comprava uma garrafa de cachaça e colocava ali em cima do carrinho e ó! Era o meu combustível”. Em seu caminho, entretanto, Edson lembra de um momento que contou com bastante alegria. Ele conheceu um argentino que também estava em situação de rua e o acompanhou pela viagem à cidade catarinense. “A primeira vez que fui para Santa Catarina a pé, eu vi aqueles rios na entrada de Garuva. Eram cristalinos que só. Eu sentei ali debaixo de uma árvore e fiquei só olhando. Eu e o argentino, o Pumba. Dormimos na beira de um desses rios”.

Dinheiro não é solução, é problema

Muitas vezes se associa o fato de uma pessoa morar na rua à extrema pobreza. É possível imaginar que pessoas que não têm mais como sustentar seu lar acabam por morar nas ruas. Isso é uma inverdade, de acordo com os relatos dos ex-moradores de rua que acompanhamos aqui, sendo também praticamente uma unanimidade entre voluntários que assistem quem mora na rua atualmente. A causa principal para se acabar na rua é o desentendimento familiar, seja ele por qual motivo for. O vício em drogas, problemas mentais, brigas e acontecimentos do tipo estão entre os mais comuns. No caso de Edson, o alcoolismo foi o motivo de seu desentendimento familiar.

Enquanto estava na rua e profundamente embrenhado no álcool, o principal problema para Edson era o dinheiro. Ou seja, o que poderia ser uma das possíveis soluções para resolver sua situação de rua acabava se transformando, na verdade, em um agravante. Sempre que conseguia algum dinheiro trabalhando, ele acabava gastando tudo em álcool e em outras drogas. Isso debilitava ainda mais seu organismo, que não estava acostumado com grandes doses de entorpecentes em tão pouco tempo. “O grande problema da pessoa com dependência na rua é não saber controlar o dinheiro.”

É exatamente por essa dificuldade que Edson dizia aos pais que não precisava de um emprego já na época que voltou a Cornélio Procópio, quando tinha terminado seu relacionamento com a “garota da boate”. Um dependente químico, para Edson, teria primeiro que receber um tratamento adequado e, quando o problema fosse minimamente solucionado, um emprego poderia ajudar a reestabelecer essa pessoa.

Depois de encontrar emprego, o dependente recebe um vale. Ele não está acostumado a lidar com dinheiro, não está sendo acompanhado por um psicólogo. Aí ele vai gastar esse dinheiro na droga e ele recai.

Assim como há os problemas relacionados a quantias significativas de dinheiro nas mãos de dependentes químicos, há problemas também quando o dinheiro é escasso. Ou seja, quando a pessoa em situação de rua não tem uma fonte fixa de renda e precisa arranjar uma forma de se sustentar no dia a dia. Os três ex-moradores de rua que estamos acompanhando aqui deixaram bem claro que nunca passaram fome enquanto estiveram

morando nas ruas de Curitiba. Isso, segundo eles, acontece pelo fato de haver várias formas de se conseguir comida, tanto através de equipamentos da FAS como por algumas ONGs e de organizações religiosas.

Fora isso, no centro da capital, há diversos grupos de voluntários que fazem mutirões para entregar comida a moradores de rua. Esses grupos costumam atuar com frequência de uma noite por semana e, como são muitos, conseguem cobrir todos os dias, exceto os domingos. Edson deixa bem claro que esse é o pior dia para encontrar comida durante a noite, mas não chega a ser algo impossível.

Por conta disso, o dinheiro que os dependentes que moram nas ruas conseguem por meio de pequenos trabalhos ou pelo manguêio serve basicamente para consumir drogas. O tanto que arrecadam no dia é normalmente o tanto que gastam consumindo álcool, cigarros e drogas ilícitas.

Mesmo sendo guardador de carros em algumas ruas do centro de Curitiba, Edson tinha esse problema de gastar todo o dinheiro que ganhava com sua “correra” no mesmo dia. “Tinha que manguêar o primeiro cartão de Estar para começar o dia, já que acordava sem dinheiro.”

O cartão Estar é o método utilizado pela Prefeitura de Curitiba para regulamentar os estacionamentos para carros dispostos nas ruas do centro e de bairros mais movimentados. Os guardadores de carros vendem esses cartões por um preço acima do tabelado e, com isso, ganham algum dinheiro. O trabalho de guardador de carros no centro de Curitiba não é uma atividade completamente desregulamentada, como se poderia imaginar à primeira vista. As pessoas em situação de rua não apenas controlam quem cuida de determinado ponto como também lutam para proteger seus locais de trabalho de outros espertinhos que tentam tomar o seu lugar. Edson deixa bem claro que a proteção desses pontos às vezes acaba em grandes brigas, mas na maior parte do tempo, tudo é pacífico. De qualquer maneira, essa atividade, apesar de não parecer das mais lucrativas, consegue sustentar os guardadores em alguns aspectos de suas vidas. Normalmente, o dinheiro vai para o uso de drogas, mas isso não chega a ser algo escrito em pedra. Edson explica ainda que pontos estratégicos da cidade são mais valiosos que outros. Isso por causa de alguns eventos frequentes ou até mesmo por ser uma região naturalmente movimentada, como a Av. Sete de Setembro ou o Largo da Ordem. “Quando tinha a feirinha de domingo, a Feira do Largo, eu tinha um ponto de cuidar de carro logo ali, perto do viaduto. Ali era meu ponto. A briga por ponto aqui é grande. Tem cara que vende ponto. Dependendo da necessidade do cara, você pega por R\$ 250 ou R\$ 300. Mesmo assim, tem que vir sempre. Se chegar tarde, já tem outro ali cuidando.”

Essa falta de controle sobre o dinheiro criava para Edson, em seu período de rua, uma rotina que o obrigava a pensar sempre na próxima refeição e no próximo “trago”. “Eu

dormia sempre com uma cachaça e, quando chegava no último gole, eu pensava: 'Essa aqui é para a tremedeira'. Deixava quase meia garrafinha. Acordava de manhã e, antes de mais nada, pau!". Edson costuma contar que, quando não fazia esse racionamento de cachaça antes de dormir, acordava "tocando pandeiro sem ter pandeiro". Essa é a tremedeira a qual ele se refere, que só parava quando tinha álcool em seu organismo.

As pessoas falam que a vida do morador de rua é fácil. Eu digo que não é fácil, não. Quando as pessoas acordam de manhã, elas vão escovar os dentes, tomam o café, saem e vão para a escola ou trabalho. Lá, você passa por uma série de horários e, na hora do almoço, você vai para um restaurante ou acha um lugar para comer e assim vai. Morador de rua não. Não é assim.

Tirando essa questão da cachaça, mesmo quem não bebe acorda e pensa: "Onde eu vou guardar meu galo?". O galo é onde a gente carrega cobertor, roupas quase não tem, talvez um tênis velho. Mas tem que achar um lugar para guardar o galo. Na Rua XV de Novembro, naquelas tampas de hidrante, ali guardávamos nosso galo. Eu olhava para o lugar e marcava: "O galo tá na frente de tal loja." Depois de guardar o galo, tinha que ir ao banheiro. Tem que soltar o barro, mas banheiro público a gente não acha. Não tem nem torneira para lavar a mão na rua.

Se estiver no centro, tem que esperar a BPP (Biblioteca Pública do Paraná) abrir. Eles deixam usar o banheiro. Mas se tiver muito sujo, fedendo, eles não deixam entrar, não. Aí a gente lava o rosto, a mão, faz as necessidades. Quando se resolveu esse problema, tem que tomar um gole. Se não for para o gole, tem que correr pelo menos atrás de R\$ 1,00 para comer lá no restaurante da Pç. Rui Barbosa. Para isso, tem que pedir dinheiro.

Depois disso, o morador de rua pensa: "Vou descansar um pouco". Mas aí já vem outro pensamento: "Onde eu vou jantar? O que vou comer à tarde e à noite?" A Rua XV ainda tem um diferencial porque ali passam muitas entidades dando comida. Mas no fim de semana não passa ninguém. O que eu quero dizer com isso é que a população de rua não vive apenas em função do álcool, em função da droga, mas sim da sobrevivência.

Direito a ter direitos

O Movimento Nacional da População de Rua organiza em 2014 um congresso nacional com todos os núcleos do MNPR do Brasil. O evento será realizado em Curitiba, e o núcleo local deverá preparar uma série de itens para receber os colegas. Entre esses itens, alguns temas de discussões já estavam sendo tratados desde o início do ano. Ficou decidido que o tema da conferência como um todo seria "Direito a ter direitos". Edson explica que isso se deve ao fato de a população de rua não poder gozar dos mesmos direitos que outras seções da sociedade brasileira, mas que são garantidos por lei para todos. Assim, o movimento deseja que a população de rua tenha direito a ter os mesmos direitos que o restante dos brasileiros.

Edson é um membro bastante atuante no MNPR de Curitiba e, para ele, “só com o fato de uma pessoa permanecer nas ruas ela já tem seus direitos agredidos”. Há ainda outros problemas que o movimento tenta combater, como a forma como a população de rua é tratada em diversos serviços públicos que tenta acessar. Muitos prédios públicos não admitem a entrada de pessoas malvestidas, sujas ou com qualquer outro problema do tipo em sua aparência. Assim, moradores de rua enfrentam dificuldades para usar o Sistema Único de Saúde, departamentos de identificação e até órgãos de defesa dos cidadãos como o Ministério Público de alguns estados da federação.

Para minimizar esses problemas de rejeição em serviços públicos e até para diminuir a relutância dos próprios moradores de rua em utilizar os equipamentos do Estado, algumas conquistas têm sido alcançadas nos últimos anos. Edson explica que isso só foi possível graças à ação do MNPR em todo o Brasil.

A principal dessas conquistas para Edson é a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Essa política não tem caráter de lei e, portanto, suas diretrizes não obrigam estados e municípios a cumprir nenhuma regra. Está tudo no campo da sugestão. Ainda assim, essa política começou a criar uma rede de atendimento a essa população de forma mais profissional e uniforme. O principal resultado disso que se pode ver em Curitiba, por exemplo, é o funcionamento dos Centros POP ou Centros de Referência Especializados em População de Rua. Esses locais servem como apoio para pessoas nessa situação e mantêm diversas atividades e serviços para atender esse pessoal.

Fora isso, Edson destaca também a importância dos consultórios na rua, que atualmente são quatro na capital paranaense. Esses consultórios contam com uma pequena equipe médica que roda a cidade com uma van em pontos estratégicos. Assim, eles podem oferecer tratamentos e alguns cuidados básicos para a população de rua sem que ela precise se deslocar até uma unidade de saúde, evitando constrangimentos com seguranças que barram a entrada, além de algumas outras dificuldades.

Até pouco tempo, para ser atendido no SUS, qualquer pessoa precisava mostrar documentos. Caso contrário, não poderia usar nenhum serviço da saúde pública. Esse

era mais um ponto que impedia a população de rua de acessar equipamentos públicos dessa natureza, uma vez que muitos perdem seus documentos ou os penhoram para usar drogas.

Essa política nacional da qual Edson tanto se orgulha, para ele, ainda precisa virar lei, mas já parece um grande avanço. “Foi um decreto que o Presidente Lula deixou para nós, mas ele deixou porque foi na pressão. Política é como feijão, só se cozinha na pressão”, comenta Edson muito bem-humorado.

Mais um ponto importante com o qual Edson se anima ao falar do MNPR é a possível criação de um censo para a população de rua. Ele comenta que, até hoje, não há dados mais precisos que uma estimativa feita em 2008. Na época contavam-se 2.756 pessoas em situação de rua em Curitiba. Mesmo assim, o abrigo da FAS, que permite aos moradores de rua apenas dormir, tomar banho e ter uma ou duas refeições, conta com 380 vagas.

O Movimento Nacional da População de Rua foi originalmente iniciado em uma conferência de catadores de lixo em Belo Horizonte no ano de 2005, quando o MNPR foi oficialmente lançado como um movimento. Antes disso, entretanto, já havia começado a articulação para iniciar o movimento propriamente dito. Um dos fatos desencadeadores para isso acontecer foi a Chacina da Praça da Sé, episódio que vitimou sete moradores de rua em uma única noite nessa praça da cidade de São Paulo, que foi seguida ainda por várias outras ações do tipo pela capital paulista. Edson conta que, a partir disso, a população de rua sentiu a urgência de se organizar e lutar pelos seus direitos.

Ainda assim, o próprio MNPR, através de uma cartilha educacional que divulga entre seus militantes, remete sua origem às primeiras organizações de moradores de rua já na década de 1960. Essas organizações não caracterizaram um movimento propriamente dito, mas conseguiram programar algumas manifestações em grandes cidades brasileiras. Isso aconteceu novamente na década de 1990.

Desde 2005, quando o movimento passou a existir, vários militantes iniciaram as articulações do MNPR em grandes cidades de todas as regiões do Brasil. No Paraná, por exemplo, há dois grandes núcleos com importância nacional, o de Curitiba e o de Londrina, no norte do estado.

Na mesma cartilha, o MNPR esclarece ainda alguns princípios e diretrizes que desejam seguir e coloca a democracia e a valorização do coletivo como seus pontos principais. É possível conferir todo o material em <http://1drv.ms/1kLRihG> ou em:



4 Regiane, a mãe

Morar na rua não é a situação mais agradável pela qual uma pessoa pode passar. Você precisa aprender a se virar construindo uma rotina que lhe permita o mínimo para a sobrevivência e ainda fica sujeito a condições fora do seu controle, como a violência. Para uma mulher, viver dessa maneira é ainda mais complicado. Existem inúmeras outras dificuldades que os homens nem sonham em enfrentar, muitas delas provenientes da desvantagem física que elas têm em relação a eles. Isso implica tentativas de agressão e de abuso constantes e, quando a mulher de rua não conta com um grupo para protegê-la, as tentativas se consumam.

“A mulher é forte, mas ao mesmo tempo é fraca.” É assim que Regiane da Silva Keppe, de 41 anos, tenta explicar toda essa condição do sexo feminino quando faz parte da população de rua pelo Brasil. Ela comenta que o homem é mais ágil e prático para tudo na rua, inclusive para “ir ao banheiro”. Não há dados mais precisos, mas é possível perceber que existem muito mais homens morando nas ruas que mulheres. Ao acompanhar o café da manhã na Casa São José, das irmãs vicentinas, por exemplo, nota-se que, dos 50 atendidos no refeitório, as mulheres raramente representam mais que meia dezena.

Isso as torna uma minoria e, por ser assim, praticamente não há ações de ajuda específicas para elas. Não há abrigos exclusivos para mulheres em Curitiba e também não há políticas de atendimento médico específicas para mulheres em situação de rua.

Regiane esclarece essas condições porque já presenciou tudo isso, apesar de ter experimentado a rua de uma maneira diferente das demais mulheres. Ela acabou por morar na rua por escolha própria. Regiane conheceu seu futuro namorado Wald Frank Pereira da Silva Dias em meados de 2011 e, depois de ficar perdidamente apaixonada, resolveu morar com ele. Acontece que Frank morava na rua e, mesmo com bastante receio no início, Regiane resolveu ficar ali por amor. Ela lembra com precisão o dia em que isso aconteceu, portanto passou a morar na rua de vez em 18 de julho de 2011. Esse período de sua vida só terminaria dois anos depois. Dessa forma, Regiane passou

mais tempo em situação de rua que Maurício, mas bem menos que Edson, que você conheceu nos capítulos anteriores.

Regiane não tinha o que pode se definir como família equilibrada ou acolhedora. Ainda assim, isso não a levou a morar na rua. Antes de decidir viver com Frank, Regiane morava em Colombo, na região metropolitana de Curitiba, em uma casa alugada que dividia com mais duas amigas. Ela tinha acabado de conseguir um novo emprego que parecia ser mais estável que os anteriores: era atendente do supermercado Condor do bairro Santa Cândida, na região norte da capital paranaense. Menos de um mês após iniciar suas atividades nessa empresa, Regiane já resolveu largar tudo por amor e começou sua trajetória de rua.

Outra dimensão peculiar da vida de Regiane é que, diferente de todos os ex-moradores de rua e pessoas que ainda estão nessa situação que contribuíram para contar essas histórias que você lê, ela não tinha qualquer vício em drogas ou alcoolismo. Nem antes, nem depois de começar a morar na rua. Regiane deixa bem claro que tudo aquilo a deixava com repulsa. Ela nunca entendeu por que seus colegas e Frank usavam crack, maconha e outras drogas. Apesar disso, ela fuma cigarros comuns há muitos anos e não vê razões para parar.

Na rua por amor

Regiane conheceu o amor de sua vida, Frank, por acaso no centro de Curitiba. Ela conta que se encontraram em algum estabelecimento da Rua Cruz Machado e começaram a conversar. Ela percebeu que ele não estava completamente sóbrio, tendo utilizado algum tipo de droga imediatamente antes disso. Por alguma razão, depois de conversar um bocado, Frank a deixou por ali mesmo e avisou a ela que usava crack, o que poderia ser uma forma de espantar Regiane. Ela deixou por isso mesmo naquele momento, mas, dois dias depois, o futuro casal se reencontrou na região central da cidade. Dessa vez, Frank não estava sob o efeito do crack. Eles ficaram juntos e, depois de muito papo, ele

a levou para conhecer o local em que morava. Até aí, Regiane não sabia que Frank estava em situação de rua.

Ele dizia que morava ali pertinho. Era para eu ir conhecer a casa e os amigos dele. Quando cheguei na frente da Galeria Minerva, vi aquela renca de gente. Uns treze homens, mais ou menos. Ele disse então: "Aqui que eu moro." Eu fiquei assim... "Nossa!" Esse foi o primeiro impacto. Ele começou a apresentar um por um. Eles falavam para ninguém mexer comigo porque eu era a "menina do Frank". Depois ele foi lá em um bueiro, tirou duas mantas, um bocado de papelão, arrumou uma manta em cima do papelão e deixou outra para a gente se cobrir.

Até aí Regiane não parecia acreditar muito no que estava se passando. Mesmo assim, estava decidida a ir embora a qualquer momento, mas não sabia como agir naquela situação. Se soubesse, não teria esperado Frank nem mesmo arrumar o local onde os dois acabariam dormindo naquela noite, na rua, junto ao grupo de rapazes que ficavam sempre com ele.

Vendo-se enrolada com Frank e com sua manta na primeira noite na rua, Regiane começou a calcular então como iria para casa logo que amanhecesse. Ela acabou ficando por ali mesmo por insistência do novo namorado. Regiane conta ainda que a primeira noite na rua foi uma experiência pouco confortável e até constrangedora. Ela precisava ir ao banheiro, mas, como estava na rua, não poderia fazer mais do que segurar por um tempo.

Fiquei sem dormir aquela noite. Tinha vergonha de ir ao banheiro, até porque não tinha banheiro para ir. Como que eu ia fazer? Fiquei a noite inteira até o outro dia de manhã apertada. Estava estourando, sabe? Eu não conseguia dormir por causa das luzes, do pessoal passando para lá e para cá... Eu levantei e falei que iria embora. Ele pediu para eu não ir. Ele queria me mostrar onde eles comiam, tomavam café, tomavam banho, onde eles batiam um rango, né? Eu disse que iria para casa à tarde. À noite ele me levou no centro POP João Dorvalino para jantar. Aí eu disse que iria embora. E quem disse que ele me deixou ir? Segurou na minha mão e disse que não era para eu ir embora. E eu fiquei preocupada com meu serviço, mas acabei deixando isso para lá. Não fui mais trabalhar.

Eu nunca pensava que um dia iria cair na rua. Nossa, eu andava nesse centro aqui e via essa piaçada na rua e pensava: "Essa cambada de vagabundo, pedindo dinheiro, pedindo cigarro, por que não vão trabalhar? São todos homens fortes! Vão é usar droga." Mas quando você vive com eles, você vê que não é isso. É uma doença mesmo. Por mais que ele queira, ele não consegue parar. Eu via pelo Frank. Por mais que ele não quisesse, sempre chegava um ou outro e oferecia para ele. Daí pronto. Quando o diabo não vem, sempre manda o secretário.

A trajetória de rua de Regiane foi bastante diferente da de outras mulheres na mesma situação por uma série de fatores. Desde o início, ela já contava com um grupo que praticamente a blindou de perigos a quais mulheres normalmente estão sujeitas na rua. Regiane não sofreu agressões, não foi abusada, tampouco passou fome. Ela também nunca precisou mangupear, como Edson e Maurício, sendo que Frank e os demais

colegas de seu grupo sempre arranjavam alguma coisa para ela quando havia necessidade. Por conta disso, Regiane conta que não sofreu durante seus dois anos de rua. Ela explica que não pode reclamar de nada além da chuva. “As pessoas falam que ficar na rua é ruim. É ruim, mas quando chove... quando chove é péssimo, é terrível. Nunca passei frio, nunca passei fome, cigarro sempre tive, nunca faltou, sabe?” A chuva para ela parece tão terrível que ela fala desse fenômeno da natureza como se fosse um carrasco que a perseguia. Com muita raiva, em resumo.

Frank

Ao mesmo tempo que se amavam, se protegiam e ficavam juntos a maior parte do tempo, Frank e Regiane não podiam ser definidos como casal perfeito. De acordo com ela, as brigas eram frequentes. Eles terminavam e voltavam, faziam birra, desapareciam por alguns dias e reatavam o relacionamento que ela classifica como “intenso”. Não dá para dizer que era “a tapas e beijos” apenas porque os dois não batiam um no outro com a finalidade de machucar.

Regiane conta que o conteúdo das brigas era o mais diverso, mas os xingamentos sempre acabavam sendo os mesmos. Ela admite que “jogava na cara” de Frank que tinha abandonado sua antiga vida para morar na rua com ele, apenas para botar mais lenha na fogueira. Ele ficava bastante chateado com essa situação, e Regiane admite também que era “ruim” dessa forma de propósito. Por outro lado, a arma de Frank contra as malcriações de sua mulher era o velho e eficiente “gelo”. “Quando a gente brigava, eu vivia correndo atrás dele. Ele sabia que eu não ia abandoná-lo e ele se aproveitava disso”, explica Regiane confirmando que o gelo realmente funcionava contra ela.

Nós ficávamos dois ou três dias brigados, mas depois esses dias começaram a aumentar, passou para quinze dias. A gente ficava separado na rua. Onde ele estava eu não chegava, onde eu estava ele não chegava e, quando nos encontrávamos, era só xingamento. Nossas brigas aconteciam porque eu era ruim mesmo, grossa, estúpida.

Enquanto eu brigava com Frank, fui aprendendo com o tempo e com ele. Ele me ensinou muitas coisas. Perdi o medo de altura, aprendi a não ter medo das coisas. Tudo o que aprendi, de bom e de ruim, foi com ele. De ruim, eu aprendi a gostar da rua, de viver na rua.

Além dos momentos em que esteve separada de Frank por causa das brigas, Regiane se via sozinha às vezes quando o namorado tinha recaídas com o crack. Ele não era um usuário extremamente dependente, como os que usam a droga todos os dias, mas os fins de semana eram sempre críticos, como Regiane lamenta explicando. Se ela o impedia de comprar as drogas com o dinheiro que os dois conseguiam com a “correra”, sempre havia alguém para oferecer a ele um pouco.

Ela conta que, quando Frank consumia a primeira pedra de crack, não havia mais o que fazer. Eram necessários alguns dias para que ele resolvesse parar por si próprio. Às vezes, esses períodos de recaídas duravam três ou quatro dias e, nesse meio tempo, Regiane acabava sozinha. Os rapazes do grupo de que ela e Frank participavam eram os que se encarregavam de ajudá-la com comida, dinheiro, cigarros etc. “É por isso que eu gosto muito desses piás. Se alguém fizer alguma coisa comigo, eles pegam.”

Apesar disso, o relacionamento de Regiane e Frank não era feito apenas desse tipo de dificuldade. Para comemorar as festas de fim de ano entre 2012 e 2013, o casal e o restante do grupo resolveram juntar dinheiro para viajar ao litoral paranaense. Ficaram três semanas por lá, invadiram uma casa abandonada e fizeram dela um abrigo temporário. Regiane conta que se divertiu muito, comeu camarão e se sentiu uma verdadeira turista.

Eles foram para o litoral de ônibus, mas voltaram para Curitiba a pé. Subiram a serra com suas mochilas pesadas até a praça de pedágio da BR-277 em São José dos Pinhais. Desse ponto até a cidade, os dois pegaram um ônibus do sistema de transporte urbano.

Dessa aventura toda, o que realmente marcou Regiane não foi a praia ou a diversão no litoral, mas sim a viagem de volta. Foram dois dias e meio caminhando e catando moedas que encontravam no acostamento. Regiane conta que eram tantas que parecia que as pessoas jogavam de propósito para eles. Ao fim da viagem, arrecadaram cerca de R\$ 50 em moedas de R\$ 1,00 e R\$ 0,50.

Na primeira noite, dormiram em uma casa próxima à estrada e, na segunda, pararam em um restaurante abandonado próximo à praça de pedágio. Regiane classifica o local como

“sinistro”, “assustador”, e usa ainda outros adjetivos para mostrar o seu descontentamento com o lugar.

Tinha um velhinho que aparecia e sumia do nada. Eu tinha levado uma barraca e, quando a gente estava armando, ele apareceu. Não vimos de onde ele chegou nem nada. Logo ele foi embora e sumiu. Ele começou a falar que lá tinha “visagem”. O velhinho falava para a gente que lá tinha visagem. Ele apareceu de novo de madrugada e, quando vimos, aquele velhinho estava dormindo no nosso pé, acredita? Eu acordei e levei aquele susto com o velho dormindo no meu pé. Quando eu deitei de novo eu vi aquilo indo embora. Acho que ele é que era a visagem.

Algum tempo depois dessa viagem “sinistra” de volta do litoral para Curitiba, Regiane engravidou. Essa era a terceira vez que isso acontecia depois que começou a morar nas ruas com Frank. Nas vezes anteriores, ela teve abortos espontâneos, sendo que o primeiro foi uma grande surpresa, tendo ela descoberto que estivera grávida somente quando seu médico disse que um aborto tinha acontecido.

Por conta do histórico, Regiane teve sua gravidez classificada como de risco. Assim, para conseguir completar a gestação, ela deveria permanecer em repouso praticamente absoluto. Foi internada então em uma casa de apoio a dependentes químicos e andarilhos. Ficou a gestação quase toda por lá enquanto Frank permaneceu nas ruas sozinho. De alguma forma, ele acabou pegando leptospirose e, por falta de tratamento, veio a falecer. Antes da confirmação oficial, suspeitava-se de HIV e anemia. A primeira hipótese foi descartada, uma vez que Regiane não carregava o vírus.

Quando eu me internei, desconfiava que ele estava com anemia porque ele dormia demais. Disse para ele ir ao médico por causa disso. Ele dizia que não, que era cansaço. Quando eu me internei, ele ficou sozinho na rua. Ele se isolou, ficou perdido e se afundou mais ainda nas pedras. Começou a fumar demais, já não se cuidava. Quando eu passava aqui no centro para ir ao médico, ele falava para mim que ele estava dormindo no abrigo e ele não estava, estava na rua. O pessoal começou a falar para mim que ele estava andando na chuva só de calção e chinelo com uma coberta nas costas. A última vez que eu o vi, ele estava muito, muito feio. Isso foi no dia 05 de junho de 2013. Faria dois anos que a gente estava junto no dia 19. Fizemos almoço para nós dois, passamos o dia juntos. Quando nos encontramos, eu passei por perto dele e não o reconheci. Estava bem acabado. Meu braço era a perna dele. O rosto estava chupado. Os ossos todos aparecendo. Eu disse para ele que achava ele bem acabado. Ele estava tomando seis sulfatos ferrosos por dia por causa da anemia. Eu até pensei em abandonar tudo, grávida mesmo, e sair para rua para cuidar dele, mas ele não deixou. Quando eu soube da morte, ele já tinha sido enterrado. O Frei Chico veio um dia conversar comigo e me perguntou se eu estava bem. Eu respondi que sim. Ele me perguntou de volta e eu disse: “Eu estou bem, sim”. Ai ele falou que estava perguntando porque meu marido tinha morrido. Mas ele falou como seu eu já soubesse, quase com expressão de brincadeira. Eu até falei: “Ele está praticamente morto, né, frei? Ele está muito doente.” Então ele me falou que Frank tinha morrido mesmo. Mas a ficha não tinha caído. Sabe quando você não quer acreditar?

Frei Chico ou Francisco Manoel de Oliveira, 62 anos, é o presidente da Associação das Casas do Servo Sofredor, instituição ligada à Igreja Católica. Essa instituição foi

a que acolheu Regiane em sua gestação por intermédio da irmã Joaquina, da Casa São José. Frei Chico visitava com determinada frequência o abrigo que acolhia as mulheres e sempre conversava com Regiane. Nessa oportunidade, ele não imaginava que ela não tinha ainda recebido a notícia.

Eu que avisei a Regiane sobre a morte de Frank, pois a assistente social da FAS ligou para saber se ela estava conosco, daí ela disse o motivo da morte. A Regiane nem sabia onde ele tinha sido enterrado, nem foi visitá-lo. O Frank tinha família no Sítio Cercado; a FAS avisou a família, que foi buscar o corpo. Eles não sabiam do envolvimento dele com a Regiane e nem conhecem o filho. A Regiane não quis procurar os pais do Frank.

Mãe de Francisco

Francisco da Silva Keppe não leva o nome de seu pai em sua certidão de nascimento. Regiane explica que isso pode mudar em algum tempo, uma vez que há uma audiência marcada para resolver o problema, que aconteceu pelo fato de Frank ter morrido antes do nascimento do seu filho e a mãe não possuir um atestado de óbito para confirmar a paternidade. Regiane pretende lutar para que o filho possa ser registrado novamente em breve.

Além disso, Regiane se mostra bastante decidida quanto a tudo o que envolva seu filho. Durante a gravidez, ela pensou em doar a criança em diversas oportunidades, mas Frei Chico a convenceu a esperar o nascimento, ficar com ele por algum tempo e, depois disso, avaliar a situação. Ela não precisou avaliar mais nada depois que Francisco nasceu. O dia foi 14 de novembro de 2013 e Regiane mudou-se para casa de um casal de amigas. Ela não quis mais dar a criança para adoção nem para qualquer conhecido.

O período de gestação foi bastante conturbado. Não apenas pela gravidez de risco por conta de uma condição no útero de Regiane, mas também pelo fato de ter perdido Frank durante esse período. Regiane ficou bem deprimida e, nesse momento, houve alguns surtos em que ela não queria mais saber de ficar com a criança.

Com isso, eu desisti de comer, desisti de dormir, comecei a entrar em depressão, não queria mais ficar na casa, eu queria ir para a rua. De tanto elas da casa Edith Stein conversarem comigo, explicando que era agora que eu teria que me cuidar, eu fiquei. Mas a única coisa que eu tinha era

o Frank e, depois, eu não tinha mais ninguém. Deus que me perdoe, mas eu queria dar o meu filho, não queria mais nem saber dele. Eu falava para todo mundo que não queria ter o bebê porque, se eu não estivesse grávida, o Frank não teria morrido. Joguei toda a culpa em cima da criança, na minha gravidez, por eu não ter ficado ao lado dele.

Regiane mostrava resistência ao internamento desde o início. Ela não queria sair da rua e deixar Frank sozinho pois já temia o que poderia acontecer. Ela não imaginava, entretanto, que ele pudesse ficar tão mal como ficou enquanto ela cuidava do filho do casal ainda em gestação. Por fim, Frank a convenceu a ir.

Frei Chico acompanhou o caso de Regiane na Casa Edith Stein desde o início e explica que ela não confiava em ninguém e era completamente indecisa. Por conta das notícias que recebia sobre o estado de saúde do companheiro que permanecia nas ruas e por presenciar sua aparência decadente nos quatro encontros que tiveram depois que ela foi internada, Regiane ficava perturbada com o que poderia acontecer a Frank enquanto ela não estivesse por perto.

Ela chegou muito revoltada porque ela não tinha onde deixar a criança. Num momento ela queria criar a criança, em outro não queria mais e desejava voltar para a rua e para o seu marido. Era uma mulher completamente dividida. Então ela decidiu não criar a criança, daí eu falei que iria ajudá-la, ela iria ficar na casa, ia ganhar roupas, refeições, médicos, ia fazer todo o tratamento, ter a criança e, 45 dias depois, eu providenciaria o berço, um quarto para o filho dela. Depois desses 45 dias convivendo com a criança, a gente conversaria sobre o destino dela.

Paralelamente à ajuda que Regiane recebia na instituição em que se internara, um casal de amigas a auxiliou com uma série de recursos, inclusive com a companhia. Suelen e Fabíola já conheciam Regiane há alguns meses antes do início da gravidez. Elas trabalhavam na produção de comida em massa e frequentemente alimentavam o grupo de Regiane e Frank na hora do jantar. Elas levavam marmitas praticamente todos os dias para eles.

Quando Regiane finalmente teve seu filho Francisco, Suelen e Fabíola a convidaram para morar com elas. Elas ajudariam Regiane e seu bebê e dariam o que ela precisasse para manter a criança. Regiane aceitou a ajuda e saiu da Casa Edith Stein antes dos 45 dias que tinha combinado com o frei.

A convivência com elas, de acordo com Regiane, era bastante agradável no início. Elas ajudavam a nova mãe com o que conseguiam. Isso acabou, entretanto, quando Regiane foi participar de uma capacitação do MNPR fora de Curitiba. Ela saiu da casa e não pôde

avisar a Suelen e Fabíola, pois as duas não estavam por lá. Enquanto Regiane passava o fim de semana fora com o filho, suas acolhedoras foram à sede do MNPR reclamar de sua ausência, acreditando que Regiane tinha voltado para a rua.

Dizem que elas chegaram aqui e começaram a falar um monte de mim. Elas diziam que não queriam que eu deixasse o Francisco conviver com os piás da rua. Elas diziam que eu deixava o piá chorar, que eu não cuidava dele, que elas estavam dando de tudo, que tinham comprado carrinho, o bebê-conforto. Sabe aquele tipo de jogar na cara? Aí eu não me contentei e liguei para elas. Falei que iria na casa delas, arrumaria minhas coisas e sairia de lá. As coisas que elas deram para o Francisco ficariam todas lá. Se for para me dar e depois ficar jogando na cara, eu não quero. Fui lá e não falei com elas. A mãe de uma delas que me recebeu e falou comigo.

A mãe dela falou: "Regiane, você pensa bem, você está saindo, tem o Francisco, as meninas amam o Francisco. Eu vou te dar três opções: uma é você dar a guarda para as meninas, a segunda é você ficar com ele e a outra, você pode até dar para outra pessoa, mas não vai ter o mesmo amor que ele tem das meninas." Eu disse que eu não precisava pensar. Não vou dar para ninguém. Vai ficar comigo. O que tiver que passar, ele vai passar. Se for para dar comida a ele e eu ficar com fome, eu vou ficar, mas dar ele, não.

A conclusão de tudo isso é que elas pensavam que, eu vindo morar com elas, como eu tenho trajetória de rua, eu iria conviver aqui com elas, iria querer sair para a rua novamente e iria largar o Francisco com elas. Elas viram que isso não aconteceu, que eu tive responsabilidade. Ele sempre ficava comigo, eu trazia para o movimento. Todo mundo falava para mim que elas queriam a criança. Eu achava que não. Depois da conversa com a mãe delas, eu percebi que elas tinham o interesse mesmo.

Suelen e Fabíola ignoraram os pedidos de entrevista para comentar sobre seu envolvimento com Regiane. Frei Chico, entretanto, também acredita que o casal queria ficar com a criança e, já na época da gestação de Regiane na Casa Edith Stein, ele tinha proibido visitas de qualquer pessoa a ela, com exceção de Frank, temendo segundas intenções. Por fim, Regiane decidiu criar seu filho e morar com ele em um quarto de pensão. Como ganha praticamente tudo o que a criança precisa através de doações, ela está guardando o dinheiro que consegue em uma poupança para o menino. Quando ele tinha quatro meses de vida, ela já tinha depositado R\$ 100 em sua conta. Regiane, entretanto, ainda não decidiu qual será a finalidade específica do dinheiro.

Mãe do povo da rua

Regiane não é apenas mãe de seu filho Francisco. Ela tem mais três crianças, frutos de seu primeiro casamento. Elas moram com o pai há cerca de quatro anos. Mas, além disso, ela é mãe também de praticamente todo morador de rua que a conhece, pelo

menos no que toca o lado sentimental. De acordo com Regiane, por ter sido a primeira e única mulher a fazer parte do grupo de Frank, ela era tratada de forma especial.

Fora isso, como era mais velha que a maioria deles, de vez em quando servia de ombro para chorar e de ouvido para desabafar. Ela explica que muitos dos seus colegas de rua contavam seus problemas para ela e, com o tempo, ela começou a ser praticamente uma especialista em aconselhá-los e ouvir o que tinham a dizer. Em determinado momento, um deles chegou a dizer que ela era como uma mãe por conta desse costume. Acabou virando um apelido.

Antes de receber a alcunha de “Mãe”, Regiane foi a “Primeira-Dama” e, mais tarde, a “Princesa Elizabeth”. O novo apelido, entretanto, foi o que durou e que a designa até hoje.

Às vezes tem até uns velhinhos de cabelo branco que me chamam de mãe. Eles sempre se abrem comigo, eu cuido deles, eu faço o que eu posso por eles. Até hoje eu sou respeitada na rua por todo mundo. Todos me conhecem como mãe. Todos eles me chamam de mãe. São todos meus filhos de rua. Quando eu cheguei no grupinho, eram só homens, mulher não tinha. Eu era a única que apareceu por lá e ainda não bebia, não usava droga, só o meu cigarro, e também não era de me envolver com essas coisas. Então eles me tiraram para exemplo. Por mais que eles estivessem fumando droga na minha frente, eu nunca senti vontade. Quando não é para a gente, não adianta.

Regiane não servia apenas de exemplo para seus colegas de rua. Ela também aprendeu algumas coisas que considera muito importantes com eles. Antes de conhecer o grupo com o qual permaneceu por dois anos, ela se considerava uma pessoa extremamente egoísta. Ela não conseguia dividir o que tinha com ninguém e também não se preocupava em pensar nos outros antes de agir. Regiane afirma que isso mudou enquanto esteve nas ruas com o grupo de Frank, vendo como eles agiam e como se importavam uns com os outros.

De acordo com suas experiências, Regiane pode afirmar que um morador de rua, quando tem algum recurso sobrando, não pensa duas vezes antes de dividir com alguém que precisa daquilo. Cobertores em dias frios, comida na hora do jantar, pão logo cedo e assim por diante.

A mãe de Francisco parece ter gostado tanto dessa filosofia de vida na rua que afirma ter ido longe demais com isso. Seu companheiro falava que, um dia, ela iria cansar de dividir o que tinha com todo mundo. Até que isso aconteceu.

Ela trabalhava como panfleteira nas esquinas e semáforos do centro de Curitiba e, com isso, ganhava o suficiente para conseguir algum dinheiro para comprar uns poucos itens e manter a sua carteira de cigarros sempre cheia. Quando voltava para o local onde passava o resto do dia com os colegas, eles pediam e ela dava praticamente todos os cigarros que tinha comprado. Determinado dia, com muito cansaço acumulado, ela não quis mais dividir os cigarros com ninguém, já que eles não queriam trabalhar com ela para conseguir seus próprios meios de fumar. “Xinguei tanto que não sobrou um daqueles piás perto de mim”, comentou arregalando os olhos e gesticulando para deixar a cena mais compreensiva.

Regiane conta que ainda tem muito carinho por todos eles e, pelo que parece, o sentimento é recíproco. Eles a chamam de mãe, ficam calados quando ela pede ou ordena e ainda a ajudam com dinheiro para pagar seu aluguel na pensão.

Filha de duas mães

Quando se diz no início deste capítulo que Regiane não tinha uma família equilibrada, a referência vem de uma série de acontecimentos relacionados às mães que ela teve. A mãe de vários rapazes que moram na rua foi criada por uma mãe adotiva, Dona Eunice Henkel Keppe, que recebeu a missão de cuidar da menina logo após seu nascimento. Cecília Alves é a mãe biológica de Regiane, que nasceu fora do casamento. Por conta disso, se viu obrigada a dar sua filha para alguém.

No fim das contas, Regiane acabou sendo adotada oficialmente e recebeu o nome dos pais adotivos, mas, quando tinha cerca de cinco anos de idade, ela ficou sozinha com dona Eunice. Algum tempo depois, a menina ganhou um padrasto.

Até seus 15 anos, Regiane viveu com essa família. Ainda assim, conta que precisou largar a escola no sétimo ano do ensino fundamental e nunca mais retomou. Quando saiu de casa, resolveu viver sozinha, já que não se dava muito bem com o padrasto, até que um dia conheceu o seu primeiro marido, o vigilante Marcos Antônio da Silva, com quem teve os três primeiros filhos.

De acordo com Regiane, a razão para sair de casa tão cedo foram os problemas com o padrasto. Ela era agredida frequentemente por ele e, em algumas oportunidades, chegou a ser molestada. Regiane não quis contar para sua mãe naquela época sobre esse problema, mas pediu que Dona Eunice escolhesse. Seria Regiane ou seu marido que permaneceria com ela em sua casa. Ela escolheu o marido, e Regiane foi embora.

O primeiro casamento, com Marcos, foi por amor, como Regiane faz questão de explicar. Ela foi avisada de que teria uma pessoa bastante ciumenta ao seu lado, mas não captou muito bem a mensagem de início. Ficou treze anos com Marcos e conta que sofreu com ele muito mais do que sofreu na rua em geral. Ela foi agredida algumas vezes, era xingada e, ao falar com qualquer homem, se policiava para que o marido não descobrisse. Qualquer atividade da mulher para ele era suspeita.

Veio o divórcio e Regiane ficou com seus três filhos, Lohan, Cauane e Maxuelem. Ela foi morar na casa da mãe biológica dessa vez, sendo que não era bem-vinda na casa de Dona Eunice por conta do padrasto. Ela trabalhava o dia todo, e suas crianças ficavam com a avó, primos e tios em casa. Eles reclamavam para Regiane que apanham quase diariamente. Dona Cecília sugeriu um dia que ela entregasse as crianças ao pai, pois elas “eram um estorvo na vida de Regiane”, de acordo com a avó.

Eu falei que iria entregar, mas eu sabia que iria doer meu coração. Eu falei que sairia da casa dela para ela nunca mais me ver. O Marcos chegou para pagar a pensão e eu falei para ele levar as crianças que era melhor para elas. Quando ele levou elas, nossa... Eu vi ele saindo com as crianças e aquilo me doeu coração de uma forma e fui para dentro e chorei, chorei, chorei. Troquei de roupa, fechei meu barraquinho, joguei a chave fora e fui embora. Eu falei para minha cunhada que minha mãe me fez entregar as crianças e, por isso, ela nunca mais iria me ver. Saí de lá e nunca mais voltei.

Saindo da casa da mãe biológica, Regiane foi morar com suas duas amigas em uma casa alugada. Algum tempo depois disso, ela conheceria Frank e, em alguns dias, largaria tudo para viver com ele nas ruas de Curitiba. Depois de algum tempo com o novo

amor, Regiane estava a fim de se estabelecer. Queria criar uma família, ter uma casa e viver da forma como a maioria das pessoas vive. Para isso, entretanto, ela deveria sair da rua e ter um lar para criar seu filho. Sendo assim, ela e Frank foram morar na casa de Dona Eunice. Regiane já estava grávida e, somente por isso, decidiu viver novamente junto ao padrasto. Para isso, Frank deu um tempo no crack e começou a fazer “bicos”, alguns trabalhos temporários e informais.

Alguns meses depois, uma discussão entre Regiane e seu padrasto evoluiu de um simples “bate-boca” para uma grande briga, quase nas proporções da de Maurício com seu irmão Vinícius. Houve gritaria, socos e até uma faca envolvida.

Meu padrasto veio para me bater, eu empurrei ele em cima de uma cama e eu ia matar ele, só não matei porque minha mãe não deixou. Eu fui com uma faca para matar ele. Eu estava com tanta raiva. Eu apanhei muito dele quando era criança. Por isso saí de casa. Eu apanhava de chicote, de bainha de facão, de qualquer coisa que tivesse. Ele ainda tentou me abusar quando eu era criança. Eu guardei tudo aquilo, mas nunca falei nada para minha mãe. Tinha medo de que pudesse acontecer o que aconteceu dessa última vez. Na primeira vez, ela já me trocou por ele e eu perdoei, e na segunda vez ela me trocou de novo pelo mesmo homem. Aquela raiva que tinha em mim saiu. Fui na gaveta pegar uma faca.

Depois de Regiane avançar no padrasto com a faca, Dona Eunice tentou segurar a filha. Nesse intervalo, o padrasto segurou a faca na parte do fio e, quando Regiane puxou a arma para livrá-la dele, os dedos do homem foram cortados.

Larguei a faca e bati um monte na cara dele, tanto que levantou um calombo no olho. Minha mãe falava: “Regiane, olha o que você fez!” Eu disse para ela que aquilo era pouco por tudo o que ele tinha feito para ela. Eu falei das vezes que ele tentou me abusar também. Ela só gritou: “Vá embora!”

Na rua, a gente é livre

Como um observador externo, é difícil imaginar que uma pessoa que permaneceu dois anos nas ruas possa ter vontade de voltar. Há uma infinidade de dificuldades possíveis de se imaginar quando alguém está nessa situação. A própria Regiane, além de Maurício e Edson, explica e deixa bem claro que quem mora na rua nunca está a passeio. Sendo assim, é lógico ter vontade de morar na rua depois de ter conseguido resolver esse problema?

Regiane sabe que admitir que tem vontade de voltar a morar na rua é um grande contrassenso. Tanto é que, durante as entrevistas para a produção desta história, ela explicou que nunca tinha revelado esse seu desejo íntimo para ninguém. Ainda assim, ela tem algumas razões para sentir saudades do seu tempo de rua.

Sabe que não tenho medo de voltar para a rua? Eu acho que é aquela velha história que falam: você sai da rua, mas a rua não sai de dentro de você. Então o que está me prendendo dentro de uma casa é meu filho. Se eu não tivesse ele, eu acho que ainda estaria na rua, mas por opção minha, por eu querer voltar e por causa dos amigos. A gente sente falta. Às vezes eu vejo os piás ali deitados, esculachados... Sinto aquela falta. Deus me perdoe falar isso, mas é verdade. Parece que na rua a gente é livre. Livre de tudo, livre de família, às vezes, de certas companhias. A liberdade em geral, você não me manda, eu não mando em você. Quando há um problema, tudo se resolve. Eu não me arrependeria se tivesse que voltar para a rua. Se eu falar que não sinto falta, vou estar mentindo. Então acho melhor eu ser sincera. Eu sinto falta.

Esse saudosismo em relação ao seu período de rua, como Regiane explica, tem muito a ver com a forma como ela vivenciou essa experiência. Como já foi comentado, ela teve uma espécie de círculo de proteção desde o primeiro dia que resolveu dormir com Frank nas calçadas da Galeria Minerva, no centro de Curitiba. Os amigos do seu companheiro a receberam de forma amigável e, por ser um grupo grande no qual ela sempre esteve inserida, não chegou a experimentar casos de violência como os relatados por Maurício.

Regiane admite que morar na rua é uma situação que envolve um tanto de perigo, mas isso não a assusta. Ela aprendeu a não ter medo de diversas coisas durante os dois anos com Frank, e o medo da suposta violência é um deles. Ela conta que, quando morava na casa dos pais, tinha medo de praticamente tudo. Temia sair sozinha, ficar sozinha em casa e até a altura. Tudo isso se foi.

O fato de ser uma mulher destemida nos dias atuais é consequência do amadurecimento de Regiane. Ela conta que isso aconteceu durante sua trajetória de rua e que, se não tivesse passado por isso, dificilmente teria o conhecimento de mundo que tem hoje.

Se eu não tivesse caído na rua, eu não teria amadurecido. Fui morar na rua com 39 anos e me considero mil vezes mais madura agora. Antes, eu não tinha cabeça, não ligava para nada. Eu era uma pessoa sem apego.

O morador de rua

O morador de rua ou a pessoa em situação de rua, para Regiane, tem uma aparência específica. Ela esclarece que não se refere exatamente ao que podemos imaginar logo de cara, uma pessoa suja e malvestida, mas sim a alguns aspectos peculiares que ela, observadora como é, foi notando ao longo de seus dois anos perambulando pelas ruas da capital paranaense. Essa aparência específica dos moradores de rua não é percebida somente por ela e, por isso, há certo preconceito com quem está nessa situação.

Regiane começou a sentir esse preconceito na pele quando teve coragem de admitir para as pessoas que encontrava pela cidade que era moradora de rua. Ela conta que, depois de esclarecer sua situação para o desconhecido, não demorava um minuto até que este fosse embora.

Por andar sempre bem vestida, na medida do possível, Regiane não aparentava estar na mesma condição que seus colegas. Isso a blindou de boa parte dos olhares tortos que alguns de seus amigos que não se importavam com sua aparência tanto quanto ela recebiam.

Quantas vezes mulheres passavam perto de mim e me falavam: "Cuidado, moça, você pode ser assaltada aí." Eu olhava para elas e dizia: "Não se preocupe, senhora, todo mundo aqui é minha família." Para uns eu falava que também morava na rua. Eu não tinha vergonha de falar que era moradora de rua. Quando eu falava para as pessoas que estavam sentadas ao meu lado nos bancos de praça que eu era moradora de rua, elas levantavam e iam embora logo. Tinham medo. A sociedade tem medo de moradores de rua.

Depois do baque inicial com o preconceito, Regiane passou a não dar mais tanta importância para isso. Na verdade, ela começou a abraçar as características que, a seu ver, identificavam os moradores de rua. Ela nunca tinha usado mochilas para carregar coisas em sua vida adulta, mas, como percebeu que todos os seus colegas de rua tinham uma, resolveu ela também largar a bolsa feminina e adotar o famoso "galo". Toucas, segundo Regiane, também são acessórios típicos de moradores de rua. Portanto, ela tratou de conseguir uma. Há ainda os cachecóis e outros detalhes para o inverno que, quando são usados todos ao mesmo tempo, identificam a pessoa em situação de rua.

No verão, Regiane explica que o tradicional é o chinelinho de dedo com alguns remendos, saias coloridas, bermudas rasgadas e assim por diante.

Outro costume do seu grupo de moradores de rua era o de sempre estar na rua. Nunca frequentavam o abrigo da FAS porque não gostavam do local por diversas razões. Regiane diz que sempre ouvia falar muito mal do lugar e, por conta disso, nunca quis dormir lá. Ela chegou a tentar ser atendida na fundação quando queria iniciar o pré-natal, mas, como já foi comentado, ela se assustou com a atitude dos atendentes e nunca mais retornou.

Quando estava frio, a gente ficava na Praça Tiradentes. Ninguém ia para a FAS, eu nunca fui dormir lá. Quando fui lá fazer o pré-natal, fiquei com medo. Mesmo quando chovia e eu estava sozinha, eu preferia ficar na rua. Dormia sozinha pelos cantos ou procurava os amigos. Falam mal da FAS, não gosto de lá, não. É um depósito humano. Quando estive lá, nossa... O banheiro lá era um nojo. Você sai de lá e perde todas as suas vontades.

Causa das mulheres

Frank foi o responsável por introduzir Regiane ao Movimento Nacional da População de Rua. Ele a levou a algumas reuniões logo quando os dois começaram a namorar, mas Regiane não achou muito interessante de início. O local onde o movimento se reunia ainda era em uma sala na sede do Ministério Público do Paraná. Mais tarde, o MP-PR cederia o prédio da Praça João Cândido ao Centro de Defesa dos Direitos Humanos e, com isso, o movimento foi realocado para as novas instalações. Quando Regiane teve Francisco, o local já estava no novo endereço, o que dava mais liberdade a ela e às demais pessoas em situação de rua para frequentá-lo.

Regiane voltou a ser parte ativa do movimento e leva Francisco todos os dias para o seu trabalho. Ela foi uma das responsáveis pela produção do jornal A Laje, dedicado aos moradores de rua e feito por pessoas que participam do movimento. A coordenação do periódico fica por conta do NCEP, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR. Hoje, Regiane é coordenadora municipal do MNPR e comanda a frente feminina.

Ela aceitou o desafio de olhar pelas mulheres por ter sentido as dificuldades extras que cada uma delas tem em relação aos homens quando moram nas ruas.

A maioria das mulheres na rua está grávida, perde a criança e não faz pré-natal. Eu fui tentar fazer o pré-natal, me mandaram para a FAS e lá você sabe como é.

A rua é bem diferente para a mulher. O homem é bem mais ágil. A mulher tem a vantagem, sim. Eu mesmo nunca manguueei, nunca consegui manguear. Eu fazia os piás pedirem as coisas para mim. Mas a diferença é que o homem sabe como viver na rua. A mulher sofre violência, tanto sexual quanto física e verbal. A mulher é forte, mas ela é frágil ao mesmo tempo. Mas na rua a fragilidade da mulher é mais visível. Ela não tem uma proteção natural.

Para mim, como eu tinha um grupo, era mais fácil. Eu nem pedia nada para ninguém. Quando dava fome, os meninos me perguntavam se eu estava com fome e me traziam comida. Ganhava até miojo cozido na rua.

Mudar de vida

Regiane não mora mais nas ruas desde que foi internada para concluir sua gestação. Ela teve seu filho Francisco e, 15 dias mais tarde, foi morar com Suelen e Fabíola. Depois de ter uma briga com as duas, foi morar em um quarto de pensão. Não voltou para a rua por conta de seu filho, ao qual ela deseja dar uma vida normal e longe das dificuldades pelas quais passou. Ainda assim, ela conta que quer mudar de vida. Fazer trabalho voluntário no MNPR e receber ajuda para pagar seu aluguel não é uma situação sustentável para ela.

Pelo Francisco estou mudando de vida. Sai da rua, sinto falta, mas não quero voltar. Meu plano é trabalhar, ter um lugar decente para mim e para meu filho. Quero dar tudo do bom e do melhor, pôr meu filho numa creche, trabalhar e tentar terminar os meus estudos. Se for preciso trabalhar 24 horas por dia, eu vou trabalhar, pois assim darei uma vida boa para ele. Quero vê-lo bem, não quero que passe pelas situações que passamos. A vida na rua, ele vai conhecer se ele quiser; se por acaso ele virar um viciado, eu tenho é que ficar do lado dele, não esculachar como fazem algumas mães. Minha vida é estar ao lado dele, para sempre.

Apesar de querer Francisco longe da rua, Regiane afirma que não esconderá de seu filho sua trajetória. Ela contará a ele sobre seu passado assim que ele tiver idade para saber e puder entender o que significa tudo aquilo. Ela também falará a verdade para ele sobre o pai, como ele acabou viciado em drogas por conta de uma ex-namorada, como ele também foi parar na rua e, por fim, como ele morreu.

Essa mudança de vida para a mãe de Francisco representa ainda uma série de novos costumes. Praticamente tudo o que ela tinha antes está diferente, até a religião. Desde criança, Regiane foi criada na fé cristã protestante. Sua mãe adotiva a ensinou esse caminho. Depois de procurar algum conforto para sua vida no cristianismo de várias vertentes e igrejas, ela resolveu assentar-se na mais tradicional.

Antes de conhecer a Irmã Joaquina, eu não ligava para religião, não me importava em ir à missa, rezar. Agora sou católica; antes eu era crente, quando estava casada. Eu ia para a igreja, mas daí começou a piorar tudo. Estava brigando com meu ex-marido, faltavam as coisas dentro de casa, daí pensei que, quanto mais eu ia na igreja, pior ficava. Daí comecei a frequentar outras igrejas, a Adventista, a Universal, a Mundial. Acabei me separando mesmo... Irmã Joaquina agora quer me batizar. O pessoal por aí fala que sou meio louca. Eles acham que, se me batizarem, vão me transformar.

5 Enquadrados

O Decreto Presidencial nº 7053 assinado em 23 de dezembro de 2009 pelo então presidente da República Luís Inácio Lula da Silva instituiu a Política Nacional para Inclusão Social da População de Rua. Essa política não tem caráter de lei e apenas rege a forma como o poder público no Brasil deve agir em relação a essa classe desfavorecida da sociedade. As diretrizes do documento, mesmo não sendo de cumprimento obrigatório pelos



municípios, já começaram a trazer alguns avanços para a área do serviço social relacionada às populações de rua. Em Curitiba, por exemplo, já existem os centros POP, consultórios na rua e abrigos que separam os acolhidos de acordo com suas características. Edson é um grande fã da política e diz ter lutado muito para pressionar a oficialização do decreto.

O texto da política nacional foi produzido em maio de 2008 e, de acordo com o MNPR, ainda precisa ser transformado em lei para que os benefícios e diretrizes que ela prevê sejam implantados em todo o país. Por enquanto, seguem o texto os municípios que assim desejam.

De qualquer maneira, a política foi um grande avanço em várias frentes, inclusive na identificação dos indivíduos que moram nas ruas. Uma pesquisa foi realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e contabilizou o povo de rua das grandes cidades brasileiras (capitais de estados e municípios com mais de 300 mil habitantes). Juntando os resultados do ministério aos de censos feitos previamente por algumas cidades, constatou-se que em 2008 havia no Brasil mais de 50 mil pessoas em situação de rua. A amostra não levou em conta as cidades que não se enquadraram no foco da pesquisa e, por isso, é possível que esse número seja maior. Apesar disso, não há como mensurar essa diferença, uma vez que cidades pequenas raramente apresentam populações de rua.

A pesquisa, além de fazer uma contagem, coletou alguns dados para identificar o perfil dessa população. Maurício, Edson e Regiane se enquadram em alguns desses números, mas alertam que, a cada ano, as quantidades ficam obsoletas.

Em média, 0,061% dos habitantes das cidades pesquisadas encontravam-se em situação de rua naquela época. A política nacional, com base nas diretrizes do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, define pessoas nessa situação da seguinte maneira:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento. Naturalmente, existem muitas outras especificidades que perpassam a população de rua e devem ser consideradas, como gênero, raça/cor, idade e deficiências físicas e mentais.

Como Regiane esperava, grande maioria desses indivíduos é do sexo masculino. O censo revela que 82% dos moradores eram homens, e mais da metade destes encontrava-se na faixa etária de 25 a 44 anos. Nesse caso, apenas Maurício encaixara-se na estatística. Edson, entretanto, começou a morar nas ruas enquanto ainda estava nessa faixa etária.

É interessante ainda observar a questão da cor da pessoa em situação de rua. De acordo com o levantamento do ministério, 39,1% da população de rua declarava-se de pele parda. Isso é bastante semelhante ao que se encontra na população brasileira em geral (38,4%). Ainda assim, pessoas com essa característica não correspondem à maioria dos brasileiros, mas na rua são elas que predominam. Regiane e Edson encaixam-se aqui. Já no caso dos brancos e negros, as proporções são bastante parecidas. Enquanto os brancos são a maioria da população em geral (53,7%), na rua eles representam apenas 29,5%. Negros contaram 27,9% nos números do ministério, enquanto na população geral somam apenas 6,2%. Maurício fazia parte desse grupo quando morava nas ruas. Os números da população geral são do Censo 2010 do IBGE.

Constatou-se ainda que a maioria da população de rua é alfabetizada. Ao todo, 74% sabem ler e escrever e, do restante que não possui esse conhecimento, 8,3% podem assinar o próprio nome. Dos pesquisados na época, apenas 3,8% frequentavam salas

de aula de algum tipo de curso. De todos, 48,4% não concluíram o ensino fundamental — o que incluiria Regiane —, enquanto 3,2% concluíram o ensino médio — o que incluiria Edson e Maurício.

Estima-se que 69,6% da população pesquisada costuma dormir sempre nas ruas ou em abrigos temporários que eles mesmos encontram, como marquises e locais abandonados. Esse era o caso de Regiane, Frank e seus colegas de grupo. Por sua vez, 22,1% frequentam equipamentos públicos para a população de rua, abrigos de ONGs e de instituições de caridade diariamente para o pernoite. Edson e Maurício usavam os equipamentos da FAS em Curitiba, mas não de forma contínua. A pesquisa ainda contabilizou os motivos declarados pelos quais essa população começou a morar nas ruas: 35,5% afirmaram que o motivo foi o uso de drogas e álcool; 29,8% diziam ser acometidos pelo desemprego e 29,1% foram para as ruas por desavenças familiares. Essas causas podem estar correlacionadas entre si, de acordo com o texto da política nacional.

Entre os pesquisados, 51,9% possuem algum parente que reside na mesma cidade em que se encontram, mas 38,9% não entram em contato com essas pessoas. O restante mantém contato, mas em períodos bem espaçados, de dois meses até um ano, o que era o caso de Maurício e Regiane. Os familiares de Edson estavam todos em Cornélio Procópio - PR. Além disso 70% da população de rua declara exercer alguma função remunerada. Catadores de material reciclável, flanelinhas/guardadores de carro e operários da construção civil são a maioria.

Quase 80% da população de rua de 2008 conseguia se alimentar diariamente com ao menos uma refeição. Boa parte consegue comprar comida com seu próprio dinheiro e muitos recebem doações diárias de alimento. Uma pequena parcela utiliza restaurantes populares. No caso da população de rua de Curitiba, todos os que foram entrevistados para a produção desta reportagem afirmaram que conseguiam se alimentar sem maiores dificuldades, sempre com duas ou mais refeições ao dia.

Essas informações sobre a população de rua são as mais atuais que se tem feitas de uma forma tão abrangente. Há levantamentos realizados por algumas cidades

posteriormente a isso, mas sempre de maneira isolada. Em Curitiba, por exemplo, chegou a ser iniciada uma pesquisa dessa natureza a mando da FAS, mas, segundo Cynthia E. Takahashi de Lima, do centro POP João Dorvalino Borba, ela não chegou a ser concluída.

Dessa maneira, acredita-se entre militantes do MNPR e pessoas envolvidas com o atendimento aos moradores de rua que, enquanto a Política Nacional para Inclusão Social da População de Rua não evoluir e se tornar lei, casos como os de Regiane, Edson e Maurício continuarão se repetindo, em situações piores ou melhores, pelo país.